Agatha Christie



CAI O PANO

O ÚLTIMO CASO DE POIROT

Hercule Poirot regressa à mansão de Styles, palco do seu primeiro caso. Na casa está reunido um grupo que muito agrada ao Capitão Hastings. O seu choque é, pois, imenso quando Poirot anuncia que, entre eles, se encontra um assassino implacável. Nenhum dos convidados tem perfil de criminoso, muito pelo contrário. Com o passar dos anos, a saúde do detetive deteriorou-se. Será que as suas célebres celulazinhas cinzentas vão desapontá-lo pela primeira vez?

Capítulo I

Quem não sentiu um súbito baque no coração ao reviver uma antiga experiência, ou ao sentir uma velha emoção?

"Já passei por isto, antes..."

Por que razão estas palavras nos emocionam tão profundamente ?

Foi a pergunta que fiz a mim próprio, quando me sentei no comboio, olhando para a paisagem plana de Essex.

Há quanto tempo tinha eu já feito esta viagem? E pensava então (ridiculamente) que o melhor da minha vida já tinha passado. Ferido nessa guerra que, para mim, fora sempre a guerra... *a* guerra que estava agora a ser fustigada por uma segunda e ainda mais desesperada guerra.

Ao então jovem Arthur Hastings parecera, em 1916, já ter atingido a maturidade. Nessa altura não podia aperceber-me de que a vida apenas estava no início.

Conquanto não o adivinhasse, nessa primeira viagem, ia ao encontro do homem cuja influência viria a modificar e moldar a minha vida futura. Concretamente ia apenas passar uns dias com o meu velho amigo John Cavendish, cuja mãe, recentemente casada em segundas núpcias, tinha uma casa de campo com o nome de Styles. Esperava encontrar aí pessoas minhas conhecidas, numa estada agradável e nunca mergulhar, como então aconteceu, nas malhas tenebrosas de um misterioso assassínio.

Era novamente em Styles que ia encontrar agora o estranho homenzinho, Hercule Poirot, que tivera ocasião de conhecer, pela primeira vez, na Bélgica.

Que bem recordava a estupefacção que senti ao ver o seu rosto bojudo, ornado por um grande bigode, vir ao meu encontro na rua da aldeia.

Hercule Poirot! Desde esses dias em que se tornou o meu mais querido amigo, a sua influência alterara-me a maneira de ser. Foi na sua companhia, na caça de um e, depois de muitos criminosos, que conheci minha mulher, a mais verdadeira e doce companheira que um homem poderia encontrar.

Jaz agora em solo argentino, tendo morrido como sempre desejara, sem sofrer a pena de uma longa doença, nem o depauperamento da velhice. Mas deixara, neste mundo, um homem muito solitário e infeliz.

Ah! Se eu pudesse voltar atrás, viver toda a minha vida, novamente... Se a tivesse conhecido logo nesse dia de 1916, quando, pela primeira vez, viajei até Styles... Que mudanças se teriam operado em toda a minha existência!

E quantas faltas notaria, agora, entre os rostos familiares com que iria deparar de novo! A própria casa Styles fora vendida pelos Cavendish. John Cavendish morrera e sua mulher, essa fascinante e enigmática criatura, conquanto estivesse ainda viva, morava agora em Devonshire, Laurence tinha-se fixado, com a sua mulher e os miúdos, na África do Sul. Mudanças... mudanças por toda a parte!

Mas pelo menos *uma* coisa era estranhamente certa. Ia agora

até Styles ao encontro de Hercule Poirot.

E como fiquei estupefacto ao receber a sua carta, vendo no topo timbrado o indicativo: Casa Styles, Styles, Essex.

Já não via o meu querido amigo há mais de um ano. Da última vez que o encontrara, fiquei chocado e triste. Era agora um velho, quase impossibilitado de andar, por causa do artritismo. Estivera no Egipto, na esperança de melhorar, com o clima quente e seco, mas regressara desalentado e a sua carta noticiava que se achava pior.

Apesar disso escrevera carinhosamente:

"Não o intriga, meu amigo, ler a direcção de onde lhe escrevo? Recorda-nos velhas memórias, não é verdade? Sim, estou aqui em Styles. Imagine que isto é agora o que eles chamam uma casa de hóspedes. É dirigida por um dos vossos velhos coronéis britânicos, muita "gravata distintiva da Academia Militar" e referências ao serviço na índia... "Poona". Bien entendu, *é a mulher dele quem faz andar tudo isto. Tem tanto de boa administradora e dona de casa, como de língua viperina e envenena toda a vida do pobre coronel. Se fosse comigo já lhe tinha ferrado uma sobradai*

Li o anúncio no jornal e a fantasia impeliu-me a ver uma vez mais o local que foi o meu primeiro lar, neste país. Na minha idade, temos prazer em reviver o passado.

E agora, imagine. Encontrei um cavalheiro, um baronete, que é amigo do patrão da sua filha. (Esta frase soa um pouco como um exercício de Francês-Inglês, não acha?)

Concebi imediatamente um plano. Ele desejava convencer o amigo e a esposa, os Franklin, como sabe, a virem até cá, no Verão. Franklin, que nunca interrompe o seu trabalho, traria Judith consigo, para auxiliá-lo. Isso induziu-me, pelo meu lado, a convencê-lo a si a juntar-se-nos. Estaríamos todos juntos, en famille, *o que seria muito mais agradável. Portanto, meu caro Hastings,* dépêchez-vous, *e apareça-nos aqui com a maior brevidade possível. Arranjei-lhe um quarto com banho (a nossa querida Styles está agora modernizada) e discuti o preço com a "coronela" Mrs. Luttrell, até conseguir chegar a um acordo* três bon marche.

Os *Franklin e a sua encantadora Judith já cá estão a alguns dias. Está já tudo arranjado e, portanto, não se ponha com fitas.*

A bientôt

O seu, sempre, Hercule Poirot."

A perspectiva de voltar a estar com o meu amigo era aliciante e decidi não demorar o encontro. Já nada me ligava a casa. Dos meus filhos, um estava na Marinha e o outro, casado e dirigindo um rancho, na Argentina. Minha filha Grace casara com um militar e achava-se presentemente na índia. A única garota que me restava na Inglaterra, Judith, era aquela a quem secretamente mais estimava, aquela a quem devotava mais amor, talvez por ser a última, embora nunca a tivesse compreendido. Uma moça reservada, metida consigo e com os seus segredos, com a paixão da independência pessoal e rejeitando quaisquer conselhos, a ponto de discutir comigo e, às vezes, magoar-me intimamente.

Minha mulher entendia-a melhor do que eu, afirmando-me que não se tratava de falta de confiança de Judith na minha pessoa, mas de uma espécie de impulso orgulhoso. Mas também ela, como eu, se mostrou várias vezes preocupada com a nossa filha. Um dia considerou que os sentimentos de Judith eram demasiado intensos e concentrados e que a sua reserva instintiva a privava de qualquer válvula de segurança. Os seus miolos eram os melhores da família e foi com agrado que a vimos desejar seguir a Universidade. Formou-se, há um ano, em Ciências Biológicas, e aceitou o cargo de secretária de um médico que se ocupava de pesquisas relacionadas com doenças tropicais. A mulher deste era, mais ou menos, uma inválida.

Ocasionalmente, cheguei a apoquentar-me com a ideia... se a sua absorção pelo trabalho e devoção ao patrão, não significariam que se apaixonara por ele, mas tranquilizei-me ao verificar que se tratava, puramente, de amor à ciência experimental.

Sempre acreditei que Judith gostava de mim, mas era naturalmente incapaz de demonstrá-lo, tornando-se impaciente e até hostil àquilo que ela considerava ideias sentimentais e ultrapassadas.

Para ser franco, sentia-me um pouco preocupado com a minha filha.

Neste ponto das minhas meditações, fui interrompido pela chegada do comboio à estação de St. Mary de Styles. Esta não tinha mudado, ao fim de tantos anos. Erguia-se ainda no meio dos campos, sem razão aparente para aí permanecer, afastada da aldeia. Contudo, quando o táxi me levou até esta, notei as alterações causadas pelos novos tempos. St. Mary de Styles estava

quase irreconhecível, com garagens, bombas de gasolina, um cinema, dois grandes hotéis, novos edifícios e um grande bairro de casas camarárias.

Finalmente, entrámos em Styles. Aqui parecia retrocedermos aos tempos antigos. O parque estava como eu o conhecera, embora se visse bastante erva por aparar, dando um triste aspecto de abandono ao relvado. Virámos uma esquina e ficámos à vista da casa. Do lado exterior mostrava-se inalterada, conquanto carecesse de uma boa camada de tinta.

Tal como sucedera, anos atrás, quando da minha primeira chegada àquele local, achava-se um vulto feminino parado junto aos canteiros do jardim. Senti o coração bater um pouco mais vivamente. Então, o vulto endireitou-se e dirigiu-se na minha direcção. Ri interiormente, pois não poderia haver maior contraste entre a robusta Evelyn Howard de outros tempos e a frágil senhora, muito mais velha, com que agora deparava. Esta tinha cabelos brancos, levemente amarelados, maçãs do rosto rosadas, um par de olhos azuis, muito pálidos e um à-vontade de maneiras que estava longe de me agradar.

- E com certeza o capitão Hastings, não é verdade? - perguntou ela. - E eu com as mãos mais que sujas, sem poder cumprimentá-lo! Ficamos encantados Por tê-lo cá, por tudo quanto temos ouvido a seu respeiito. Ainda não me apresentei. Sou Mistress Luttrell. Meu marido e eu comprámos este lugar, num rasgo de loucura, e temos tentado tirar dele algum rendimento. Nunca pensara vir, um dia, a tornar-me hoteleira. Mas vou já tratar de si, capitão Hastings. Sou uma mulher de negócios, sabe? Arranjo sempre maneira de aumentar-vos as contas com uma série de extras.

Rimo-nos ambos, como se ela dissesse uma piada excelente, mas ocorreu-me que, provavelmente, Mrs. Luttrell estava a gracejar com o que seria pura verdade. E para além das maneiras encantadoras de senhora idosa, pude vislumbrar uma certa dureza no brilho dos olhos.

Embora lhe notasse na fala um certo sotaque, rolando as palavras, não me pareceu que tivesse sangue irlandês. Devia tratar-se de mera afectação.

Perguntei-lhe pelo meu amigo.

- Ah, coitadinho de Mister Poirot. Como ele tem estado ansioso à sua espera! Até despedaçaria um coração de pedra! Tenho uma enorme pena dele, a sofrer como sofre.

Enquanto caminhávamos para casa, a minha hospedeira ia descalçando as luvas.

- E a sua filha, capitão - prosseguiu ela -, que linda rapariga que ela é! Todos a admiramos tremendamente. Mas sou o que se costuma chamar uma mulher fora de moda e parece-me uma vergonha e até um pecado uma moça tão bonita como é, em vez de ir a reuniões e a bailes com rapazes, da sua idade, enterrar-se constantemente no laboratório, todo o dia debruçada sobre o microscópio. Aquilo é trabalho para estafermos, penso eu.

- Onde está Judith? - inquiri. - Está perto daqui?

Mrs. Luttrell fez uma careta e lamentou:

- Pobrezinha dela! Está encafuada numa espécie de estúdio, ao fundo do jardim. O doutor Franklin alugou-mo e transformou-

o num laboratório improvisado, é claro. Encheu aquilo de porquinhos-da-índia... coitadinha das pobres cobaias... de ratos e de coelhos.

- Não me parece que pudesse vir a gostar dessas experiências, não acha, capitão Hastings? Ah, aqui está meu marido.

O coronel Luttrell acabava de contornar a esquina da casa. Era um homem muito alto, de certa idade, um rosto cadavérico, olhos azuis e o hábito de cofiar irresolutamente o seu bigodinho branco.

Tinha uma expressão um pouco vaga e gestos nervosos.

- Olá, George, o capitão Hastings acaba de chegar - anunciou ela.

O coronel apertou-me a mão.

- Veio no das cinco e quarenta, hem? perguntou.

- Em que outro poderia ter vindo? - criticou Mrs. Luttrell, azedamente. - E que interesse tem isso? Leva-o para cima e mostra-lhe o quarto, George. E talvez queira ir ver imediatamente Mister Poirot... ou prefere tomar chá, primeiro?

Assegurei-lhe que não desejava tomar chá e que desejava ver o meu amigo, quanto antes.

O coronel Luttrell estendeu o braço em direcção à porta e convidou:

- Certo. Venha daí. Espero que... a... já tenham levado as suas coisas lá para cima... hem, Dasy?

Mrs. Luttrell retorquiu asperamente:

- Isso é da tua lavra, George. Tenho estado a jardinar e não posso tratar de todas as coisas ao mesmo tempo.

- Não, não certamente! A... vou ver isso, minha querida.

Subi com ele as escadas de acesso à porta da frente e cruzámo-nos à entrada com um sujeito de cabelo grisalho, de constituição débil, que saía apressadamente, empunhando um binóculo de campo. Exteriorizava uma animação de certo modo infantil e exclamou:

- Vi-as agora mesmo: um par de toutinegras, a armarem ninho, lá em baixo, na figueira-do-egipto.

Quando entrámos no átrio, Luttrell esclareceu:

- É Norton. Tipo catita. Maluco por pássaros.

Estava ali mesmo outra pessoa, de pé junto da mesa do telefone. Era um homem de boa aparência, que estivera obviamente fazendo uma ligação.

Fitou-nos e protestou:

- Parece impossível! Gostaria de poder enforcar, esquartejar e queimar todos os empreiteiros e mestres-de-obras. Nunca fazem nada de jeito, o Diabo que os carregue!

Já devia ter passado dos cinquenta anos e tinha um rosto muito bronzeado e uma expressão atraente. Dava a impressão de ter vivido sempre ao ar livre, lembrando esse tipo de indivíduos, cada vez mais raros em Inglaterra, da velha escola, lançados para

diante, adoradores do movimento e capazes de comandar.

Fiquei deveras surpreendido quando o coronel Luttrell mo apresentou como sendo Sir William Boyd Carrington. Eu sabia perfeitamente que fora governador de uma província na índia onde obtivera verdadeiro êxito. Também se tornara famoso como atirador de primeira classe e caçador de caça-grossa. O género de homem, reflecti com tristeza, que parece estar a extinguir-se nestes nossos degenerados dias.

- Ah! - exclamou ele. - Tenho gosto em conhecer, em carne e osso, essa famosa personagem: *mom ami Hastings.*

Riu-se e acrescentou:

- O querido velho belga farta-se de falar em si, sabe? E temos aqui, como sabe, sua filha, entre nós. É uma moça muito gentil.

- Não creio que Judith se "farte" de falar de mim - observei, sorrindo.

- Oh, não. E moderna de mais para isso. Hoje em dia, as raparigas parecem embaraçadas quando são levadas a admitir que tiveram um pai e uma mãe.

- Os pais - comentei -, são praticamente uma desgraça.

Sir William riu-se francamente.

- Bem, não leve o caso para esse lado - animou. - Não tenho filhos, o que é uma sorte muito pior. A sua Judith *é* um rebento muito formoso, mas sempre de sobrolho franzido. Acho isso um pouco alarmante.

Tornou a pegar no auscultador e justificou-se:

- Espero que não leve a mal, Luttrell, se eu mandar a sua central telefónica para o Inferno, hem?

- Que os leve o Diabo! Nunca fazem uma ligação em termos! - apoiou o coronel.

Começou a subir as escadas e segui-o. Conduziu-me ao longo da ala esquerda da casa, até a uma porta do extremo e depreendi que fora esse o quarto que Poirot me destinara. Era o mesmo que eu ocupara, em tempos idos.

Tinham operado mudanças na casa. Conforme tínhamos percorrido o corredor, notei, através de algumas portas abertas, que os espaçosos quartos antigos tinham sido seccionados de maneira a constituírem vários, mais pequenos.

O meu quarto, que nunca fora dos maiores, tinha sido poupado a essa compartimentação, não sofrendo qualquer alteração, salvo a instalação de água quente e fria, e de uma parede a um canto, que abrigava um pequeno quarto de banho. Mas fiquei desapontado quando notei que o tinham mobilado com móveis modernos, naturalmente muito mais baratos, em substituição dos que se adequavam à arquitectura da casa.

Afinal de contas, a minha bagagem já estava no quarto e o coronel explicou que o do Poirot ficava exactamente em frente do meu. Ia começar a dizer-me qualquer coisa, quando ecoou um grito, proveniente do átrio.

- George!

Luttrell estacou como um cavalo nervoso. Levou as costas da mão à boca e titubeou:

- Eu... a... acha isto bem?... Se precisar de alguma coisa, é só tocar...

- *Georgel*

- Vou já, querida. Vou já!

Correu para a porta e lançou-se a trote, pelo corredor. Por momentos, fiquei a vê-lo afastar-se, e, em seguida, senti o coração palpitar acelerado. Dei alguns passos e bati à porta do quarto de Poirot.

Capítulo II

Nada é mais triste, na minha opinião, do que a devastação causada pela idade.

Meu pobre amigo! Já tive ocasião de descrevê-lo várias vezes. Faço-o agora novamente para que possam aperceber-se da diferença sofrida.

Coxo, em virtude do artritismo, via-se obrigado a impelir-se, a braços, numa cadeira de rodas. A sua cara gorducha mostrava-se agora flácida e pendurada. Tornara-se num homenzinho magro. Na verdade, o bigode e o cabelo mostravam-se, perfeitamente, negros de azeviche, contrastando com a palidez do rosto macilento e enrugado. Por nada deste mundo seria capaz de magoá-lo, exprimindo o que candidamente senti nesse momento. Aquele contraste era um triste erro. Há uma altura na vida em que a cor do cabelo morre, causando certo desgosto a quem vê, nessa despigmentação natural, um falso indício de senilidade. Se alguns anos antes me tivessem dito que a cor negra do cabelo e do bigode de Poirot saíam de um frasco de tinta, deixar-me-iam deveras surpreendido. Mas agora essa característica era por demais teatral, criando a impressão de que usava chino e adornava o lábio superior na intenção de divertir as crianças.

Só os seus olhos eram os mesmos de sempre, penetrantes e cintilantes, e agora, indubitavelmente, ternos de emoção.

- Ah, *mon ami* Hastings!... *mon ami* Hastings!

Avancei a cabeça e, como de costume, beijou-me nas faces. Depois, recostou-se ligeiramente, para ver-me melhor no

conjunto, e repetiu:

- *Mon ami* Hastings!

Inclinou um pouco a cabeça para um dos lados e apreciou:

- Sim, está na mesma, as costas direitas, os ombros recuados, o cabelo grisalho... *três distingue.* Sabe, meu amigo, que resistiu bem ao tempo? *Lês femmes,* ainda manifestam interesse por si? Sim?

- Francamente, Poirot - protestei -, acha próprio?...

- Mas é um teste, meu amigo. E o *único* teste positivo. Quando garotas muito novas se aproximam de si, para falarem-lhe ternamente, muito ternamente... é o fim! "Pobre velhote", pensam elas, "devemos ser agradáveis para com ele. Deve ser horrível, chegar-se a este estado..." Mas você, Hastings, *vous êtes encore jeune.* Ainda tem possibilidade. É como lhe digo, cofie esse bigode, indireite os ombros e avance. O que é de estranhar é que você não se aperceba disso.

Forçou-me a rir.

- Você é o cúmulo, Poirot! Diga-me como é que se sente.

Com uma careta, confessou:

- Eu, meu caro, estou numa ruína. Não posso andar. Estou coxo e trémulo. Misericordiosamente, ainda posso alimentar-me sozinho, mas, no resto, tenho de ser tratado como um bebé. Posto na cama, lavado e vestido. *Enfin,* não é nada divertido. Mas se o exterior decai, o miolo ainda vibra como dantes.

- Sim, na realidade, você tem o melhor coração do mundo.

- O coração? Talvez, mas não me referia a isso. O cérebro, *mon cher,* é o que interessa, aquilo a que chamo o miolo. Estas circunvoluções cerebrais ainda funcionam magnificamente.

Pelo menos pude verificar claramente que não sofrera deterioração do cérebro, no que se referia à modéstia.

- E gosta de estar aqui? - interessei-me. Poirot encolheu os ombros.

- Para mim, basta-me. Não é o Ritz, como vê facilmente. Nada que se lhe compare. Quando vim para cá, o quarto que me deram não só era pequeno, mas também mal mobilado. Mudei-me para este, sem aumento de preço. Depois a cozinha é inglesa e péssima. Os grelos, de que os Ingleses gostam tanto, são enormes e rijos; as batatas, sempre cozidas, esboroam-se-nos na boca e todos os vegetais sabem a água e só a água. Ainda por cima, a completa ausência de sal e de pimenta em todos os pratos...

Fez uma pausa expressiva.

- Parece horrível - comentei.

- Não estou a queixar-me - precisou Poirot. Mas há-de concordar que esta chamada modernização... As casas de banho enfiadas dentro dos quartos de dormir, os ralos por todo o lado e as emanações que se exalam por eles e nos invadem o ambiente. Canos de água quente a gargarejarem durante todo o dia, *mon ami, e* ainda se fosse quente, mas só cá chega morna. E as toalhas, tão estreitinhas e tão finas!

- Há muito que dizer acerca dos tempos antigos - observei, pensativamente.

Lembrei-me da enorme casa de banho que existia em cada andar de Styles, com uma enorme banheira de mármore, forrada exteriormente a mogno, e as nuvens de vapor que se evolavam dela; os grandes vasos metálicos cheios de água fervente e as imensas toalhas de banho, felpudas e macias, que nos envolviam inteiramente e enxugavam a sério.

- Mas não estou a queixar-me - repetiu Poirot.

- Sinto-me feliz por sofrer por uma boa causa. Subitamente assaltou-me uma ideia.

- Você não está... quero dizer... Bem sei que a guerra prejudicou grandemente os investimentos e...

Poirot apressou-se a tranquilizar-me:

- Não, não, *mon ami.* Encontro-me nas melhores circunstâncias financeiras, se é nisso que pensa. Na verdade, sou um homem rico. Não foi uma questão de economia que me trouxe até cá.

- Ainda bem - murmurei. - Penso que compreendo o que sente. Conforme os dias vão passando, maior necessidade temos de recordar o passado. Cada qual procura recapturar, nas antigas imagens, emoções de tempos idos. No que me diz respeito, acho penoso reviver milhares de momentos emotivos, considerando preferível mante-los no esquecimento em que se envolveram. Gostaria que fizesse o mesmo. Temos que esquecer o passado e apenas viver o presente, se ainda nos resta algum futuro. De

outra maneira, é como se abdicássemos...

- Não, de maneira nenhuma. Não me sinto nada inclinado a abdicações de espécie alguma.

- Passámos realmente uns dias maravilhosos - concedi tristemente.

- Está a falar por si próprio, Hastings. Quanto a mim, a minha chegada a Styles, quando aqui entrei pela primeira vez, nada teve de alegre. Era um refugiado, ferido, exilado da pátria; sobrevivendo por caridade numa nação estrangeira. Esses dias, para mim, em St. Mary de Styles não foram de forma alguma alegres. Nessa altura ainda não sabia que a Inglaterra viria a tornar-se-me numa segunda pátria; que acabaria por sentir-me aqui completamente feliz.

- Esqueci-me disso - admiti.

- Precisamente. Você atribui sempre aos outros os sentimentos que o possuem e as ideias que resultam da sua própria experiência. Se Hastings se sentia feliz, toda a gente deveria sentir-se igualmente feliz.

- Não, não - protestei, rindo.

- E mesmo que assim não seja - prosseguiu Poirot - quando você olha para trás, no tempo, afloram-lhe lágrimas aos olhos e exclama: “Oh! Aqueles dias felizes! Era então jovem!” Mas, na realidade, Hastings, você não era tão feliz como agora pensa. Foi duramente ferido, sofreu o inevitável afastamento do serviço activo, andou envolvido num complicado problema sentimental por apaixonar-se por duas mulheres ao mesmo tempo...

Ri-me e observei:

- Que memória maravilhosa você tem, Poirot!

- Ta, ta, ta. Recordo-me perfeitamente das fatuidades melancólicas que você murmurava, acerca de duas mulheres encantadoras.

- E lembra-se do que então me dizia? “Nenhuma delas será para si, mas coragem, *man ami.* Vamos caçar juntos e talvez...”

Calei-me. No consenso de Poirot, eu fora caçar para França e conhecera aí uma mulher...

Gentilmente, o meu amigo deu-me umas palmadinhas no braço.

- Eu sei, Hastings, eu sei. A ferida ainda está fresca. Mas não lhe serve de nada olhar para trás. Para a frente é que é o caminho.

Esbocei um gesto de desgosto.

- Olhar para a frente - objectei. - Para a frente, para onde e para quê?

- *Eh bien,* meu caro, temos trabalho para fazer.

- Trabalho? Onde?

- Aqui. Fitei-o espantado.

- Agora mesmo - insistiu ele - você acabou de perguntar-me porque decidi vir enterrar-me aqui. Talvez não notasse que não respondi a essa pergunta. Vou fazê-lo agora. Ando à caça de um

assassino.

O meu espanto recrudesceu e confesso que, por um momento, pensei que ele não estivesse no seu juízo perfeito.

- Está a falar a sério?

- Certamente que estou. Por que outra razão se tornaria tão urgente pedir-lhe que viesse ter comigo?

Se as minhas pernas já não prestam para nada, o meu cérebro, como lhe disse, está melhor do que nunca. Lembre-se de que o meu sistema foi sempre o mesmo. Sentar-me e pensar. Pois isso é a única coisa que me resta, ou seja, o essencial. Para a parte activa desta campanha preciso do meu insubstituível e incomparável Hastings.

- Realmente pretende...?

- Pois está visto que pretendo. Você e eu, Hastings *vamos voltar novamente a caçar,* juntos... mais uma vez.

Precisei de alguns minutos para convencer-me de que Poirot não estava a caçoar comigo. Aquela proposta parecia-me tão fantasiosa que me custava a aceitá-la como sendo real, mas, na verdade, não tinha a menor razão para duvidar do seu estado de espírito e raciocínio.

Com um ligeiro sorriso, Poirot inquiriu:

- Então? Já está convencido? Confesse que, a princípio, pensou que esta minha cabeça não estava a funcionar muito bem.

- Não, não - apressei-me a refutar a ideia. Apenas me pareceu

este lugar inapropriado para cena de um crime.

- Ah, pensou isso?

- Sim... bem, ainda não vi toda a gente que nos rodeia... mas...

- Quem foi que já viu?

- Apenas os Luttrell, um homem chamado Norton que me pareceu um tipo inofensivo, e Boyd Carrington... Confesso que este me agradou bastante.

Poirot acenou com a cabeça aprovativamente.

- Bem, Hastings, dir-lhe-ei que, quando conhecer o resto das pessoas desta casa, a minha declaração parecer-lhe-á tão improvável como agora.

- Quem mais vive cá?

- Os Franklin: o médico e a esposa; a enfermeira que cuida desta inválida e a sua filha Judith. Há tambem um homem chamado Allerton, que tem qualquer coisa de barba-azul, conquistador de senhoras, e uma tal Miss Cole, que anda à volta dos trinta e picos.

- E um deles é um assassino?

- Mas porquê... como... que foi que lhe deu motivo para pensar numa coisa dessas?

Tive dificuldade em travar as perguntas e, por isso, saíram umas atrás das outras, atropelando-se.

- Calma, Hastings - aconselhou Poirot, sorrindo. - Vamos começar pelo princípio. Peço-lhe o favor de alcançar-me essa caixinha que está sobre a secretária. Obrigado. E agora a chave. *Bien.*

Abrindo o fecho, retirou da caixa um pequeno maço de papéis dactilografados e alguns recortes de jornais.

- Pode estudar isso à sua vontade, Hastings. Por agora não o aborrecerei com os artigos jornalísticos. São meras narrativas da Imprensa de várias tragédias, algumas vezes inexplicáveis, outras, sugestivas. Para ficar com uma ideia mais precisa dos casos, sugiro-lhe que dê uma vista de olhos por esse apanhado que redigi.

Profundamente interessado, comecei a lê-lo.

CASO A) ETHERINGTON

Leonard Etherington. Hábitos desagradáveis. Bebia demasiado e tomava drogas. Possuía um carácter peculiarmente sádico. Esposa jovem e atraente. Desesperadamente infeliz, com ele.

Aparentemente, Etherington morreu por envenenamento alimentar. O médico não ficou satisfeito com o próprio diagnóstico. Exigiu uma autópsia onde se detectou ter a morte sido causada por envenenamento arsenical.

Foi encontrado, em casa, veneno para ervas daninhas, em larga quantidade, contudo adquirido, muito tempo antes, para utilização no jardim.

Mrs. Etherington foi presa e acusada de assassínio.

Recentemente, estabelecera relações de amizade com um homem do Serviço Civil que regressara da índia. Não foi sugerida infidelidade carnal, mas comprovou-se a profunda simpatia que se estabelecera entre ambos.

Esse homem ficara noivo de uma rapariga que conhecera durante a viagem de regresso a Inglaterra. Prevaleceu certa dúvida sobre a data do recebimento, por parte de Mrs. Etherington, da carta em que o seu autor lhe anunciava o noivado. Ela afirmou que a recebera antes da morte do marido, o que poderia alienar o motivo.

Como as provas eram simplesmente circunstanciais, não havia forte razão para uma condenação, embora não existisse qualquer outro suspeito de crime, ou motivo.

O temperamento do marido conduziu a um movimento geral de simpatia pela viúva. O juiz decidiu proferir uma sentença de absolvição por benefício de dúvida.

Mrs. Etherington foi posta em liberdade. Todavia, a opinião pública julgou-a culpada. A sua vida tornou-se deveras difícil, tendo perdido amigos e demais relações. Morreu em resultado de ter ingerido uma dose excessiva de comprimidos soporíferos, dois anos depois do julgamento.

O resultado do inquérito foi: morte acidental.

CASO B) MISS SHARPLES

Solteirona idosa. Uma inválida. Doença causadora de grande

sofrimento. Era tratada por uma sobrinha, Freda C/oy, *que sempre cuidara dela. Miss Sharpies morreu em resultado de uma dose excessiva de morfina. Freda Clay admitiu a possibilidade de um erro na administração da dose desse medicamento. Declarou que a tia estava a sofrer horrivelmente, pelo que lhe deu uma dose superior de morfina, sem pensar que isso poderia matá-la. À Polícia considerou o acto deliberado e não um mero erro, mas as provas eram insuficientes e não pôde processá-la sob acusação de homicídio voluntário.*

CASO C) EDWARD RIGGS

Trabalhador agrícola. Suspeitou de que a sua mulher o atraiçoava com o senhorio, Ben Craig.

Craig e Mrs. Riggs foram encontrados mortos a tiro pela caçadeira de Edward. Riggs entregou-se à Polícia, declarando que devia ler cometido o crime, mas não conseguia recordar-se nem de quando, nem como. Afirmou que a sua memória se recusava a explicar-lhe o fenómeno. Fizera um vácuo amnésico em relação ao seu acto.

Foi sentenciado à morte mas, posteriormente, a pena foi-lhe comutada em prisão perpétua.

CASO D) DEREK BRADLEY

Envolvera-se numa aventura amorosa com uma rapariga. Sua mulher descobriu a traição matrimonial e decidiu envenená-lo.

Bradley morreu em virtude de ter ingerido cianeto de potássio ministrado numa cerveja.

Mrs. Bradley foi presa e acusada de homicídio premeditado. Fraquejou durante o contra-intenogatório. Foi condenada e enforcada.

CASO E) MATTHEW LITCHFIELD

Déspota idoso. Vivia com quatro filhas, não lhes permitindo qualquer diversão ou dispêndio de dinheiro.

Certa tarde, ao regressar a casa, foi atacado pelas costas e assassinado com uma pancada desfechada no crânio.

Mais tarde, depois da investigação policial, a filha mais velha, Margaret, apresentou-se na esquadra e confessou-se autora do crime.

Declarou tê-lo perpetrado, para que suas irmãs mais novas pudessem viver a vida, antes que fosse tarde de mais.

Litchfield, que era muito avarento, deixou uma grande fortuna.

Margaret Litchfield foi considerada demente e internada em Broadmoor, mas morreu pouco tempo depois.

Li atentamente, porém com crescente desconfiança. Finalmente, pus o papel de lado e olhei para Poirot inquiridoramente.

- Então, *mon ami,* que me diz?

- Lembro-me do caso Bradley - respondi com lentidão. - Li as notícias dessa altura. Era uma mulher muito fina, mesmo bela.

Poirot confirmou com um aceno de cabeça.

- Mas tem de esclarecer-me - observei. - De que se trata?

- Diga-me primeiro o que é que tudo isso lhe parece?

Fiquei deveras embaraçado.

- O que me deu foi uma compilação de cinco casos de homicídio, completamente diferentes uns dos outros. Ocorreram em lugares distintos e foram cometidos no seio de classes sociais também diferentes. Além disso, não ressaltam quaisquer semelhanças particulares entre cada um desses crimes. Poderemos discernir um caso de ciúme; um caso de uma mulher infeliz, procurando desembaraçar-se do marido, para refazer a sua vida; outro, tendo o dinheiro por motivo; um outro ainda, provocado por aquilo a que você chamaria motivação egoística, embora o criminoso não tivesse tentado escapar ao castigo, e o quinto, francamente brutal, poderia ter sido cometido sob influência do álcool.

Fiz uma pausa e manifestei a minha dúvida:

- Existe algo de comum, entre estes crimes, que me tenha escapado?

- Não, não há. Você foi muito exacto no resumo que expôs. O único ponto que devia ter mencionado e que, na realidade, não mencionou foi o facto de, em todos esses casos, não ter existido u m a *dúvida* absolutamente positiva, nem uma certeza, igualmente inabalável.

-- Receio não estar a perceber aonde quer chegar.

- Por exemplo, Mistress Etherington foi absolvida mas, apesar

disso, toda a gente se convenceu de que assassinara o marido. Freda Clay não foi abertamente acusada, mas ninguém pensou noutra alternativa para solução do crime que não fosse homicídio voluntário. Riggs declarou não poder recordar-se de ter morto a esposa e o amante, mas deu-se o caso de não haver qualquer outro suspeito que pudesse ter interesse no crime. Margaret Litchfield confessou, mas foi considerada demente. Em todos os casos, contudo, Hastings, só surgiu um suspeito: um único, em todos eles.

Franzi as sobrancelhas.

- Sim, é evidente, mas não alcanço que inferências particulares podem ressair dos factos apresentados.

- Tem razão, mas repare que estou a caminho de um ângulo que você ainda não considerou. Suponha, Hastings, que em cada um destes casos que desenterrei houve um facto desconhecido, comum a todos eles?

- Que quer dizer com isso?

Lentamente, Poirot proferiu:

- Pretendo ser muito cuidadoso no que agora lhe digo. Deixe-me apresentar-lhe o assunto desta maneira. Há uma certa pessoa, X, aparentemente alheia aos cinco casos, sem nenhum motivo conhecido para atentar contra a vida da vítima. Num dos casos, conforme tive ocasião de verificar, X encontrava-se a centenas de quilómetros do local onde o crime foi cometido. Apesar disso, posso declarar-lhe o seguinte: X tinha relações íntimas com Etherington; X viveu durante certo período na mesma aldeia de Riggs; estava relacionado com Mistress Bradley; tenho uma

informação testemunhal de que X costumava passear, na rua, com Freda Clay e, finalmente, estava perto da casa onde o velho Matthew Litchfield foi assassinado. Que me diz a isto?

Fitei-o boquiaberto.

- Sim, são demasiadas coincidências - considerei lentamente. - Em dois ou três casos, ainda se admitem, mas em cinco, parecem-me suspeitas. Isso significa que deve existir qualquer outra ligação entre os diferentes crimes.

- Presume exactamente o que presumi?

- Que X é o assassino? Sim.

- Nesse caso, Hastings, já está habilitado a dar mais um passo em frente, comigo. Deixe-me só dizer-Ihe isto: X *está nesta casa.*

- Aqui, em Styles?

- Aqui, em Styles. E que inferência pode agora extrair deste facto?

Já sabia o que ele ia dizer e desafiei-o:

- Vá lá, diga-o lá!

Gravemente, Hercule Poirot proferiu:

- Em breve será cometido um assassínio... *aqui* nesta casa.

Capítulo III

Por alguns momentos fiquei a olhar para ele, perturbado, mas logo reagi.

- Não, não haverá crime algum. Poderá evitá-lo.

Poirot olhou-me com expressão afectiva.

- Meu muito leal amigo. Como aprecio a sua fé nas minhas possibilidades. *Tout de même,* não estou certo se essa sua confiança se justifica no presente caso.

- Disparate. Certamente que pode prevenir... Anular a acção criminosa.

A voz de Poirot tinha uma entonação grave, quanto solicitou:

- Reflita um minuto, Hastings. Qualquer pessoa pode prender um assassino. Mas como poderá evitar um assassínio?

- Bem, você pode... bem, quero dizer... se já souber com antecedência...

Parei desmoralizado, por avaliar a dificuldade.

- Está a ver? - evidenciou Poirot. - Não é tão simples como isso. Na realidade, há três métodos para tentar evitar-se um crime. O primeiro é avisar-se a vítima, colocando-a em guarda. Ora isto raramente tem êxito, porque é inacreditavelmente difícil convencer alguém, no seu estado normal, de que o querem matar e toda a gente se recusa a acreditar no perigo, se este parte de pessoas que estão próximas e são queridas. Aquele, sobre quem paira a ameaça, acaba por mostrar-se indignado com a nossa

“calúnia”.

“O segundo método baseia-se em advertir o assassino potencial; dizer-lhe numa linguagem que apenas é levemente velada: *”Conheço as suas intenções;* se Fulano de Tal morrer, pode estar certo de que *você* será enforcado.” Este método tem-se mostrado mais eficiente do que o anterior, mas é igualmente falível na maioria dos casos. Um assassino, meu caro amigo, é mais obcecado do que qualquer outra pessoa, neste mundo. E considera-se sempre muito mais esperto do que todos os outros que o rodeiam; mesmo que alguém suspeite dele ou dela, pensará que poderá ludibriar a Polícia. E ele (ou ela) irá para diante e será enforcado, o que nos dá uma satisfação discutível.

Após uma pausa, disse pensativo:

- Por duas vezes, ao longo da minha vida, tive ocasião de avisar um assassino. Uma vez no Egipto e outra, num outro local. Pois em ambos os casos o assassino estava determinado a matar... e o mesmo pode acontecer aqui.

- Disse há pouco que havia um terceiro método - lembrei com certo interesse pois, esse, desconhecia-o.

- É verdade. Para esse, exige-se-nos demonstrar a maior ingenuidade. Temos primeiro de calcular exactamente quando e como o crime vai realizar-se e estarmos prontos a intervir no preciso momento psicológico. Torna-se necessário deter o assassino, antes que tinja as mãos de sangue, mas já culpado de intenção criminosa, sem a menor dúvida. E isso, meu amigo, posso assegurar-lho, é empresa da maior dificuldade e delicadeza, cujo êxito nunca podemos determinar, com antecedência.

- Desses três métodos, qual preconiza para o presente caso?

- Possivelmente, todos três, sendo o primeiro o mais difícil de pôr em prática.

- Porquê? Pensei que fosse o mais simples.

- Seria, se conhecêssemos, de antemão, a identidade da vítima. Mas não se apercebe, Hastings, que presentemente não sabemos quem ela venha a ser?

- Porquê?

Mal me saíra dos lábios esta pergunta, compreendi que resultara de irreflectida precipitação. Deveria haver um elo de ligação entre os cinco crimes conhecidos, mas ignorávamos qual era. Faltava-nos o motivo vital de todo o enredo. E desconhecendo-o não poderíamos descobrir sobre quem incidia a ameaça.

Poirot anteviu, pela minha expressão, que eu já divisara a dificuldade da situação.

- Como vê, meu amigo, não é coisa fácil.

- Não. Já dei por isso. Portanto, não conseguiu descobrir o respectivo elo de ligação?

- Nada!

Tornei a reflectir, durante alguns instantes. No cado dos crimes do ABC deparáramos com uma questão de séries alfabéticas, mas no presente, tratava-se de coisa muito diferente.

- Está certo de que não se tratará de um motivo puramente financeiro, como já detectou no caso de Evelyn Carlisle?

- Não, meu caro Hastings. Pode estar certo disso, foi o primeiro elo que explorei mentalmente. Não se coaduna com os restantes crimes.

Aquilo também era verdade. Poirot debruçava-se sempre, cinicamente, sobre a motivação “dinheiro”.

Meditei novamente. Uma vingança de qualquer espécie? Parecia mais de acordo com a generalidade dos factos. Mas embora fosse admissível, como se interligariam os crimes? Lembrei-me de um outro caso, em que todas as vítimas tinham participado num júri, durante um julgamento, e em que o criminoso se vingara eliminando-as metodicamente. Tive o palpite de que estaríamos perante uma série de similar motivação, mas confesso que me envergonhei de arriscar essa hipótese em voz alta. Se fosse essa a solução e eu pudesse mais tarde apresentá-la, melhor cimentada, a Poirot, faria um brilharete.

Então decidi-me a perguntar:

- Chegou a algura de dizer-me quem é X. Quem é ele?

Perante o meu intenso interesse, Poirot respondeu:

- Ora aí está, meu amigo, o que não vou de maneira alguma dizer-lhe.

- Patetice! Porque não?

Os olhos de Poirot fulgiram.

- Porque, *mon cher,* você continua a ser o mesmo velho Hastings. Porque você torna-se reservado, retendo a fala, e aquilo que os seus lábios não dizem, enquanto se senta em frente do suspeito, de boca cerrada, declara-o a sua expressão. Praticamente, os seus olhos gritam: “Estou a olhar para um criminoso.”

- Devia ao menos dar-me o crédito de um certo jeito para a dissimulação - protestei.

- Quando dissimula, ainda é pior - criticou Poirot. - Não, não, *mon ami,* temos que presidir aos acontecimentos, absolutamente incógnitos, tanto você como eu. Quando chegar o momento preciso, deitamos-lhe as garras.

- Seu diabo obstinado! - apostrofei-o. - Também tenho bons miolos.

Calei-me subitamente, mal ouvi baterem à porta. Poirot convidou:

- Entre.

Era minha filha Judith. Gostaria de descrevê-la, mas fui sempre fraco nesse género de exposição. Mesmo assim direi que é alta, tem sobrancelhas arqueadas e naturalmente finas e castanhas, com um perfil muito correcto e uma linha clássica de queixo e malares. No seu conjunto, a expressão que daí resulta, transpira austeridade. Tem um ar grave e concentrado, como se pendesse sobre ela a ameaça de uma tragédia.

Depois de entrar, parou e fitou-me, sem correr a beijar-me.

- Olá, pai - disse, sorrindo.

O seu sorriso exprimia, de certo modo, algum embaraço, mas senti, apesar da ausência de exteriorização, que lhe causava prazer ver-me.

- Bem - disse eu, sentindo-me ridículo, como sempre me acontecia, ao encarar a nova geração. Aqui estou eu. Decidi vir até cá.

- Foi muito inteligente da sua parte - retorquiu ela, acrescentando: - querido.

- Estive a falar a seu pai da cozinha cá da casa disse Poirot.

- É má? - perguntou Judith.

- Não devia ter feito essa pergunta, minha querida. Significa que você não pensa noutra coisa que não sejam tubos de ensaio e microscópios. O seu dedo médio está sujo de azul-de-metileno. E não é de bom presságio, para um marido, verificar que a esposa não dedica o menor interesse pelas coisas relacionadas com o seu estômago.

- Para que deveria preocupar-me se não tenciono ter marido - observou ela.

- Certamente que vai ter um marido. Para que outra coisa criou Deus uma mulher?

- Espero que para muitas outras coisas úteis disse Judith.

- *Lê manage* antes de tudo o mais! - sentenciou Poirot.

- Muito bem - anuiu ela. - Vai procurar-me um belo marido e, então, procurarei olhar cuidadosamente pelo seu estômago.

- Está a rir-se de mim - criticou Poirot. - Mas chegará o dia em que se convencerá como os velhos são ajuizados, nas suas predições.

Ouviu-se nova pancadinha na porta e o Dr. Franklin entrou. Era um homem alto, um pouco anguloso, de cerca de trinta e cinco anos, queixo voluntarioso, cabelo ruivo e olhos de um azul brilhante. Pareceu-me, logo à primeira vista, o tipo mais desajeitado que tinha encontrado até então. Andava sempre aos encontrões a qualquer coisa. Bateu numa mesinha e, ao afastar-se chocou com a cadeira de rodas de Poirot. Automaticamente virou a cabeça e disse:

- Peço perdão.

Senti vontade de rir mas notei que Judith permanecera inalterada, como se estivesse já habituada àquele género de coisas.

- Lembra-se do meu pai? - perguntou ela, à laia de apresentação.

O Dr. Franklin estacou, abanou a cabeça nervosamente.

- Certamente, certamente que sim! - confirmou, sorrindo apologeticamente, com uma expressão um pouco infantil. - Desculpe-me. Sou tão distraído. Bati numa coisa qualquer e não reparei. Perdoe-me, sim?

O relógio deu horas e Franklin olhou para ele, alarmado.

- Meu Deus! Já é tão tarde!? Vou meter-me em sarilhos! Prometi a Bárbara ler-lhe um pedaço, antes do jantar.

Dirigiu-nos uma careta de jovem apoquentado e saiu apressadamente, não sem ter colidido com a umbreira da porta.

- Como está Mistress Franklin? - inquiri depois de ele ter desaparecido, corredor fora.

- Na mesma, ou ainda pior - informou Judith

- É muito triste o seu estado de invalidez - comentei.

- E terrível para a vida de um médico - observou Judith. - Precisam de pessoas saudáveis à sua volta, quando não estão imersos nos problemas dos seus doentes.

- Como a gente nova é cruel - censurei.

Friamente, Judith ripostou:

- Limitei-me a expor um facto.

- Apesar de tudo - interveio Poirot -, o doutor Franklin foi a correr, para poder satisfazê-la com a sua leitura.

- Só prova que é estúpido. A enfermeira sabe ler e pode perfeitamente fazê-lo. E ela também o sabe, mas nunca o faz. Pessoalmente detestaria forçar, fosse quem fosse, a ler-me fosse o que fosse.

- Bem, os gostos diferem de pessoa para pessoa - disse, tentando amenizar a conversa.

- Mistress Franklin é uma mulher supinamente estúpida -

afirmou ela.

- Então, *mom enfant!* Não concordo consigo contrariou Poirot.

- Nunca se interessa por ler seja o que for, a não ser uma ou outra novela barata. Não tem, nem sequer simula dedicar, o menor interesse pelo trabalho dele. Está-se nas tintas para os acontecimentos que a rodeiam e só lhe interessa tagarelar acerca da sua saúde, para aqueles que têm paciência para aturá-la.

- Mantenho a minha opinião - insistiu Poirot -, de que ela é capaz de utilizar as suas células cinzentas Com sentidos e campos que você, minha amiguinha, ignora completamente.

- E uma mulher do género demasiado feminino - classificou Judith. - Toda ela, cucurus e ronrons. Não sei se aprecia as mimalhas desse tipo, tio Hercule.

- De maneira nenhuma - esclareci. - Ele gosta delas grandes, flamejantes e eslavas, se possível.

- É assim que você me afasta da concorrência, Hastings? - protestou Poirot. - O seu pai, Judith, teve sempre uma queda para os cabelos castanhos. Meteram-no em sarilhos, por mais de uma vez. Judith sorriu-nos indulgentemente e motejou:

- Vocês os dois são uma boa parelha, deixem estar!

Virou-nos as costas e saiu.

- Tenho de desfazer as malas e ainda quero tomar um banho, antes de ir para a mesa - anunciei.

Poirot tocou uma campainha, suspensa ao alcance da mão e,

um ou dois minutos depois, acorreu um criado de quarto... o seu criado privativo.

Fiquei surpreendido ao reparar que este homem era um estranho para mim.

- Onde está o seu velho George? - inquiri.

O velho George era bastante mais novo do que Poirot, mas acompanhara-o durante muitos anos.

- Quis voltar para junto da família - respondeu Poirot. - Tinha o pai doente. Mas espero que regresse qualquer dia destes. Entretanto...

Sorriu para o criado.

- ... Curtiss vai tratando de mim.

Curtiss sorriu respeitosamente. Era um tipo enorme, de expressão bovina e a estupidez claramente estampada nela.

Enquanto me dirigia para a porta, notei que Poirot arrumava os seus papéis, cuidadosamente, na caixa.

Foi com as ideias francamente perturbadas que atravessei o corredor para enfiar no meu quarto.

Capítulo IV

Nessa noite, desci para jantar com a sensação de que a vida se tornara subitamente irreal.

Enquanto me vestia, surpreendi-me, mais do que uma vez, a perguntar-me se Poirot teria inventado todo aquele enredo.

Afinal de contas, o meu querido parceiro era, *agora,* um velho, tristemente alquebrado pela doença. Podia, na verdade, afirmar que o seu cérebro se achava tão brilhante como sempre, mas, *estaria,* realmente?

Toda a sua vida decorrera no trilho de crimes. Seria de surpreender que, no seu termo, imaginasse crimes onde não existissem? A sua imobilidade forçada não o teria afectado seriamente? A inacção pode desenvolver doentiamente o espírito de uma pessoa temperamental e profissionalmente activa. Era natural que tivesse inventado mais um criminoso para uma das suas brilhantes caçadas, desta vez fictícia.

Pensando maduramente, podia achar-me perante um raciocínio perfeito, mas proveniente de um cérebro afectado pela neurose.

Coleccionara uma série de recortes de artigos jornalísticos sobre crimes e entrelera algo que não estava, certamente, escrito nem sequer em parte alguma a não ser na sua conturbada imaginação.

Provavelmente, Mrs. Etherington envenenara mesmo o marido; o lavrador, a mulher e o amante; a rapariga enchera a tia de morfina, muito para além da conta; a jovem esposa ciumenta

eliminara o esposo infiel, e a mana solteira vingara-se no pai. Na verdade, todos estes crimes pareciam exactamente o que eram, tal como tinham sido descritos.

Contra este lúcido ponto de vista, só podia (e repudiando o bom senso) basear-me na proverbial perspicácia do meu velho amigo Poirot.

Ele afirmava que se preparava um assassínio. Pela segunda vez Styles seria o teatro de um crime.

Só o tempo viria a provar ou a desmistificar essa asserção mas, se fosse realidade, impunha-se-nos tentar evitar a tragédia.

Poirot conhecia a identidade do criminoso. Eu, não.

Quanto mais pensava no assunto, mais aborrecido se tornava a meus olhos. Na realidade, francamente, Poirot colocava-me numa terrível desvantagem. Queria a minha cooperação, mas recusava-se a confiar-me o elemento mais essencial do problema.

Porquê? A razão que me dera parecia-me a mais inadequada! Estava farto de ouvi-lo referir-se à minha “reserva em falar”. Toda a gente se cala, quando pretende guardar um segredo. Ora, Poirot persistia sempre em afirmar que o meu mutismo se tornava denunciador das minhas intenções, prevalecendo uma transparência no meu silêncio preventivo. De tal maneira insistia que essa transparência se devia à pureza do meu carácter, que acabava por entediar-me ouvi-lo.

Certamente, concluí que, se todo o enredo apenas se limitara às fronteiras da sua imaginação, razão tinha para apresentar aquelas reticências.

Não cheguei a qualquer conclusão específica, *e,* quando o gongo me convocou para jantar, avancei sem ideias preconcebidas, de olho alerta, pronto a detectar o mítico ou real X de Poirot.

Para já, ia aceitar como verdadeiro tudo quanto ele me expusera. Estava *alguém,* sob o nosso tecto, que já cometera cinco crimes e se preparava para reincidir, voltando a matar. *Quem seria?*

Na sala de estar, antes do jantar, fui apresentado a Miss Cole e ao major Allerton. Ela era uma mulher alta, ainda formosa, de trinta e três ou trinta e quatro anos. Instintivamente, o major desagradou-me. Era um tipo bem-parecido, de cerca de quarenta anos, de ombros largos, tez queimada do sol, com uma maneira desenvolta de falar, imprimindo a quase tudo quanto dizia um duplo sentido. Apresentava papos sob os olhos, como a maioria das pessoas que se entregam a uma vida dissipada. Suspeitei que fosse do género jogador, ou bebedor e, particularmente, femeeiro.

Pelo que vi, também o coronel Luttrell não devia gostar muito dele e Boyd Carrington mostrava-se bastante seco na maneira como se lhe dirigia.

O sucesso de Allerton manifestava-se no partido das mulheres. Mrs. Luttrell pairava com ele, deliciada, enquanto ele a elogiava preguiçosamente, com urna certa impertinência descabida.

Com desgosto notei que também Judith parecia apreciar-lhe a conversa e a companhia, mostrando-se menos introvertida do que habitualmente. Não que eu apreciasse a sua natural reserva,

antes pelo contrário, mas incomodava-me a direcção da sua expansão emotiva.

As razões que levam as mulheres mais encantadoras a entusiasmar-se pelos homens mais execrandos foi um mistério que nunca consegui resolver.

Sabia, instintivamente, que Allerton era um patife, e nove em dez homens experientes seriam da minha opinião. Em contrapartida, nove em dez mulheres enamorar-se-iam dele imediatamente.

Quando nos sentámos à mesa, com os pratos em nossa frente servidos com um líquido gelatinoso, olhei em redor e estudei as possibilidades.

Se Poirot tinha razão, e mantinha ainda o seu cérebro ímpar e lúcido, um dos convivas seria um perigoso assassino, provavelmente, um lunático.

Poirot não o dissera, mas presumi que X fosse provavelmente um homem. Qual desses homens poderia ser?

Decerto não seria o coronel, com as suas indecisões e aspecto de fraqueza geral. Norton, o homem que eu vira sair de casa com o binóculo, para ver os pássaros fazer ninho? Parecia um tipo agradável e falto de vitalidade. Contudo, disse para os meus botões, há assassinos que não são mais do que homenzinhos insignificantes, impelidos ao crime por essa mesma circunstância. Sofrem ressentimentos por passarem desapercebidos e ignorados e Norton poderia ser um homicida desse tipo. Mas tinha a seu favor essa loucura por pássaros, e eu sempre considerara que o amor à Natureza constituía um atestado de saúde mental.

Boyd Carrington? Fora de questão. Um homem cujo nome era conhecido em todo o mundo; um fino desportista; um hábil administrador; uma figura apreciada universalmente e aplaudida pelo seu carácter, não podia encaixar-se no papel de um paranóico.

Quanto a Franklin, pu-lo logo de parte, pois sabia como Judith o respeitava e admirava.

Restava-me pois o major Allerton. Atirei-me a essa ideia com aprazimento. O parceiro mais sórdido psiquicamente que eu jamais vira. O género de tipo que é capaz de esfolar a própria avó. E toda a sua imundície moral embrulhada em maneiras de superficial encanto.

Estava agora a contar uma história acerca de um insucesso que ele próprio sofrera e fazia toda a gente rir pela rude apreciação de si mesmo, numa verdadeira troça à sua pessoa.

Se Allerton fosse X, certamente que os seus crimes teriam sido cometidos por interesse monetário. Pelo menos era esse o meu pressentimento.

A verdade é que Poirot não precisara definitivamente que X seria um homem. Considerei Miss Cole como uma possibilidade a observar. Todos os seus gestos eram impacientes e nervosos. Por vezes, dava-me a impressão de uma mulher angustiada. Era bonita, atraente e de certa maneira talvez até espiritualmente encantadora, se a pudesse conhecer melhor. Exteriormente parecia absolutamente normal, mas sabe-se lá o que se passa dentro do cérebro de uma pessoa, se apenas a contactamos, pela primeira vez, durante uma refeição?

Mrs. Luttrell, Miss Cole e Judith eram as únicas três mulheres presentes à mesa. Mrs. Franklin jantava no seu quarto, no piso superior, e a enfermeira que cuidava dela tomava as suas refeições depois de todos nós.

Findo o jantar permaneci, por momentos, na sala de estar, junto à janela, olhando para o jardim e recordando o tempo em que vira Cynthia Murdock, uma jovem de cabelo castanho, correr através daquela mesma álea entre os canteiros. Como me parecera encantadora, na sua bata branca...

Perdido nesses pensamentos do passado, surpreendi-me quando senti Judith dar-me o braço e levar-me consigo, da janela para o terraço.

Perguntou-me de chofre:

- Que se passa?

Fiquei admirado.

- Que se passa?... Que queres dizer com isso?

- O pai esteve sempre tão sério e perscrutador durante todo o jantar. Porque examinou tão atentamente todos os presentes?

Fiquei aborrecido. Não me passara pela cabeça que pudessem ler tão facilmente no meu espírito as preocupações que o dominavam.

- Pareceu-te isso? Suponho que me embrenhei no passado. Talvez visse fantasmas.

- É verdade. O pai já cá tinha estado quando era rapaz, não

foi? E ocorreu um crime... uma senhora de idade foi assassinada, ou qualquer coisa desse género?

- Envenenada com estricnina.

- Como era ela? Simpática ou repelente?

Considerei a pergunta com certa hesitação.

- Era uma pessoa agradável, ou pelo menos boa - respondi lentamente. - Generosa... muito caridosa para com instituições de pobres, de doentes...

- Ah! Esse *género* de caridade!

A voz de Judith soou áspera, criticante:

- E as pessoas que a rodeavam? Sentiam-se felizes por conviverem com ela?

Realmente ninguém se sentira feliz junto dela. Finalmente, reconhecia esse facto. Lentamente tornei a responder:

- Não, não pareciam.

- Porque não?

- Creio que se sentiam prisioneiros da sua influência. Mistress Inglethorpe, sabes, possuía tudo isto; era quem manipulava o dinheiro e dominava a família. Os seus enteados não podiam viver a sua própria vida...

Ouvi Judith soltar um ligeiro suspiro e a sua mão contraiu-se no meu braço.

- E a isso que o pai chama “generosa”? Uma mulher que abusava do poder! Não devia ser autorizada uma coisa dessas. Pessoas velhas, pessoas doentes não deviam ter poder para dominar as vidas dos mais jovens e mais fortes, no início da vida. Amarrar-lhes as aspirações e as iniciativas, frear-lhes os sonhos e as energias é um verdadeiro *crime.* Um egoísmo que deveria ser, se não evitado, pelo menos punido.

- Não são só os velhos que têm o monopólio desse tipo de crime - objectei.

- Pois, o pai sempre pensou que os jovens são egoístas! Talvez realmente o sejamos, mas o nosso egoísmo é *limpo.* Apenas desejamos fazer aquilo que efectivamente queremos, por nós próprios, e não pretendemos que os outros sejam forçados a fazer o que entendemos, prepotentemente. Não queremos tornar os outros escravos, eis a diferença.

- Não. Vocês, os jovens, apenas se contentam em derrubar quantos deparam no vosso caminho.

Judith sacudiu-me o braço.

- Não seja tão azedo, pai. Nunca tentei derrubar fosse o que fosse e o pai nunca tentou, pelo seu lado, ditar-nos a nossa vida, a nenhum de nós. Estou-lhe grata por isso.

Honestamente observei:

- Lamento dizer-te, querida, que teria gostado de fazê-lo. Foi tua mãe quem insistiu comigo, nesse ponto. Achava que vocês deviam ser livres para cometerem todas as asneiras que entendessem e sofressem os resultados à vossa própria custa.

De novo senti os dedos de Judith apertarem-me o braço, nervosamente.

- Bem sei. O pai teria gostado de poder preocupar-se connosco, como uma galinha a empurrar os pintos. Detesto que me empurrem, que se preocupem comigo, por ninharias. Não o teria suportado. Mas o pai concorda comigo, não é verdade, que é uma enorme injustiça ser a vida de algumas pessoas sacrificadas pelo egoísmo de outras?

- Sim. Às vezes isso também acontece. Mas não é razão para se tomarem medidas drásticas... Qualquer pessoa é livre de ir-se embora, se tiver coragem para fazê-lo.

- Será apenas uma questão de coragem? Terá realmente essa liberdade?

O seu tom de réplica era tão veemente que parei e fitei-a espantado. Estava escuro de mais para que pudesse ver-lhe a expressão do rosto, Judith prosseguiu, na sua voz grave e perturbada:

- Há tanta coisa a considerar, antes de poder-se tomar qualquer atitude de libertação... É tão difícil... Ambiente social, censura pública, razões de natureza financeira, sentido de responsabilidade, relutância em magoar-se alguém de quem gostamos... tudo isso e, do outro lado, há por vezes pessoas sem escrúpulos que acabam por dominar-nos, porque sabem que nos invadem todos esses sentimentos... Pessoas que são como *sanguessugas.*

- Minha querida Judith! - exclamei, verdadeiramente abismado com a fúria com que exprimia o seu raciocínio.

Apercebeu-se da sua própria excitação, riu-se e desprendeu o braço do meu.

- Acha que falei com demasiada intensidade? inquiriu. - E um assunto que me faz exaltar, revoltar mesmo. Saiba que conheço um caso... de um velho bruto. Alguém teve a coragem de eliminá-lo, para libertar aqueles que amava. Quem o fez foi uma mulher e sabe o que lhe chamaram? Louca! Era a única coisa justa a fazer e fê-la; por isso foi condenada.

Um horrível pressentimento invadiu-me o espírito. Ainda há bem pouco tempo ouvira uma história semelhante.

- Judith - exclamei, alarmado. - De que caso estás tu a falar?

- De ninguém que conheça... De uns amigos dos Franklin. Um velho chamado Litchfield. Era muito rico e quase fazia as filhas passar fome. Nunca as deixava sair de casa, nem receber visitas. No fundo era demente, mas não no sentido que a medicina define.

- E foi a filha mais velha quem o matou - concluí.

- Oh! Vejo que leu o caso nos jornais. Suponho que o pai considera isso assassínio, embora não tenha sido praticado por motivos pessoais. Margaret Litchfield entregou-se à Polícia. Penso que foi uma mulher muito corajosa. Não creio que eu tivesse essa coragem.

- A coragem de te entregares à Justiça, ou a coragem para matar?

- Ambas.

- Satisfaz-me ouvir isso, Judith. Não gosto de te ouvir falar de um crime e de procurares justificá-lo... seja qual for o caso - disse severamente. - Que pensa o doutor Franklin desse acto?

- Pensa que foi justo e *eu* penso que lhe servia perfeitamente - retorquiu Judith. - Sabe, pai, algumas pessoas estão, realmente, *a pedir* que as matem!

- Não gosto de ouvir-te falar nesses termos, Judith - censurei. - Quem andou a meter-te essas ideias na cabeça?

- Ninguém.

- Bem, apenas te digo que considero tudo isso um disparate pernicioso.

- Está bem. Fiquemos assim. Após uma pausa, informou:

- Na verdade, vim ter com o pai para transmitir-lhe uma mensagem de Mistress Franklin: gostaria de vê-lo, se não se importa de subir até ao quarto dela.

- Terei muito gosto. Lamento que se tenha sentido tão doente ao ponto de não poder estar à mesa, connosco.

- Ora - ripostou Judith. - Ela está perfeitamente. Tudo aquilo é fita.

Por vezes, os jovens mostram-se deveras antipáticos.

Capítulo V

Só tivera ocasião de estar com Mrs. Franklin uma vez. Era uma mulher de cerca de trinta e cinco anos e poderia descrevê-la como pertencendo ao tipo de *madona*. Grandes olhos castanhos, cabelo apartado ao meio e um rosto oblongo e gentil. Era muito esbelta, de constituição delicada e a sua pele parecia de uma fragilidade transparente.

Estava recostada num canapé, rodeada de almofadas e envergava um fino penteador azul-pálido.

Franklin e Boyd Carrington também lá estavam, bebendo café. Mrs. Franklin recebeu-me estendendo a mão, com um sorriso de boas-vindas.

- Que prazer tenho em vê-lo, capitão Hastings. Foi tão bom para Judith, poder ter o pai perto dela. A pequena tem trabalhado realmente demasiado.

- Parece dar-se bem com o seu trabalho - observei, enquanto mantive a sua mão na minha.

Bárbara Franklin pestanejou afirmativamente.

- Sim, creio que se sente feliz. Não sabe o que é uma pessoa sentir-se doente. Que pensa, enfermeira? Oh! Deixe-me apresentá-la. É a enfermeira Craven, que tem sido terrivelmente boa para mim. Nem sei o que poderia fazer, se não fosse ela! Trata de mim como de um bebé.

A enfermeira Craven era alta, jovem, com uma muito bela aparência e uma maravilhosa cabeça emoldurada por cabelo

castanho. Observei-lhe, de relance, as mãos, longas e brancas, tão diferentes da maioria das enfermeiras dos hospitais. Pareceu-me uma garota paciturna.

Não respondeu, limitando-se a inclinar a cabeça.

- Mas, realmente - prosseguiu Mrs. Franklin - John tem forçado a sua pequena a trabalhar demasiado. Ele é o que se pode chamar um condutor de escravos. És um negreiro, não é verdade, John?

O marido estava de pé junto da janela perscrutando a noite. Assobiava baixinho e chocalhava qualquer coisa dentro de uma algibeira. Parou subitamente ao ouvir a mulher mencionar o seu nome e inquiriu:

- Que foi, Bárbara?

- Estava a dizer que exiges trabalho de mais à pobre Judith. Agora que o capitão Hastings está cá, vamos juntar os nossos esforços e impedir que abuses da pequena tão vergonhosamente.

A dissimulação não era a qualidade forte do Dr. Franklin. Olhou em torno de si, vagamente, e virou-se para Judith, numa interrogação muda. Depois quase que murmurou:

- Deve avisar-me quando se sente sobrecarregada. Judith respondeu:

- Estão apenas a tentar fazer-se engraçados. Já que falamos de trabalho, desejo perguntar-lhe o que pensa daquela segunda preparação, sabe a qual me refiro... àquela que...

John Franklin virou-se para ela, bruscamente, e aproveitou a

deixa:

- Tem razão, já me esquecia... Vamos ao laboratório. Receio que... Tenho de assegurar-me...

Sempre falando, retiraram-se do quarto.

Bárbara Franklin recostou-se nas almofadas e fechou os olhos.

Algo desagradavelmente, a enfermeira Craven comentou:

- Parece-me que a condutora de escravos é Miss Hastings!

Depois sorriu para amenizar a observação. Mrs. Franklin abriu os olhos, pestanejou infantilmente, e murmurou:

- Sinto-me tão *inadequada!* Sei que devia mostrar-me mais interessada no trabalho de John, mas sou incapaz de fingir. Compreendo que há qualquer coisa errada da minha parte... mas...

Foi interrompida por um pigarrear de Boyd Carrington que se achava junto da lareira. Afastou-se ligeiramente do fogão de sala e sorriu:

- Patetice, Babs. Você está *perfeitamente,* no seu papel. Não se apoquente.

- Mas, Bill querido, a verdade é que me preocupo. Sinto-me tão desencorajada. Sou incapaz de mostrar-me interessada, de simular... é horrível! Os porquinhos-da-índia e os ratos e toda aquela porcaria... Uhh!

Estremeceu, como que arrepiada. Em seguida, com novo pestanejar muito doce para Boyd, prosseguiu:

- Sei que é estúpido, mas que quer? Sou uma tola! Não nasci para certas coisas. Confesso que tudo aquilo me mete nojo. Gostaria apenas de pensar em coisas belas, como flores e pássaros e crianças brincando ao sol. *Você* sabe isso bem, Bill.

Boyd aproximou-se e pegou na mão que ela lhe estendeu, queixosamente. Bárbara envolveu-o com um olhar muito terno, como que agradecida pela protecção que ele lhe dispensava... como que considerando-o o homem que efectivamente a compreendia e lhe servia.

- Não mudou muito desde os seus dezassete anos, Babs - disse ele, realmente com ar protector. Lembra-se do jardim de sua casa, com o tanquezinho para o banho dos pássaros, com os coqueiros em volta?

Virou-se para mim e esclareceu:

- Bárbara e eu somos velhos parceiros.

- Velhos! - protestou ela.

- Oh! Não nego que você tem menos quinze anos do que eu, mas brincámos juntos, quando você era uma garota de dez anos, ou pouco mais, e eu era um rapaz de barba feita. Quando regressei, muito depois de si, vim encontrá-la transformada numa linda jovem, mesmo na altura de fazer a sua entrada na sociedade. Tive ainda a sorte de acompanhá-la aos campos de golfe e de ensiná-la a empunhar um *club*. Lembra-se?

- Oh, Bill! Como poderia esquecer-me desses *tão* agradáveis momentos!

Dirigindo-se-me, Bárbara explicou:

- Os meus viviam já nesta parte do mundo, tendo-se fixado em Knatton. E Bill, sempre que vinha de licença passava uns dias com seu tio, Sir Everard, que igualmente vivia em Knatton.

- E que mausoléu era aquela casa! - motejou Boyd. - Muitas vezes desesperei, receando não poder tornar o ambiente *vivível !*

- Oh Bill! Podia ter sido maravilhoso... verdadeiramente maravilhoso.

- Sim, Babs, mas o problema foi eu não ter tido ideias nessa altura a seu respeito. Considerava-a ainda uma criança, sabe? Banhos e algumas cadeiras realmente confortáveis... era tudo o que então podia pensar de Knatton. Aquilo precisava de uma mulher.

- Eu tive ocasião de dizer-lhe. Podia ajudá-lo. A sério.

Sir William Boyd consultou duvidosamente a enfermeira Craven com o olhar.

- Se você se sentisse suficientemente forte, podíamos tentar... Que acha, enfermeira?

- Certamente, Sir William. Penso realmente que um passeio só faria bem a Mistress Franklin. É necessário que ela não se ache *imaginativamente* inválida.

- Nesse caso, está combinado - entusiasmou-se Boyd. - E

agora vai dormir tranquila, para estar em boas condições de rever, amanhã, o local da sua meninice.

Ambos desejámos boa-noite a Mrs. Franklin e saímos juntos.

Enquanto descíamos as escadas, Boyd Carrington disse, bruscamente:

- Você não faz ideia que adorável criatura ela era, quando tinha dezassete anos. Eu voltara a casa, quando regressei da Birmânia... minha mulher morrera lá, não sei se sabe?... Não importa que lhe diga que fiquei com o coração despedaçado. Com o tempo, comecei a pensar em Bárbara, a prender-me um pouco à ideia... mas sabe como as coisas são! Casou com Franklin três anos mais tarde. Não creio que tenham feito um casamento feliz. Estou convencido que é isso que a faz sentir-se doente. O rapaz não a entende nem a aprecia. E ela é do género sensitivo, extremamente nervosa, creio eu. Tirem-na daqui, divirtam-na, demonstrem interesse pela sua pessoa e verão como se transforma numa mulher completamente diferente e sã. Mas aquela criatura apenas se interessa por microrganismos, tubos de ensaio e culturas nativas da África Ocidental... sabe como é!

E Sir William Boyd Carrington pigarreou censurador.

Pensei que pudesse haver algo de muito interessante em tudo quanto me dissera.

Primeiramente, fiquei surpreendido com a possibilidade de ele interessar-se por aquela mulher, doente e aparentemente tolinha, instalada numa autêntica caixa de bombons. Boyd era um homem de tal vitalidade e amante de acção e de vida ao ar livre, que, provavelmente, se sentira impressionado e impaciente

perante aquele tipo neurótico de inválida.

Contudo, Bárbara Franklin devia ter sido, realmente, uma rapariga encantadora na sua juventude e muitos homens, especialmente os do tipo idealístico, como eu catalogava Sir William, ficam profundamente impressionados com recordações e a presença desse tipo feminino.

No piso inferior, Mrs. Luttrell carregou na nossa direcção e sugeriu um jogo de brídege. Descartei-me com o pretexto de que desejava fazer companhia ao meu amigo Poirot.

Fui dar com o meu amigo deitado na cama. Curtiss andava por ali, às voltas, fazendo ligeiras arrumações, mas foi-se logo embora, mal entrei, e fechou a porta atrás de si.

- Diabos o levem, Poirot, a si e à sua mania de tirar mistérios da manga. Gastei toda a noite a tentar descobrir quem é X.

- Belo! Isso deve tê-lo distraído um pouco. Ninguém comentou a sua abstracção, perguntando-lhe que se passava consigo?

Não consegui ocultar um certo embaraço, ao recordar a abordagem que Judith me fizera. Notei nos lábios de Poirot um sorriso discreto, aparentemente trocista, mas limitou-se a inquirir:

- E a que conclusões chegou?

- Diz-me, depois, se acertei?

- De maneira nenhuma.

Sondei-lhe o rosto, agora inexpressivo.

- Estive a considerar o caso de Norton - comecei. O rosto de Poirot não denunciou a menor alteração.

- Não encontrei nada de suspeito nele, a não ser achá-lo diferente das demais pessoas. Não me pareceu um criminoso normal.

- Há muitas maneiras de classificar os criminosos típicos, mas temos de admitir que um criminoso normal pode simular astutamente uma certa anormalidade.

- Que quer dizer com isso?

- Suponhamos que um estranho aparece algumas semanas antes de ser praticado um crime, num dado local, sem qualquer razão aparente. Tornar-se-ia imediatamente notado, após o crime. Contudo, se fosse uma pessoa de aspecto e carácter desapercebidos, absorvido por um desporto qualquer, como por exemplo a pesca, atrairia muito menos suspeitas sobre as suas intenções e sobre o seu posterior acto.

- Como observar pássaros, por exemplo. Era o que eu estava a sugerir.

- Por outro lado - prosseguiu Poirot -, ainda seria melhor se o criminoso fosse uma pessoa de situação social proeminente. Mais dificilmente seria alvo de suspeitas.

Fitei-o atentamente para ver se, efectivamente, essa hipótese teria algum fundamento, quanto ao hipotético X, mas o meu amigo não se descoseu. Como nada apontava de definitivo no caso Norton, citado, e no caso Boyd, apenas sugerido, mencionei a hipótese do coronel Luttrell. Teria aberto aquela pensão,

unicamente com o fito de nela poder praticar o “seu” crime?

Gentilmente, Poirot sacudiu a cabeça, mas a sua negativa não se referia à sugestão.

- Não é no meu rosto que você vai ler a resposta - disse.

- Sabe que é um homem irritante, meu amigo? desabafei. - Apesar de tudo, Norton não é o meu único suspeito. Que me diz a esse tipo, Allerton?

Mantendo o seu rosto impassível, indagou:

- Não gosta dele?

- Nem um pedacinho.

- Aposto como é o género de pessoa que você considera repelente, hem?

- Exacto! - confirmei. - Que pensa dele?

- Dir-lhe-ei apenas que é um homem muito atractivo... para as mulheres.

Satisfez-me verificar que mantínhamos uma identidade de opiniões.

- Como as mulheres podem ser idiotas! - exclamei. - Que diabo podem elas ver num tipo como aquele?

- Sabe-se lá? Mas é sempre assim. O *mauvais sujet*... as mulheres são sempre atraídas por essa espécie de energúmenos.

- Mas porquê? - insisti. Poirot encolheu os ombros.

- Talvez vejam neles qualquer coisa que nós somos incapazes de discernir.

- Mas o quê?

Após uma breve pausa, declarou:

- Perigo, possivelmente... Todas as pessoas buscam um pouco de perigo, como se fosse uma especiaria para excitar a vida. Algumas procuram-no em espectáculos, como as touradas. Outras lêem livros acerca de situações emotivas; outras, ainda, procuram a excitação do perigo nos cinemas. As mulheres têm mais razão do que os homens em procurarem esses derivativos indirectos, porque, enquanto eles correm perigos sob vários aspectos, elas só podem encontrá-los, na generalidade, em enredos de sexo. Talvez seja por isso que sentem atracção pelo bafo do tigre; que ousam roçar-se pelos espinhos na Primavera. O parceiro sadio que daria um excelente e afeiçoado marido, passam por ele desinteressadamente.

Durante alguns minutos, permaneci calado a pensar nestas considerações. Depois, voltei ao tema prévio:

- Sabe uma coisa, Poirot? Ser-me-ia muito mais fácil descobrir quem é X, se pudesse interrogar todas as pessoas acerca das suas relações com alguns dos indivíduos implicados naqueles cinco crimes.

Disse isto triunfalmente, considerando a possibilidade aceitável, mas Poirot fitou-me com um olhar trocista e retorquiu.

- Não solicitei a sua presença, aqui, Hastings, para que você fosse repisar o trilho da investigação que já laboriosamente tracei.

E desde já lhe digo que não seria tão simples como você pensa. Quatro daqueles casos ocorreram neste mesmo condado. As pessoas reunidas sob este tecto não são uma colecção de estranhos, vindos independentemente, por decisão esporádica. Não é verdadeiramente um hotel, no sentido lato da palavra. É mais um ponto de reunião do que um centro ocasional de convívio. Os Luttrell fazem parte deste mundo restrito; vieram para aqui, como que à aventura. Mas os outros...

Os olhos do meu amigo cintilaram expressivamente.

- Os outros - continuou - são amigos, ou amigos recomendados por outros amigos. Sir William persuadiu os Franklin a virem até cá. Estes, por seu turno, desafiaram Norton e creio que também sugeriram a vinda de Miss Cole... e assim por diante. O mesmo é dizer que todos os presentes se conheciam já directa ou indirectamente. Esta tese aplica-se igualmente a X, para quem os factos gerais não ocultam surpresas. Ele sabe entre quem vai operar, como sempre o soube nos casos precedentes. Analise, por exemplo, o crime Riggs. A aldeia onde ocorreu não fica longe de casa do tio de Boyd Carrington. Também Mistress Franklin vivia aqui perto. O hotel da aldeia é agora muito frequentado por turistas. Alguns dos amigos de Mistress Franklin costumavam vir até cá. O próprio doutor Franklin já cá viveu. É muito possível que Norton e Miss Cole tenham estado nesta área e, provavelmente, estiveram mesmo.

Como eu esboçasse um gesto impaciente, Poirot travou-mo:

- Não, não, meu amigo. Peco-lhe que não insista em que eu lhe revele um segredo que considero perigoso para a sua própria segurança. Recuso-me, *desde sempre,* a fazê-lo.

- Acho isso absolutamente tolo - declarei, contrariado. - Confesso-lhe que me apetece mandar passear tudo isto. Estou farto de ouvi-lo referir-se à minha impossibilidade de disfarçar um pensamento. Não tem piada nenhuma.

Calmamente, Poirot inquiriu:

- Está certo de que é a única razão que me impede de dizer-lhe quem é X? Não compreende, meu amigo, que esse conhecimento é verdadeiramente perigoso? Não percebe que estou profundamente preocupado com a sua própria segurança?

Olhei-o de boca aberta. Até àquele minuto, não dera a devida atenção a esse ângulo da questão. Quando antes mo sugerira, não lhe ligara a menor importância. Reconhecia agora que ele tinha razão. Se um criminoso praticara, com efectivo sucesso, cinco crimes, conseguindo manter-se insuspeito, não hesitaria em eliminar alguém que lhe seguisse a pista.

- Mas, nesse caso, você... você também corre perigo, Poirot!

Com um gesto de supremo desdém, respondeu:

- Bem sabe que estou acostumado a isso. Posso e sei proteger-me. E não tenho aqui comigo o meu fiel mastim, para proteger-me ainda mais eficientemente? O meu excelente e leal Hastings?

Capítulo VI

Constava que Poirot gostava de viver diurnamente: deitar cedo e cedo erguer. Portanto, deixei-o para que dormisse e desci as escadas, parando alguns momentos para trocar impressões com o criado de quarto, Curtiss, com quem me cruzei no caminho.

Achei que era um indivíduo sólido, lento de percepção mas sincero e competente. Estava ao serviço de Poirot, desde que regressara do Egipto. Informou-me de que a saúde do seu patrão parecia ter melhorado grandemente, mas que sofrera, depois disso, alguns ataques do coração, segundo ele mesmo lhe confessara, desconfiando tratar-se de angina de peito. Nos últimos meses, talvez dois, começara a manifestar um certo agravamento, quanto ao artritismo, amarrando-o à cadeira de rodas ou ao leito.

Pensei que, na verdade, tínhamos passado juntos uns belos dias, na aventurosa senda anticrime, em que o meu galante amigo se tornara famoso. Mesmo agora, fraco e coxo, quase totalmente paralítico, mantinha o mesmo espírito indomável, pronto a investir nessa matéria em que era o mais hábil perito de todos os tempos.

Acabei de descer as escadas, com um indelével sentimento de tristeza. Dificilmente podia conceber sentir-me feliz na vida, sem o meu querido amigo Poirot.

Tinham acabado uma partida de brídege na sala de estar e convidaram-me a comparticipar na que se lhe seguia. Pensei que isso serviria para distrair-me um pouco e aceitei. Boyd Carrington

largou a mesa e tomei-lhe o lugar, em frente de Norton, tendo os Luttrell por adversários.

Mrs. Luttrell mostrou-se ostensivamente desagradada com esta disposição de jogo. Mordeu o lábio superior e, subitamente, não só se lhe extinguiu o aparente encanto, mas também o seu sotaque irlandês... contudo, só por momentos.

Em breve percebi porquê. Ulteriormente tive ocasião de jogar várias vezes com o coronel e, na verdade, não se poderia dizer que fosse bom jogador. Era o que poderia chamar-se um bridegista mediano e imensamente distraído. De quando em quando, cometia o seu erro, por falta de atenção, mas quando jogava de parceria com Mrs. Luttrell, os disparates sucediam-se com uma frequência desencorajante. Não havia dúvida de que ela o enervava, tornando-o muito pior jogador do que ele realmente era, na ausência da esposa. Pelo seu lado, Mrs. Luttrell jogava muito conscienciosamente, com extrema atenção às vozes, observando até os movimentos dos dedos e perscrutando atentamente as expressões do rosto não só do seu parceiro, mas também dos adversários. Poder-se-ia dizer que jogava para ganhar.

Depressa compreendi o que Poirot pretendera exprimir com o termo “envinagrar”. Não perdoava ao marido o mais pequeno deslize e a maneira como expressava a sua crítica justificava a imagem de “língua viperina”. O ambiente tornava-se verdadeiramente desagradável e tanto Norton como eu sentimo-nos aliviados, quando a partida acabou.

Com o pretexto da hora tardia, ambos recusámos encetar nova partida e, quando nos retirámos, Norton exprimiu-me descuidadamente os seus sentimentos.

- Pode crer que não aprecio jogar nestas circunstâncias, Hastings. Dá-me cabo do fígado ver o pobre coronel ser tratado daquela maneira. Pobre tipo! Não sei como aguenta aquilo, sem usar os termos apropriados de um coronel que serviu na India. Pois ela merecia-o... ouvir uma ou duas das boas!

- Pschiu! - avisei Norton, receoso de que a sua voz fosse ouvida pelo "pobre" coronel que estava atrás de nós, não muito distante, e que provavelmente ouvira mesmo.

- É realmente revoltante - insistiu ele. - Mas tem o ferro cravado na alma. Nem se revolta. Vai atrás dela: "Sim, minha querida; não minha querida; perdão minha querida", cofiando o bigode e curvando-se para que ela lhe ponha a albarda. Nem poderia endireitar a espinha, mesmo que o tentasse.

Baixei a cabeça, desconsoladamente, pois parecia-me que Norton tinha razão.

Parámos no átrio e notei que a porta do jardim estava aberta, entrando o vento por ela.

- É melhor fechar aquilo, hem? - propus. Norton hesitou um momento, antes de decidir:

- Bem... é possível que nem todos tenham entrado. Uma súbita suspeita atacou-me o espírito.

- Quem está ainda lá fora? - indaguei.

- A sua filha, creio... e... bem, creio que Allerton.

Tentou falar com uma intonação casual, mas a informação vinha na sequência da minha conversa com Poirot e senti-me

subitamente preocupado.

Judith e Allerton! Certamente que a minha Judith, esperta e fria, não se deixaria levar por um tipo como AÍlerton. Decerto que seria capaz de ler através dele, nas entrelinhas.

Repeti, para mim mesmo esta opinião que, infelizmente, não se tornava convicção. Enquanto me despia, a dúvida desagradável não se desvaneceu e persistiu quando procurei conciliar o sono, virando-me na cama de um lado para outro, sem encontrar posição para o corpo, nem paz para o espírito.

Tal como sempre nos acontece quando nos deitamos com uma preocupação, os problemas ressurgem-nos exagerados. Uma vaga de desespero invadiu-me. Se ao menos minha mulher fosse viva! Neste capítulo, como em alguns outros, era muito mais avisada do que eu e sabia não só compreender as crianças, mas também falar com elas e convencê-las. Sem ela, sentia-me miseravelmente incapaz, como que desarmado. Se Judith ia agora arruinar as suas possibilidades de felicidade, se ia enveredar por um trilho de sofrimento...

Desesperado, acendi a luz e levantei-me. Aquilo não podia continuar. Precisava de dormir um pouco. Dirigi-me ao lavatório e olhei duvidosamente para um frasco de aspirina que estava sobre a prateleira.

Não. Precisava de qualquer coisa mais forte do que isso. Pensei que talvez Poirot tivesse algo mais forte, do género calmante ou soporífero. Atravessei o corredor em direcção ao seu quarto, mas parei, à porta, envergonhado, com a ideia de ir acordar o meu pobre amigo.

Enquanto hesitava, ouvi passos no corredor, na minha direcção. Era Allerton. Como a luz era fraca só me apercebi de que se tratava dele, quando já estava junto a mim. Sorria para si próprio e não gostei do sorriso. Encarou comigo e ergueu as sobrancelhas:

- Olá, Hastings! Ainda a pé?

- Não conseguia dormir - respondi secamente.

- E só isso? Venha comigo que já lhe resolvo o problema.

Segui-o até ao quarto que era imediato ao meu. Uma estanha fascinação impelia-me a estudar esse homem, mais de perto, na sua intimidade.

- Você deita-se muito tarde, pelo que vejo - comentei.

- Nunca fui do género de ir cedo para a cama. Nem mesmo quando praticava desporto. As belas noites foram feitas para serem aproveitadas.

Riu-se e também não gostei do riso. Segui-o até ao quarto de cama. Abriu um pequeno armário e retirou lá de dentro um frasco de cápsulas.

- Aqui tem - ofereceu. - Isto põe-no a dormir, não tarda nada, e lindos sonhos. *Slumberyl, é* o nome dessa droga.

O entusiasmo que manifestava na voz pareceu-me denunciar o apreciador de drogas.

Desconfiado, sondei:

- E perigoso?

- Se tomar demasiadas cápsulas ao mesmo tempo, certamente. É um barbitúrico muito forte e, portanto, em dose excessiva torna-se terrivelmente tóxico.

Sorriu apenas com os cantos dos lábios dando ao rosto uma expressão desagradável.

- Não sabia que podia comprar-se uma droga destas, sem receita médica - admirei-me, com intencional ingenuidade.

- E não pode, meu velho. Mas é como se pudesse. Tenho facilidade em consegui-la. Sirva-se à vontade.

Suponho que foi loucura de minha parte, mas não pude resistir ao impulso de perguntar-lhe:

- Conheceu Etherington, segundo creio, não? Compreendi, imediatamente, que lhe tocara em qualquer ponto sensível. Os seus olhos mostraram-se cautelosos e duros.

- Sim... pobre tipo! Conheci-o, sim.

Como eu não fizesse qualquer comentário, acrescentou:

- Na realidade, Etherington tomava drogas, mas abusou delas. As pessoas têm de saber quando devem parar. Ele não soube e deu mau resultado. Quem teve sorte foi a mulher. Se a simpatia do júri não estivesse do seu lado, teria sido enforcada.

Entregou-me um par de cápsulas e sondou casualmente:

- E você, conheceu Etherington? Respondi-lhe francamente:

- Não.

Por um instante, pareceu perder os estribos, sem saber como reagir. Depois disfarçou com uma ruidosa gargalhada. Ainda menos gostei dela.

- Era um tipo giro. Não se poderia considerar um alegre compincha da escola, mas, às vezes, não era mau companheiro.

Agradeci-lhe as cápsulas e voltei para o meu quarto.

Quando me estirei ao comprido nos colchões e apaguei a luz, perguntei-me se não teria cometido uma asneira.

Cada vez se materializava mais no meu espírito a hipótese de Allerton ser X... E tinha-lhe permitido pensar que suspeitava desse facto.

Capítulo VII

I

Esta narrativa dos dias que passei em Styles deverá parecer, de certo modo, baralhada. Ao pretender reproduzi-la, verifico que me limitei a compilar uma série de conversas dispersas, palavras sugestivas e frases que se me gravaram na consciência.

A ideia que mais me apoquentou foi verificar que a enfermidade de Poirot não apresentava grandes possibilidades de cura. Se o seu cérebro permanecia são, a trabalhar perfeitamente, todo o invólucro físico estava tão fraco que compreendi competir-me ser mais activo nas minhas diligências. Teria de agir como se fosse os olhos e os ouvidos do meu amigo Poirot.

Todos os dias Curtiss tinha de retirar o seu patrão da cama e carregá-lo para a cadeira de rodas. Depois de tratar dele, convenientemente, empurrava-o até ao jardim, a menos que o tempo não fosse propício a esse limitado banho de liberdade. Nesse caso, conduzia-o simplesmente para a sala de estar.

Certamente que, aí, as pessoas passavam por ele e dirigiam-lhe algumas palavras, mas não era a mesma coisa do que poder procurá-las como e onde quisesse, para interrogá-las sub-repticiamente, como só ele sabia fazer. Ali, não podia escolhê-las. Era também uma espécie de caça, mas não como apreciava, à maneira de mastim, mas de aranha, na sua teia.

No dia seguinte à minha chegada fui levado por Franklin até a um velho estúdio, ao fundo do jardim, agora improvisado em laboratório científico.

Diga-se desde já que não tenho inclinações especiais para a ciência e creio que, perante o que animadamente me mostrou, usei dos comentários e expressões inadequadas. Não serei pois a pessoa indicada para explicar, precisamente, no que consistia o seu trabalho.

Como simples homem de leis, depreendi que efectuava experiências com vários alcalóides derivados de uma semente da Calábria, conhecida por *Psysostigmina venenosum.* Só fiquei a saber mais alguma coisa daquela história, depois de ter falado acerca dela, ou melhor, depois de ter ouvido Franklin explicá-la a Poirot, na minha presença.

Quando Judith tentou elucidar-me acerca dos seus trabalhos, fê-lo como é costume da gente nova, que se especializou em qualquer matéria, e utilizou tal terminologia que fiquei na mesma, por demasiado técnica. Referiu-se sabiamente aos alcalóides de fisostigmina, eserina, fisoveína e generesina, e então embrenhou-se na nomenclatura de uma série de substâncias que até nos custa pronunciar, como prostigmina dimetilcarbinol, hidroxiprolina, trimetilomelanina, etc. etc., que pareciam ser os seus encantos e me levaram a perguntar-lhe que raio de utilidade tinha aquilo tudo para a espécie humana. Não há nada que mais aborreça um cientista do que ouvir tal pergunta. Ainda foi mais extensa e complexa nas suas explicações. Compreendi que existia uma certa etnia de indígenas na África Ocidental que possuíam uma notável imunidade em relação a uma doença chamada jordanitite, por ter sido detectada pela primeira vez por um cientista de nome Jordan e que fora contraída por alguns europeus com resultados fatais.

Não quis desencadear a fúria de Judith, observando-lhe que

seria preferível procurarem uma droga que curasse as pessoas de qualquer etnia da tão propagada falta de nutrição.

Como que adivinhando a minha dúvida quanto à urgente utilidade de tal estudo, adiantou que não interessava apenas a ciência com o objectivo do benefício da Humanidade, mas também pelo puro alargamento de horizontes no campo do *conhecimento.*

Observei algumas lamelas com preparações microscópicas, algumas fotografias de negros de aspecto doentio, custando-me diferençá-los dos saudáveis, olhei de relance para uma gaiola com ratos e senti-me deveras aliviado quando fruí da primeira oportunidade de sair para o ar livre.

Mas, como disse, a conversa que presenciei, entre Poirot e o Dr. Franklin, já me despertou bastante interesse.

Disse-lhe este último:

- Você sabe, Poirot, que os efeitos desta semente se enquadram mais na sua especialidade do que na minha? Algumas tribos acreditam que tem o dom de provar a culpabilidade ou a inocência de uma pessoa. Afirmam com absoluta convicção que a ingestão da semente provoca a morte do culpado e poupa o inocente.

- Provavelmente, concluem que todos são culpados de alguma coisa, porque, se é venenosa, morrem todos depois de ingeri-la - observou Poirot.

- Não, nem todos morrem. O facto foi cientificamente verificado, mas nada tem de sobrenatural. Na realidade há duas

espécies de sementes, extraordinariamente semelhantes mas, efectivamente, diferentes. Ambas contêm fisostigmina e generesina e as restantes matérias componentes, mas uma delas possui também um outro alcalóide que podemos isolar, ou pelo menos tentamos isolar, que neutraliza o efeito mortífero dos outros. E o mais notável é que aqueles que ingerem essa segunda espécie, neutralizante da acção fatal das primeiras... o que fazem num ritual especial, ficam também imunizados em relação à jordanitite. Esta substância produz um efeito interessantíssimo sobre o sistema muscular, sem consequências deletérias. Está a ver como se torna empolgante o seu estudo. Infelizmente, o alcalóide, no seu estado puro, é muito instável. Só há muito pouco tempo comecei a obter resultados apreciáveis, mas quero isolá-lo definitivamente. Compreende, é um trabalho que tem de ser levado a cabo. Quanto mais próximos nos sentimos de alcançar o nosso objectivo, maior é o estímulo e a ânsia de atingi-lo.

Calou-se bruscamente, para depois desfechar:

- Perdoem toda esta desarrumação, mas... se não levam a mal... tenho de continuar a ocupar-me disto.

- Tal como disse - comentou Poirot -, a minha profissão seria altamente simplificada se eu pudesse utilizar essa semente, na detecção dos culpados, separando-os dos inocentes, como o trigo do joio. Quem me dera possuir uma substância, aqui à mão, com as mesmas propriedades dessa semente.

Franklin fez uma careta e respondeu:

- O problema não ficaria por aí. A questão resume-se a: quem

é efectivamente culpado e quem é inocente?

- Devo depreender - intervim -, que há dúvida acerca desse assunto?

Franklin virou-se para mim e interrogou:

- O que é realmente mau, neste mundo? E o que é realmente bom? As opiniões dos homens sobre essa matéria tem variado através dos séculos. O que podemos discernir no espírito humano resume-se, provavelmente, a um sentimento de culpa ou a um sentimento de inocência. Mas isso, como teste experimental, não vale de nada.

- Não vejo como chega a essa conclusão - disse, levemente confuso.

- Meu caro amigo - retorquiu-me -, suponha que um homem pensa ter o direito divino de matar; por exemplo, o poder discriminativo sobre a vida e a morte que alguns ditadores se atribuíram. Poderá cometer uma acção que você considera criminosa, mas que ele considera justa e inocente. Onde está definido o mal e o bem?

- É natural que ele sinta um sentimento de culpa - objectei.

- Se considera a sua acção boa e justa, não terá esse sentimento a atormentá-lo. Há imensa gente que eu *gostaria* de matar - afirmou o Dr. Franklin com veemência. - Não acredito que a minha consciência me impedisse o sono, depois de eliminar aqueles que julguei perniciosos à existência, ou à felicidade dos seus semelhantes. Estou convencido, sabe?, que oitenta por cento da Humanidade pensa que deveria exterminar alguém. Todos nós

já o desejámos ou ainda o desejamos.

Afastou-se, com expressão pensativa e assobiando baixinho.

Fiquei a olhá-lo pasmado, mas uma cotovelada ligeira de Poirot fez-me voltar à realidade.

- Você, meu amigo - motejou ele -, parece que caiu num poço de víboras! Esperemos que o doutor Franklin não ponha em prática as suas prédicas.

Ainda abismado, observei:

- Mas, suponha que põe?

II

Depois de algumas hesitações, decidi sondar Judith acerca de Allerton. Achei dever perscrutar quais eram as suas reacções a seu respeito.

Sabia que ela era uma moça com a cabeça no seu lugar, muito capaz de tomar conta de si própria, e não podia acreditar que pudesse, de qualquer maneira, interessar-se por um tipo do género de Allerton. Suponho agora que resolvi, então, abordar o assunto unicamente para reassegurar-me dessa minha convicção.

Infelizmente não consegui obter os resultados esperados. Confesso que entrei no assunto pouco diplomaticamente. Nada há que os jovens mais detestem do que os conselhos dos mais velhos. Tentei dar às minhas palavras um tom carinhoso e, aparentemente, desinteressado.

Judith reagiu imediatamente, com sarcástica hostilidade:

- Que é isso? Um aviso paterno contra o lobo mau?

- Não, Judith, de maneira nenhuma.

- Aposto que não gosta do major Allerton.

- Francamente, não me agrada mesmo nada e suponho que também sentes o mesmo, não?

- Porque não?

- Bem... creio que não é o teu tipo... pois não?

- Que é que considera ser o meu tipo? Fitava-me directamente nos olhos, com os cantos dos lábios subidos, num ar trocista.

- Certamente que não gosta dele - motejou. Não deve ser o tipo do pai, mas eu gosto. Acho-o muito divertido.

- Divertido, talvez - retorqui -, mas não passa disso... espero.

Deliberadamente, Judith ripostou:

- É um homem muito atraente. Todas as mulheres o acham deveras interessante. Como é natural, os homens não.

- Evidentemente que não! - afirmei e, descontrolando-me um pouco, acrescentei: - Estiveste com ele, lá fora, ontem à noite...

Ainda não tinha acabado a frase, já a tempestade se desencadeara:

- Francamente, pai, isso parece demasiado idiota de sua parte. Não compreende que, na minha idade, uma rapariga já está apta a tratar dos seus próprios assuntos? Ou não me considera

capaz de olhar por mim? Serei anormal a seus olhos? Creio que não tem o direito de andar a vigiar-me e a verificar o que faço, ou quem é que escolho para as minhas amizades. É essa interferência na vida dos filhos que tem causado o seu afastamento dos pais e das mães. Gosto imenso de si, pai, mas já sou uma mulher adulta e a minha vida só a mim me diz respeito. Não venha armar comigo em Mister Barrett.

Senti-me tão magoado com aquela observação indelicada que fiquei incapaz de replicar, e Judith afastou-se rapidamente.

Tive a sensação de que a minha intervenção fora contraproducente.

Permanecera ali, parado, entregue às minhas preocupadas cogitações, quando fui sacudido pela voz da enfermeira de Mrs. Franklin:

- Está hoje muito pensativo, capitão Hastings! Virei-me, satisfeito pela interrupção.

- Estou sempre pensativo - respondi. - O cérebro não me serve para outra coisa, Miss Craven.

A jovem enfermeira era uma mulher realmente bonita, de formas esbeltas e bem delineadas, embora as suas maneiras me parecessem ficticiamente animadas, pois notava-se-lhe no olhar, mesmo quando sorria, algo de melancólico. Porém, não tive dúvida de que era uma mulher inteligente e indubitavelmente agradável.

Acabara de instalar a sua paciente num solário improvisado, não muito longe do laboratório.

Depois de trocadas as palavras rituais, que o abuso social torna pouco significativas, perguntei:

- Acha que Mistress Franklin se interessa pelos trabalhos do marido?

A enfermeira Craven ergueu a cabeça, como se precisasse de ponderar bem a questão antes de dar uma resposta, mas formulou-a imediatamente:

- Oh, é uma actividade demasiado técnica para *ela.* Não é o que se possa chamar uma mulher inteligente, sabe, capitão Hastings?

- Sim, creio que não!

- Como é natural, o trabalho do doutor Franklin só poderá agradar a uma pessoa que saiba ou se interesse por medicina. É, na verdade, um homem inteligente, brilhante, mesmo, sabe? Pobre homem! Tenho pena dele.

- *Pena* dele?

- Sim. Já tenho visto isso acontecer frequentemente... Casar com o tipo de mulher errado, quero eu dizer.

- Acha portanto que ela é o tipo errado para ele?

- E o senhor não acha? Nada têm de comum um com o outro.

- Ele dá-me a impressão de gostar muito dela arrisquei. - Muito atento a todos os seus desejos... sempre pronto...

A enfermeira Craven riu-se e comentou:

- Ela faz por isso, realmente.

- Pensa que ela o ilude... com a sua doença - inquiri, manifestando certa dúvida.

Desta vez a enfermeira Craven soltou uma pequena gargalhada.

- Há muito pouca coisa que se possa ensinar-lhe sobre a maneira de levar a água ao seu moinho. Tudo quanto sua senhoria pretende, consegue-o habilidosamente. Há pessoas assim: o que desejam, acontece. Algumas, se alguém se lhes opõe, fazem uma cena dos diabos e atingem o seu objectivo; outras, deitam-se revirando os olhos, num trejeito patético, simulam-se doentes e vencem da mesma maneira, jogando com a nossa piedade. Mistress Franklin é do tipo patético. Arranja-se de maneira a não dormir durante toda a noite, de forma a mostrar-se pálida e exausta no dia seguinte.

- Mas então - surpreendi-me -, ela não está verdadeiramente doente?

A enfermeira olhou-me de relance e tornou-se subitamente séria.

- Certamente - confirmou, mudando rapidamente de assunto.

Perguntou-me se era verdade eu ter estado na guerra... na Primeira Guerra Mundial.

- Sim, é verdade - satisfiz. Baixou a voz e indagou:

- Deu-se aqui um crime, não foi? Uma das criadas falou-me nisso. Assassinaram uma senhora de idade, segundo me constou.

- Sim.

- E o capitão estava aqui, nessa altura?

- Estava.

Fez-me uma pequena careta e comentou:

- Isso explica tudo, não acha?

- Explica o quê?

- Esta... esta atmosfera que respiramos, o ambiente que nos rodeia, não sente isso? Parece que há qualquer coisa no ar, que está *errada,* sem que saibamos o que é.

Fiquei momentaneamente calado, considerando a questão. Seria possível que houvesse uma certa razão de ser naquilo que ela acabava de dizer-me? Que um facto produzido há muitos anos possa ser pressentido pelas pessoas que se encontrem no mesmo local em que ele ocorreu? Os psíquicos pensam que sim. Poderia Styles conservar ainda entre as suas paredes, sob os seus tectos, nos jardins e no ar que respirávamos indícios imateriais desse acontecimento trágico que tanto nos preocupara o espírito?

A enfermeira Craven interrompeu os meus pensamentos declarando:

- Estive, uma vez, numa casa em que também se deu um caso de homicídio. Nunca poderei esquecê-lo. Sinto-me sempre angustiada, quando penso nisso. É uma experiência demasiado dura para uma rapariga.

- Deve ser realmente. Sei isso por experiência própria, mesmo sendo homem.

Interrompi-me porque Boyd Carrington acabava de dobrar a esquina da casa.

Como de costume, a sua destacada personalidade parecia afastar as sombras de intangíveis temores. Tal como na índia. Era tão grande, tão são, tão ar livre, que forçosamente irradiava segurança e senso comum.

- 'dia, Hastings; 'dia enfermeira. Como está Mistress Franklin?

- Bom dia, Sir William. Mistress Franklin está ao fundo do jardim, a bronzear-se ao sol, junto da faia, perto do laboratório.

- E Franklin? Aposto em como está *dentro* do laboratório.

- Sim, Sir William, com Miss Hastings.

- Pobre moça. É criminoso mante-la a trabalhar, num dia como este. Devia protestar, Hastings.

A enfermeira Craven interveio rapidamente:

- Oh, Miss Hastings deve sentir-se *absolutamente* feliz. Gosta daquilo e o doutor não pode fazer nada sem ela.

- Tipo miserável! - disse Boyd Carrington. Se eu tivesse uma secretária tão bonita, como o é a sua filha Judith, preferiria olhar para ela, do que para porcos-da-índia, hem, que diz?

Eis o género de piada que Judith não gostaria de ouvir, mas

que agradou claramente à enfermeira Craven. Soltou uma gargalhada e exclamou:

- Oh, Sir William! Não deve dizer coisas dessas. Estou certa de que todos sabem que o senhor é mesmo assim! Mas, coitado do doutor Franklin, é um homem tão sério que só tem olhos para seu próprio trabalho.

Boyd Carrington disse jocosamente:

- Bem, de qualquer maneira, a mulher tomou posições estratégicas que lhe permitem vigiar o marido de perto. Parece-me que é ciumenta.

- Sabe coisas de mais, Sir William! - respondeu a enfermeira Craven mostrando-se deliciada com toda esta tagarelice. - Infelizmente tenho de deixar-vos para cuidar do leite maltado de Mistress Franklin.

Afastou-se, enquanto Boyd Carrington a seguiu com o olhar.

- Miúda atraente - apreciou. - Tem um belo cabelo e dentes magníficos. É um fino espécimen de dona de casa. É uma pena desperdiçar a vida de volta com doentes. Uma garota como ela merecia um melhor destino.

- Também acho. Suponho que, mais cedo ou mais tarde, acabará por casar.

- Também o espero.

Ficou pensativo, por momentos, e admiti que estivesse a recordar-se da sua falecida esposa. Depois, desafiou:

- Quer vir daí comigo, até Knatton, e visitar aqueles sítios?

- Com muito prazer. Deixe-me, contudo, ver se Poirot precisa de mim.

Fui encontrar o meu amigo sentado na varanda, muito bem instalado. Encorajou-me a acompanhar Sir William.

- Vá, meu caro Hastings, não se prenda. Creio que é uma propriedade magnífica. *Deve* ir vê-la.

- Gostaria, realmente, mas custa-me deixá-lo aqui. É como se desertasse.

- Meu fiel amigo! Vá com esse homem encantador. Até convém que fale com ele.

- Primeira classe - classifiquei-o, com entusiasmo.

Poirot sorriu e declarou:

- Está a extinguir-se essa espécie de homens... como os rinocerontes. Já sabia que era o seu tipo.

III

Apreciei enormemente a expedição.

Não só o dia estava maravilhoso, um verdadeiro dia de Verão, de ar ligeiro, mas também a companhia do meu guia.

Boyd Carrington possuía o magnetismo pessoal que a experiência da vida em diversos lugares transmite, transformando-o num excelente parceiro.

Contou-me várias histórias do seu tempo de administração na Índia, alguns intrigantes pormenores de uma tribo da África Oriental, junto da qual também vivera, e entusiasmei-me de tal maneira que cheguei a esquecer as minhas preocupações acerca de Judith e a profunda ansiedade que me causaram as revelações de Poirot.

Também gostei da maneira como Boyd Carrington se referiu ao meu amigo, não só focando o seu trabalho, mas também o seu carácter.

Apesar da tristeza que, naturalmente, sentíamos por vê-lo naquele estado de saúde, Boyd não utilizou quaisquer expressões de piedade. Parecia considerar que a sua vida fora tão cheia de emoções, que poderia sentir-se feliz só com rememorá-las.

- Além disso - observou -, estou certo de que o seu cérebro se mantém tão esclarecido como dantes, sem sofrer da menor amnésia e arguto como sempre.

- Lá isso é verdade incontestável! - apressei-me a confirmar.

- Não há maior erro do que pensar-se que um homem, pelo facto de ficar paralítico, pode perder as suas faculdades mentais. Nem um pedacinho. *Anno Domini* afecta muito menos o trabalho dos miolos do que vulgarmente se julga. Por isso, em todas as tribos primitivas, em todos os reinos civilizados, os conselheiros são sempre pessoas de idade. De nada lhes serviria a experiência, se estivessem cerebralmente cansados, mas a verdade é que a espécie humana se cansa mais depressa dos órgãos vegetativos do que dos de raciocínio.

Após uma ligeira pausa, sorriu e comentou:

- Cos diabos! Ninguém pense em cometer um assassínio nas barbas de Poirot, nem mesmo nos dias correntes.

- Hei-de ajudá-lo a caçá-lo, a si, se você se atrever a isso - motejei.

- Estou certo de que me apanhavam, mas não seria grande glória para Poirot coleccionar-me como trofeu. Não devo ter o menor jeito para isso. E daí, nunca se sabe. Não! Seria incapaz de sair-me bem. Não sei alterar provas, confundir situações. Depois, sofro de uma terrível impaciência. Se cometesse um crime só poderia executá-lo, se esporeado momentaneamente por um forte estímulo. Lamento imenso desapontar o seu amigo Poirot, mas não creio possuir as condições mínimas que se exigem a um bom criminoso.

- Uma das condições fundamentais é a paciência - sentenciei.

- Também o penso. Estou certo de que deixaria pistas e indícios por todos os lados. Bem, posso considerar-me ser um tipo de sorte, por não possuir tendências criminais, com a falta de aptidão para esse género de coisas que me caracteriza. O único tipo de indivíduo de que me imagino capaz de matar seria um chantagista. Detesto isso, sabe? Sempre pensei que um chantagista deveria ser abatido a tiro. Que acha?

Tive de confessar que concordava com o seu ponto de vista.

Em seguida passámos a apreciar as reparações e modificações operadas na casa, quando o jovem arquitecto se acercou de nós.

A construção de Knatton datava do período Tudor, com uma

ala posteriormente anexa. Não sofrera ainda qualquer modernização desde a instalação de dois quartos de banho, por volta dos anos oitocentos e quarenta.

Boyd Carrington explicou-me que seu tio fora, mais ou menos, um eremita, evitando o convívio das pessoas e instalando-se num canto da vasta mansão. Boyd e o seu irmão tinham sido tolerados durante os períodos de férias escolares, antes de *Sir* Edward se tornar num recluso voluntário.

O velho nunca decidira tornar a casar-se e apenas gastara um décimo dos seus rendimentos, de forma que, após a sua morte, o presente baronete podia considerar-se um homem muito rico.

- Mas, muito solitário - confessou, meditabundo.

Permaneci calado. A minha simpatia por este homem era demasiado forte para poder exprimi-la por meio de palavras. Também eu me sentia um solitário. Desde que Cinders morrera, sentia-me transformado apenas em meio homem... Um ser humano incompleto.

Dei-lhe a entender o que sentia, pessoalmente.

- Ah, sim, Hastings, mas você teve uma coisa que nunca alcancei.

Fez uma pausa, após a qual, quase soturnamente, me descreveu, por alto, a sua própria tragédia.

Sua mulher fora uma jovem muito bela, cheia de encantos e virtudes, mas arrastada pela hereditariedade. Quase toda a sua família morrera por efeitos de alcoolismo e ela própria fora

vitimada por essa causa. Praticamente, apenas um ano depois do casamento, perdera-a... morte por dipsomania.

Não podia censurá-la. A tendência hereditária fora mais forte do que ela.

Depois da sua morte, resolvera manter uma vida solitária. Magoado pela sua triste experiência determinara não tornar a casar-se.

- Essa tragédia transformou-me por completo. Confesso que me senti envelhecer prematuramente, como se o espírito pudesse repudiar a alegria - confidenciou. - É verdade que estive, uma vez, tentado a refazer a minha vida. Mas ela era tão nova... que não achei gentil ligá-la a um homem tão desiludido. Considerei-me velho de mais para ela... que não era senão uma criança... muito bela... ainda por desabrochar.

Interrompeu-se, abanando a cabeça.

- Não lhe competiria a ela julgar? - equacionei.

- Não sei, Hastings. Pensei que não. Creio que ela... gostava de mim. Mas, como lhe disse, era nova de mais. Lembrá-la-ei sempre como a vi no último dia da nossa separação. A sua cabeça ligeiramente inclinada para um dos lados, os olhos levemente orvalhados de lágrimas... a sua pequenina mão...

Calou-se. A imagem pareceu-me vagamente familiar mas, de momento, não percebi porquê.

Subitamente, a voz de Boyd Carrington tornou-se áspera, arrancando-me às minhas reflexões.

- Fui um tolo! - reconheceu. - Todo o homem é um tolo quando deixa fugir a sua oportunidade. De qualquer modo, aqui estou eu, numa grande mansão, vasta de mais para mim, sem uma presença graciosa para sentar na minha frente, à cabeceira da mesa.

Encantava-me a maneira antiquada como ele expunha os seus sentimentos e imagens. Dava-me a ideia, de que vivia num mundo já passado de requinte e encanto.

- Por outro lado, sinto-me mais seguro sozinho.

- Sim, compreendo o que sente. Está preservado de tornar a passar por semelhante desgosto.

Sacudiu a cabeça, confirmativamente.

- Onde esta ela agora? - inquiri.

- Oh! Casada...

Mudou repentinamente de assunto.

- O facto é, Hastings, que já estou adaptado à vida de solteiro. Arranjei outras vias de diversão. Venha daí ver os jardins. Têm sido muito negligenciados, mas... não estão mal de todo, mesmo assim.

Demos uma volta pelo local e fiquei muito impressionado com o que vi.

Knatton era indubitavelmente uma magnífica propriedade e não era de admirar que Boyd Carrington se sentisse orgulhoso por possuí-la. Conhecia bem a vizinhança e as pessoas dos

arredores, sem falar, naturalmente, dos amigos que o visitavam amiúde.

Conhecera o coronel Luttrell, nos velhos tempos, e exprimia a sua esperança de que a exploração de Styles resultasse rendosa.

- Velhote fixe, Toby Lutrell, cheio de coragem, sabe? Tipo catita. Um bom militar e esplêndido atirador. Uma vez, acompanhei-o num safari, em África. Ah! Isso é que eram tempos! Já era casado, nessa altura, mas a senhora não vinha atrás dele, graças a Deus! Era uma linda mulher, sabe? Mas nunca deixou de ser uma tártara! É estranho como um homem... o que um homem é capaz... de sujeitar-se a uma mulher!

Sorriu, esboçando um gesto vago e acrescentou:

- O velho Toby Luttrell fazia os seus subalternos tremerem dentro dos sapatos, sempre muito recto, estritamente cumpridor dos seus deveres e levando os outros a imitá-lo. E aí o tem, com a cauda entre as pernas, como um cão de fila atrás dela. Não há dúvida que todas as mulheres sabem fazer uso da língua, mas aquela... é autêntico ácido sulfúrico! Leva-o pela trela e de roldão. Se alguém é capaz de fazer aquele lugar dar lucro, é ela. Luttrell nunca teve muito jeito para negócios... mas Mistress Luttrell era capaz de sangrar uma pedra... com aquele seu arzinho!

- Parece tão amável, tão atenciosa - comentei.

- Pois, pois - riu Carrington. - Toda ela é doçuras, mas já teve ocasião de jogar brídege com eles?

Foi a minha vez de sorrir. Disse-lhe que já tinha sofrido essa experiência.

- Evito sempre jogar brídege com mulheres que sejam jogadoras de brídege, não sei se me entende? E se quer o meu conselho, não se meta nisso.

Contei-lhe como Norton e eu nos tínhamos sentido desconfortáveis, durante a partida, logo na primeira noite que passara em Styles.

- Exactamente. Nem sabemos para onde olhar. Apetece-nos enfiarmo-nos pelo chão abaixo.

Depois de uma pequena hesitação comentou:

- Tipo simpático, esse Norton. Muito quieto... sossegado, não acha? Sempre à caça de pássaros e de coisinhas insignificantes! Não lhe interessa caçá-los declarou-me. Extraordinário, hem? Não tem a menor inclinação para o desporto! Disse-lhe que não sabia o que perdia. Pois o homem não percebe... não consegue entender o meu desinteresse em espiar a intimidade de um par de melros por um binóculo! Ele há cada um!

Mal sabia Boyd Carrington que esse entretenimento de Norton poderia vir a desempenhar um importante papel nos acontecimentos que se sucederiam.

Capítulo VIII

I

Os dias passaram. Foi um período irritante, com a desagradável sensação de que se aguardava qualquer coisa indefinida.

Nada, afinal de contas, se tomarmos em devida consideração o que na verdade *acontecia.* Ligeiros incidentes, fragmentos de conversas aparentemente desconexas, discreto exame das pessoas e atitudes, observações elucidativas, quanto ao temperamento dos vários convivas instalados em Styles, mas nada mais.

Foi Poirot quem, com algumas palavras intencionais, soube mostrar-me algo que me passara criminosamente desapercebido.

Estava eu a queixar-me do tempo, estupidamente desaproveitado por recusar-se a confiar-me a identidade de X; a censurá-lo pela falta de confiança que parecia depositar nas minhas faculdades; a recriminá-lo por não se mostrar *desportivo,* quando levantou a mão, impaciente, e declarou:

- Calma, meu amigo. Admito que não *é,* como você diz, desportivo, mas isto não é propriamente um jogo. Não foi para que você descobrisse a identidade de X, que lhe pedi que viesse cooperar comigo. Seria desnecessário ocupá-lo com uma coisa que já sei há muito tempo. O que não sei e tenho de descobrir é: "Quem vai ser morto... muito em breve?" Essa é a questão, *mon vieux;* não um jogo de apostas, mas evitar que um ser humano seja morto. Embasbaquei.

- Certamente - concordei, lentamente. - Na realidade você já me tinha dito isso, mas não pensei, ainda, quem...

- *Bien,* chegou a altura de dizer-mo. Quem vai ser assassinado?

Olhei-o aturdido.

- Não faço a menor ideia - confessei.

- Pois já devia ter uma. Que mais está cá a fazer?

- Deve haver certa ligação entre a vítima e X. Por isso, se você se deixasse de teimosias e me dissesse quem é ele...

Poirot abanou a cabeça com tanto vigor, que me deu pena vê-lo fazer aquilo, doente como estava.

- Já lhe expliquei que a essência da técnica de X é nunca permitir que descubram qualquer interligação entre ele e a sua futura vítima. Por aí nunca chegaria lá, é mais do que certo.

- Que essa ligação está oculta, quer você dizer rectifiquei.

- Tão oculta que nem você, nem eu poderíamos descobri-la.

- Mas certamente que investigando o passado de X...

- Desde já lhe digo que não daria resultado. Pelo menos, *neste* momento. E o assassínio pode acontecer, agora, de um instante para o outro, compreende?

- O assassínio de alguém, nesta casa?

- Sim, o assassínio de alguém, nesta e desta casa.

- E, na verdade, você não sabe quem, nem como?

- Se o soubesse, meu amigo, não estava a pedir-lhe que se apressasse a descobrir quem será a vítima imediata.

- E baseia a sua presunção apenas pela presença de X?

O meu tom de voz deve ter soado nitidamente duvidoso. Poirot cuja impaciência devia ter-se tornado ainda mais aguda, em virtude da imobilidade a que a doença o forçava, não conseguiu dissimulá-la.

- *Ah, ma foil* Quantas vezes tenho de repetir-lhe os mesmos princípios? Se uma data de correspondentes de guerra chegam ao mesmo tempo a um mesmo ponto da Europa, que é que isso significa? Significa guerra. Se uma multidão de médicos desembarcam, na mesma data, numa cidade qualquer, que é que isso anuncia? Que vai realizar-se uma conferência médica internacional. Se vir um abutre esvoaçar sobre um determinado ponto, concluirá que está aí uma carcaça. Se um grupo de velhotas começarem a tagarelar em voz baixa, lançando, de quando em quando, um olhar furtivo para outra pessoa, poderá jurar que estão a falar mal dela, e se várias pessoas caminharem ao longo do mesmo corredor e flutuar, no ar, o aroma de um bom pitéu, deduzirá que uma refeição está prestes a ser-lhes servida.

Considerei estas analogias, por alguns segundos, e alvitrei, baseando-me na primeira:

- Mas um só correspondente de guerra já não significa guerra.

- Pois não, tal como uma andorinha não faz o Verão. Mas um

assassino, Hastings, é bastante para fazer um crime.

Decerto que aquilo era inegável. Contudo, ocorreu-me a ideia (que podia ter passado desapercebida a Poirot) de que também um assassino tem os seus períodos de folga. X podia estar em Styles simplesmente a passar férias sem intenções letais.

Todavia, Poirot estava tão convicto da iminência do crime que não me atrevi a expor-lhe a sugestão.

Disse-lhe apenas que não tinha grandes esperanças de descobrir a vítima antes que esta o fosse, efectivamente. Teríamos de esperar...

- ... e ver - concluiu Poirot. - Tal como o seu Mister Asquith, na última guerra. Isso, *mon cher, é* exactamente o que não devemos fazer. Tenho-lhe dito, já várias vezes, na verdade, que quando um assassino está determinado a cometer um crime, não será fácil detê-lo, mas podemos, ao menos, tentá-lo. Imagine que tem defronte de si um problema de brídege no papel. Pode ver todas as cartas. Tudo o que lhe é exigido é deduzir o resultado das combinações.

- Não dará resultado, Poirot - queixei-me. Não faço a menor ideia. Ainda se você cedesse em dizer-me quem é X...

O meu amigo falou tão alto que, desta vez, Curtiss acorreu, para inquirir se algo corria mal. Só então Poirot acalmou, controlando o tom do seu protesto.

- Com os diabos, Hastings! Você não é tão estúpido como pretende parecer. Estudou todos os casos que lhe dei a ler. Pode não saber quem é X, mas conhece a técnica que ele emprega para

cometer os seus crimes.

- Oh, estou a ver...

- Pois está visto! O seu problema é ser mentalmente preguiçoso. Gosta de tornar isto num jogo e fazer apostas, mas aborrece-o ter de usar a cabeça. Qual é o elemento essencial da técnica de X? Não é verdade que, só após o crime estar cometido, é que a sua técnica fica completa? Isso significa que tem um motivo para o crime, tem uma oportunidade, tem meios para executá-lo, e, finalmente, o que é mais importante, o assassino está pronto a desfechar o golpe.

Compreendi, subitamente, o ponto essencial *e* quanto tinha sido tolo em não o discernir mais cedo.

- Estou a ver. Tenho que observar, entre todas as pessoas, qual é aquela que reúne os requisitos que respondem a essas perguntas. Obterei, assim, a vítima potencial.

Poirot recostou-se nas almofadas e suspirou:

- *Enfin!* Sinto-me muito cansado. Diga a Curtiss que venha ter comigo. Você já percebeu qual é a sua missão. E activo, sabe observar, pode seguir as pessoas, falar-lhes, espiá-las.

Ia esboçar um protesto, mas desisti. Ele prosseguiu:

- Pode ouvir as converas que travam entre elas; ainda tem joelhos que lhe permitem dobrá-los, conseguindo, portanto, espreitar às fechaduras...

Desta vez interrompi-o:

- Não farei uma coisa dessas. Não conte comigo para espreitar às fechaduras.

Poirot fechou os olhos desalentado.

- Muito bem - concedeu. - Não espreitará. Manterá a sua condição de *gentleman* e alguém será assassinado, por causa disso. Isso não tem importância. A honra está sempre à frente de um inglês! A sua honra é mais importante do que a vida do seu semelhante. *Bien! É* ponto assente.

- Tenha pena de mim, Poirot - supliquei. - Há coisas que não sou capaz de fazer.

- Certo - anuiu. - Mande-me cá Curtiss. Vá-se embora. Você é extremamente obstinado. Desejaria ter comigo alguém que fosse capaz de substituir o meu arruinado físico, alguém em quem pudesse confiar, como em mim mesmo. Devia ter contado com as suas absurdas ideias de cumprir as regras do jogo. Já que não é capaz de utilizar as suas células cinzentas, como se as não possuísse, ao menos use os olhos, os ouvidos e o nariz, até onde os seus sentimentos de honra lho permitam.

II

Foi no dia seguinte que me resolvi a pôr em prática uma ideia que já me aflorara ao cérebro mais do que uma vez. Mas fi-lo receosamente, pois nunca sei como Poirot acaba por reagir.

Contudo, achei conveniente expô-la antecipadamente:

- Tenho estado a pensar, meu caro, que talvez não seja o parceiro que lhe convém nesta emergência. Você deu-me a

entender que eu era estúpido, bem... e de certa maneira é verdade. Ainda por cima, sinto-me apenas meio homem do que já fui. Desde que Cinders morreu...

Calei-me e Poirot emitiu um ruído, com o nariz, testemunhando-me pesar. Prossegui:

- ... Mas está cá um homem que poderia ajudar-nos... exactamente o género de homem de que precisamos. Miolos, imaginação, recursos, cheio de imaginação e habituado a tomar resoluções. Estou a referir-me a Boyd Carrington. É a pessoa de quem precisamos, Poirot. Porque não lhe confia o seu segredo? Ponha-lhe toda a história em pratos limpos.

Poirot abriu os olhos e disse com rude decisão:

- De maneira nenhuma.

- Mas, porque não? Não pode negar que ele seja esperto... numa craveira muito acima da minha.

- Isso - retorquiu Poirot com inaudito sarcasmo -, não é difícil! Mas tire essa ideia da cabeça, Hastings. Não vamos confiar em *ninguém.* Percebeu isso, hem? Veja se entende bem o que lhe digo: proíbo-o de falar no caso, seja a quem for.

- Muito bem, se assim o deseja - aquiesci -, mas Boyd Carrington...

- Ah! Ta, ta, ta! Boyd Carrington. Por que razão está tão obcecado a seu respeito? O que é ele, afinal de contas? Um grande homem, bastante pomposo e contente da sua pessoa, porque as pessoas lhe chamam “Sua Excelência”. Um homem que,

efectivamente, reconheço-o, possui um certo conjunto de tacto e encanto pessoal. Mas não é tão maravilhoso como você pensa. Repete-se num bom bocado, conta a mesma história duas vezes, e... o que é pior... a sua memória é tão má, que chega a contar-lhe a mesma história que já ouvira de si. Dir-me-á que possui uma extrema habilidade? Nem por isso. E um enfatuado, um peito cheio de vento... *enfin...* só tem proa!

- Oh! - exclamei indignado.

Segundos depois apercebi-me de que havia uma certa verdade naquelas palavras. A memória de Boyd Carrington não era das melhores. Ainda há pouco tempo cometera uma *gaffe* que dava presentemente um magnífico argumento a Poirot. Poirot referira-se aos seus tempos da Polícia, na Bélgica. Ora, um par de dias antes, quando alguns de nós estávamos reunidos no jardim, Boyd narrara uma mesma aventura que Poirot lhe descrevera, com este preâmbulo:

- Lembro-me de que, certa vez, o chef de Ia Sureté, em Paris, relatou-me...

E Poirot estava presente, mesmo na sua frente... e poder-se-ia dizer que, ao falar, Sir William parecia dirigir-se-lhe, em particular!!!

Compreendi que uma má memória, na missão que urgia desempenhar, não seria um bom cartão-de-visita.

Por isso, não disse nem mais uma palavra e saí.

III

Desci as escadas e fui para o jardim. Não havia ninguém por ali e encaminhei-me para um pequenino bosque. Momentos depois descobria um outeiro relvado no topo do qual se divisava uma espécie de casa de Verão, num avançado estado de decrepitude. Dirigi-me para lá, acendi o cachimbo e sentei-me para alinhar as minhas ideias.

Quem seria a pessoa que se achava em Styles e que tinha um motivo suficientemente poderoso para matar uma outra... ou quem teria dado motivo para que a matassem?

Pondo de lado o coronel Luttrell, cujo caso parecia justificar que desejasse arejar os miolos da esposa com uma machadada, nenhum outro me parecia evidente.

O meu problema residia em não conhecer ainda suficientemente a vida e o carácter daquelas pessoas. Por exemplo, Norton e Miss Cole? Quais eram os motivos usuais para homicídio? Dinheiro? Boyd Carrington tinha-o. Talvez fosse o único comparsa rico daquele enredo. Se morresse, quem poderia herdar a sua fortuna? Faria o herdeiro parte dos hóspedes daquela casa? Era um ponto que precisava de ser esclarecido. Poderia, por exemplo, ter testado a sua fortuna a pesquisas científicas, tornando Franklin seu legatário, quando morresse. Isso e os poucos judiciosos comentários do doutor de cabelos ruivos, acerca da ânsia de exterminação da raça humana, podia constituir um motivo que o apontaria indiscutivelmente. Talvez Miss Cole ou Norton fossem seus parentes, tornando-se obviamente seus herdeiros. Ou teria a velha amizade do coronel Luttrell contribuído para que Boyd o nomeasse no seu testamento? Parecia que estas possibilidades satisfaziam todos os ângulos do factor dinheiro ou haveria outros? Restavam as

hipóteses de feição romântica.

Os Franklin. Mrs. Franklin era uma inválida. Seria possível que estivesse a ser envenenada lentamente, de maneira que o crime viesse a ser atribuído a seu marido? E não seria ele próprio, na realidade, o autor do envenenamento? Não havia dúvida que tinha meios e oportunidade para perpetrar o crime. Quanto a motivo, tê-lo-ia? Ocorreu-me uma ideia desagradável: poderia, de qualquer maneira, vir Judith a ser envolvida no caso? Eu tinha a certeza de que as suas relações se restringiam a contactos puramente profissionais, entre patrão e empregada, apenas interessados nas pesquisas científicas de labor quotidiano e comum; mas a opinião pública acreditaria nisso? Judith era uma moça muito bonita. Uma assistente ou secretária atraente têm constituído motivo para muitas condenações. Essa possibilidade causou-me uma verdadeira angústia.

Em seguida considerei o caso de Allerton. Se houvesse um crime, gostaria que fosse ele o culpado. Só que não deparava com um motivo que pudesse satisfazer essa minha preferência.

Miss Cole, embora já não fosse muito nova, ainda reunia fortes encantos pessoais. Seria admissível que tivesse mantido relações com Allerton e fosse agora pasto do fogo do ciúme. Não me parecia que fosse esse o caso, mas supondo que existisse entre eles qualquer ligação secreta... se Allerton fosse X... se desejasse libertar-se dela...

Abanei a cabeça impacientemente. Aquela espécie de raciocínio não me conduzia a lado nenhum. Passos no saibro, à distância, atraíram a minha atenção. Vi Franklin caminhando rapidamente em direcção a casa, com as mãos nas algibeiras e a

cabeça lançada para diante.

A sua atitude evidenciava desilusão, se não desespero. Surgiu-me aos olhos como um homem profundamente infeliz.

Estava tão concentrado a observá-lo que não me apercebi de que alguém se aproximava de mim, pelas costas, caminhando sobre a relva que lhe abafara os passos. Virei-me de salto, quando Miss Cole se me dirigiu:

- Assustei-o, capitão Hastings?

- Não a ouvi chegar - expliquei apologeticamente. Ela começara a examinar a arruinada casa de Verão.

- Que relíquia vitoriana! - apreciou, em ar de mofa.

- Receio bem que esteja cheia de aranhas - adverti. - Vou limpar o banco para que possa sentar-se ao pé de mim.

Ocorreu-me que surgia, agora, uma magnífica oportunidade de conhecer melhor aquela conviva de Styles. Mal Miss Cole se instalou, tratei de estudá-la dissimuladamente.

Devia andar entre os trinta e os quarenta anos, de constituição esbelta, com um perfil bem delineado e olhos verdadeiramente bonitos. Aparentava um ar reservado... diria até de suspeita. Pensei que tinha junto de mim uma mulher que sofrera e que, consequenteniente, se sentia profundamente desgostosa da vida.

O meu instinto indicou-me que precisava de saber muito mais, acerca da personalidade de Elizabeth Cole.

- Diga-me em que estava a pensar - começou ela -, quando me aproximei, sem que desse por mim? Estava verdadeiramente mergulhado em profunda meditação.

Calmamente respondi:

- Observava o doutor Franklin.

- Sim?

Não vi razão para não lhe transmitir aquilo em que cogitava.

- Tenho a impressão de que é um homem muito infeliz.

Miss Cole confirmou:

- Certamente que o é! Só agora deu por isso?

- Sempre pensei que fosse um homem absorvido pela paixão do seu trabalho.

- E é.

- Chama a isso infelicidade? Eu diria que *é* o estado mais feliz que se possa desejar.

- Sim, não discuto isso. Resta, porém, saber se o seu trabalho será a sua única paixão. Pode dar-se o caso de dedicar-se furiosamente a uma ocupação, exactamente porque uma outra, que preferiria, lhe é defesa.

Fitei-a sinceramente surpreendido e ela elucidou:

- No Outono passado foi oferecida ao doutor Franklin, a possibilidade de ir para a África, a fim de prosseguir aí as suas

pesquisas científicas. É um homem muito esperto, como sabe, e tem fama de cientista da primeira apanha, em matéria de medicina tropical.

- E não foi, pelos vistos.

- Não. A mulher opôs-se-lhe. Declarou que não tinha saúde para suportar o clima e insurgiu-se contra a hipótese de ficar cá, deixando-o partir sozinho, especialmente porque essa separação não representaria, para ela, já se sabe, uma vantagem pecuniária, antes pelo contrário. O seu nível de vida decresceria, visto que o aumento de honorários do médico não compensaria as despesas de duas casas, cada qual em sua latitude.

- Oh, compreendo. Suponho que o doutor considera que, efectivamente, o estado de saúde da esposa não lhe permite levá-la consigo - insinuei.

- Sabe realmente alguma coisa acerca do seu estado de saúde, capitão Hastings? - interrogou ela, mordaz.

- Bem... não. Apenas o que ela própria me disse... Mas é uma inválida, não é verdade?

- Se ela lho disse... Pessoalmente, creio que uma mulher no seu estado, ou melhor, do seu tipo psíquico, mesmo que venda saúde, deve estar realmente *enferma*. Penso que Mistress Franklin tem muito gosto em estar, ou fazer-se doente.

Como Miss Cole tivesse pronunciado esta última frase com um áspero tom de secura, fitei-a atentamente e compreendi que todas as suas simpatias se dirigiam para o Dr. Franklin.

- Suponho - objectei -, que todas as mulheres de constituição frágil têm inclinação para se tornarem egoístas, não será assim?

- Tem razão. Também creio que as pessoas inválidas são mais egoístas do que as outras, mas não podemos censurá-las. É tão fácil ser-se egoísta.

- Não me parece que seja esse o caso de Mistress Franklin. Ela pode, na verdade, estar doente...

- Por minha parte - declarou Miss Cole -, não mostraria tanta convicção nessa hipótese. Sempre me sugeriu a impressão de uma pessoa capaz de fazer quanto quer, ou melhor, levar os outros a fazerem só o que ela própria deseja.

Durante um minuto, reflecti, em silêncio, naquelas observações. Era evidente que Miss Cole estava muito a par do que se passava na intimidade da *ménage* Franklin. Com certa curiosidade, inquiri:

- Suponho que conhece bem o doutor Franklin?

- Nem por isso - respondeu ela. - Só os tinha encontrado uma ou duas vezes, antes de vir para cá.

- Mas ele falou-lhe dos seus problemas, segundo depreendo.

Miss Cole abanou a cabeça negativamente.

- De maneira nenhuma. Tudo quanto acabo de referir-lhe, soube-o através de sua filha Judith.

Pensei, com súbita acidez no espírito, que Judith preferia escolher pessoas estranhas, para suas confidentes, ao seu próprio

pai.

A minha interlocutora continuou:

- Judith é terrivelmente dedicada ao patrão e preocupa-se, na verdade, com o seu bem-estar... e condena claramente o egoísmo de Mistress Franklin.

- E Miss Cole? Também pensa que se trata de puro egoísmo?

- Sim... mas compreendo o seu ponto de vista. Sei o que são inválidos naturais e... não direi simulados, mas *temperamentais.* Mas também compreendo perfeitamente o ponto de vista do marido. Judith acha que Mistress Franklin deveria compartilhar dos interesses do doutor e, de qualquer modo, amoldar-se mais aos imperativos da sua profissão, já que é dela que extrai os proventos que lhe facultam gozar a vida regalada que ela sempre levou. De resto, a sua filha é também uma entusiástica pesquisadora científica.

- Bem sei - disse desconsoladamente. - Às vezes isso apoquenta-me. Não me parece muito natural, sabe?... naquela idade! Acho que devia ser mais humana... isto é, mais jovem, mais preocupada em gozar a vida... enamorar-se de um ou dois rapazes novos, como ela... Afinal, a juventude fez-se para aproveitar-se uma certa liberdade de voo e não para enterrar-se num laboratório, constantemente debruçada a contemplar micróbios e preparações químicas. Não acho isso natural. Nos meus tempos de rapaz, queríamos divertir-nos, namorar... *você* bem sabe!

Estabeleceu-se um momento de silêncio, após o qual Miss Cole declarou nostalgicamente:

- Não, não sei!

Fiquei instantaneamente horrorizado pela *gaffe* que acabava de cometer. Inconscientemente, falara como se tivéssemos sido contemporâneos, mas compreendi que ela devia ser mais nova do que eu dez anos, pelo menos, se os meus cálculos batiam certos.

Tentei emendar a indelicadeza, da melhor maneira que pude, mas ela cortou-me a frase, corrigindo:

- Não, não me refiro a isso. Por favor, não me peça desculpa, pois não lhe falava da idade. Quis unicamente significar o que lhe disse: *Não sei!* Nunca fui aquilo a que se possa chamar jovem. Nunca tive... nunca passei por isso a que as pessoas se referem por "os bons tempos da minha mocidade".

Algo na sua voz, uma amargura, um profundo ressentimento, deixaram-me deveras perturbado. Consegui apenas murmurar:

- Lamento imenso! Miss Cole riu-se.

- Oh, não tem importância. Não se mostre tão chocado. Vamos falar de outra coisa, sim?

Obedeci:

- Nesse caso, diga-me o que pensa das outras pessoas que nos rodeiam, aqui em Styles!... Ou dar-se-á o caso de também serem todos eles estranhos para si?

- Nem todos. Conheci os Luttrell desde sempre, praticamente, toda a minha vida. É triste que tenham chegado a isto... especialmente ele. O coronel é um querido. E ela também é muito melhor do que dá a entender. Tiveram de lutar toda a vida,

especialmente ela, o que lhe deu essa aparência beligerante, em alguns casos... especialmente na forma como se exprime, às vezes, com o marido. Tem umas maneiras um pouco rudes, em relação a ele.

- Fale-me de Norton. Conhece-o?

- Pouco sei acerca de Mister Norton. Parece-me um homem simpático, talvez demasiado metido consigo... um pouco estúpido... talvez. Mas é muito delicado com toda a gente. Viveu sempre com a sua mãe, sabe? Foi sempre, segundo ouvi dizer, "o menino de sua mamã" e consta que ela era uma mulher do tipo mesquinho e muito estúpida, também. Deve ter-lhe transmitido muito da sua própria personalidade. Há homens que sofrem imenso com isso. Ficam marcados para toda a vida. Ela morreu, há poucos anos, e a sua morte afectou-o muito. E louco por pássaros e flores e coisas delicadas, desse género. É realmente um homem muito atencioso e atento... e sabe ver muita coisa.

- Refere-se aos seus binóculos, não, Miss Cole? Ela riu, como se me considerasse demasiado ingénuo.

- Bem, não era a isso que me referia, literalmente. Pretendia antes dizer que é um homem capaz de ver atentamente o que se passa à sua volta e tirar conclusões... E tem prazer em fazê-lo. A maioria das pessoas tranquilas e desocupadas são assim. Não será do tipo egoísta, mas direi, antes, desprovido de afeição, não sei se me entende?

Acenei afirmativamente com a cabeça.

- Sim, bem sei.

Subitamente, Elizabeth Cole disse ainda com mais amargura:

- Isso é o lado depressivo de lugares como estes. Casas de hóspedes geridas por pessoas fracassadas, frequentadas por pessoas que falharam na vida; ou que sofrem problemas sentimentais; ou ainda que se sentem velhos, ou alquebrados, ou enfermos.

Intimamente concordei com ela. Como aquilo era verdade! *Cabeças grisalhas, corações grisalhos, sonhos grisalhos.* Eu próprio sentia-me triste e solitário e a mulher a meu lado não passava de uma criatura amargurada e desiludida. O Dr. Franklin, impaciente e ambicioso, dominado pelos desejos de uma mulher enferma e igualmente infeliz. O desinteressante e apagado Norton, limitado ao exame de pássaros. Até Poirot, antes tão brilhante, se mostrava alquebrado e meio paralítico.

Quão diferente eram estes dias daqueles em que pela primeira vez viera a Styles! O constraste fez-me soltar um ligeiro suspiro.

- Que se passa? - interessou-se a minha companheira.

- Nada. Estava apenas a comparar o momento presente e aquele em que cá estive, quando era ainda um homem novo.

- Estou a ver. Nessa altura, a casa era um lar feliz?

É curioso como, algumas vezes, os pensamentos giram no nosso cérebro como as imagens mutantes de um caleidoscópio. Lamentava o passado, apenas na sua condição de passado, mas não como fora, na realidade. Efectivamente, não houvera felicidade em Styles. Recordando os factos verdadeiros, vi meu irmão John e sua mulher, ambos infelizes arrastando a vida como

eram forçados a aceitá-la. Laurence Cavendisch, afundada em constante melancolia. Cynthia, com toda a sua acriançada vivacidade, atrofiada pela dependência que lhe era imposta e a coibia de expandir-se. Inglethorp casado com uma mulher rica, unicamente pelo seu dinheiro. Nenhum deles fora feliz e, agora, também ninguém o era. Decididamente Styles não parecia transmitir sorte a ninguém e de forma alguma poder-se-ia considerar uma mansão de felicidade.

- Estava a ser induzido num sentido falso. Na verdade, esta casa nunca foi feliz. E não o é. Toda a gente se sente infeliz dentro dela.

- Não, nem toda. Sua filha, por exemplo...

- Judith está longe de ser feliz.

Disse-o com uma súbita certeza que me confrangia.

- Até Boyd Carrington - lembrei-me -, confessou no outro dia que se sentia muito só, nesta vida, embora me pareça que não tem grande razão para queixar-se, tanto se lhe dando estar nesta casa, como noutra qualquer.

- Com Sir William, o caso é diferente - observou Miss Cole. - Não pertence ao mesmo mundo que nós. Rodeia-se de uma esfera de sucesso e independência; circunscreve-se a um mundo exterior; triunfou na vida e reconhece-o. Não é um dos... dos estropiados.

Escolhera um termo bem estranho para nos classificar. Virei-me para ela, a fim de encará-la bem de frente, e sondei:

- Pode explicar-me porque utilizou essa expressão, tão dura?

- Por ser a que melhor... mais verdadeiramente se adapta. Pelo menos, a mim. Não sou mais do que uma estropiada!

- Estou a ver - declarei com simpatia -, que foi muito infeliz, na sua vida.

Miss Cole olhou-me bem nos olhos e perguntou:

- Não sabe quem sou, pois não?

- Bem... sei que se chama Cole.

- Não é esse o meu nome... Quero dizer... esse era o nome da minha mãe. Foi o que adoptei, depois...

- Depois de quê?

- O meu verdadeiro nome é Litchfield.

Por segundos, não me apercebi do significado desse apelido, embora me fosse familiar. Então, lembrei-me.

- Matthew Litchfield?

Acenou com a cabeça afirmativamente.

- Vejo que está a par do assunto. Meu pai era um inválido e um tirano. Proibiu-nos sempre, enquanto viveu, qualquer género de vida normal. Privava-nos de tudo e mantinha-nos como numa prisão.

Calou-se por momentos, e os seus olhos, muito belos, exprimiram uma profunda melancolia.

- Foi então que minha irmã... minha irmã... Os lábios bem delineados fecharam-se, recolhendo-se num traço fino, e deram-me a ideia de refrear um soluço.

- Por favor - disse-lhe. - Não continue. É demasiado doloroso para si. Sei do caso. Não precisa de contar-mo.

- Mas não sabe, não. Não pode saber a verdade. É inconcebível... inacreditável Maggie... sei que se apresentou à Polícia, que se entregou e confessou culpada, mas, certas vezes... quando penso na questão, não posso acreditá-la! Sinto que não foi verdade. Sei que aquilo não pôde acontecer, como ela o disse.

- Quer dizer que os factos foram... como direi?... deformados?

Interrompeu-se vivamente:

- Não, não é isso. Mas aquele acto não se coadunou com a sua maneira de ser. Não *podia* ter sido Maggie!

As palavras tremeram-me nos lábios, mas não as proferi. Ainda não chegara o momento em que poderia dizer-lhe:

- Tem razão. Não foi Maggie...

Capítulo IX

Deviam ser cerca de seis horas, quando o coronel Luttrell atravessou o relvado. Trazia uma carabina debaixo do braço e baloiçava naturalmente dois pombos-bravos na outra mão.

Estacou, surpreso, quando lhe acenei.

- Olá! Que estão aí a fazer? Olhem que essa espécie de túmulo não é lugar seguro, sabem? Está a desfazer-se ao bocados. Ainda vos cai em cima do toutiço. Receio que lhe suje o vestido, Elizabeth.

- Oh, não há perigo, quanto a isso. O capitão Hastings sacrificou a brancura do seu lenço, limpando o banco para que pudesse sentar-me.

Com o seu ar habitualmente vago, o coronel Luttrell respondeu:

- Ah! Nesse caso está bem... a... pois... perfeito! Ficou parado, mordiscando o bigode, indeciso, sem saber que fazer, então levantámo-nos para ir ao seu encontro.

O seu espírito estava muito longe dali, nessa tarde. Fez um esforço para descer à terra e anunciar:

- Consegui apanhar um par destes marotos. Os pombos-bravos fazem por aí uma data de estragos, sabem ?

- É um belo atirador, segundo ouvi dizer - elogiei.

- Eh? Quem foi que lhe disse isso? Oh! Boyd Carrington, não? Não era mau, nada mau mesmo, noutros tempos... Mas

muito enferrujado... agora... a idade não perdoa!

- A vista? - sugeri.

- Qual carapuça!... Disparate! Os olhos estão na mesma... Isto é, preciso de óculos para ler, naturalmente, mas à distância, vejo optimamente.

Quase um minuto depois, repetiu:

- A... optimamente. Não nesse sentido...

E a sua voz enrolou-se num murmúrio de palavras inaudíveis.

Olhando em volta, Miss Cole observou:

- Tarde magnífica, não acha?

Tinha razão. O Sol estava declinando para ocidente e a luz tornara-se dourada, dando às árvores sombras de verde mais escuro, num conjunto de efeito maravilhoso.

Louvei aquela bela tarde, tépida e calma, muito *inglesa,* tal como as que costumamos recordar, quando estamos longe, nos países tropicais. Disse-o e o coronel Luttrell concordou jovialmente:

- Sim, sim. Muitas,vezes pensei em tardes como esta, quando estava na Índia, sabe? É o que faz uma pessoa desejar vir-se embora de vez, reformar-se e tudo o mais... a... hem?

Neste ponto a voz do coronel alterou-se, ganhando em azedume o que perdera de alegria:

- Pois... vir para a Pátria, e o lar, e repousar... e tal e coisa, mas não é, muitas vezes, como imaginamos... a... não, não!

Pensei que, no caso particular, a desilusão podia ser verdadeira. Não devia ter pensado, ao retirar-se do comando de um regimento da índia, vir a trabalhar como hospedeiro e a aturar uma mulher resmungona e incomodativa.

Ainda tagarelámos durante alguns minutos, tendo o coronel dito uma ou duas piadas, evidenciando mais espírito do que seria legítimo esperar, pelas amostras até então exibidas.

Caminhámos lentamente para casa e fomos encontrar Norton e Boyd na varanda. Enquanto o coronel e eu decidimos juntar-nos a eles, Miss Cole preferiu entrar.

- Foi um dia quente! - disse Norton. - Estou sequioso!

- Tomem uma bebida... por conta da casa, hem? - convidou o coronel Luttrell, com visível satisfação.

Agradecemos e aceitámos. Ele levantou-se e deixou-nos.

A parte do terraço onde estávamos sentados ficava exactamente por debaixo da janela da sala de jantar que estava aberta.

Ouvimos o coronel, no interior, abrir um armário, depois o tinir de vidros e o ruído de uma rolha a sair da garrafa.

Então, abruptamente soou a voz não oficial, áspera e gritante, de Mrs. “coronela” Luttrell:

- Que estás a fazer, George?

A voz do marido reduziu-se a um sussurro. Apenas conseguimos discernir as palavras “amigos” *e* “bebida”.

No seu tom agudo e desagradável, Mrs. Luttrell explodiu, indignada:

- Não vais fazer nada disso, George, Que ideia essa! Era só o que nos faltava! Como julgas que vamos pagar esta propriedade, se começas a oferecer bebidas a toda a gente? Aqui, quem bebe, paga! Tenho uma cabeça para negócios e tu... a tua... se não fosse eu, enfiava-nos a todos na bancarrota. Tenho de olhar por ti como se fosses uma criança. É o que tu és: uma criança idiota! Não tens o menor senso comum! Dá-me cá essa garrafa... Dá-ma cá, estou a dizer-te.

Ainda ouvimos o som de protesto agonizante. Mrs. Luttrell interrompeu o murmúrio, respondendo bruscamente:

- Não me interessa o que pensem de ti, ou o que deixem de pensar. A garrafa volta para o armário e vou fechá-la à chave e já.

O ruído de uma chave a girar na fechadura do armário ainda foi perceptível.

- Ora aí está - declarou Mrs. Luttrell, triunfante. - Aí é que é o lugar dela.

Desta vez a voz do coronel chegou até nós mais audível e clara:

- Estás a ir longe de mais, Daisy. Eu não suporto isso.

- Hás-de suportar isto e muito mais - retorquiu ela. - Quem pensas *tu,* afinal, que és, aqui dentro? Quem é que governa esta

casa? Não te esqueças disso, hem?

Após um restolhar de tecido em movimento, que nos sugeriu que Mrs. Luttrell abandonara a cena, soaram os passos lentos do marido. Momentos depois aparecia, parecendo mais velho e enfraquecido.

- Lamento imenso - disse, num tom a que faltava naturalidade. - Julgo que se acabou o uísque.

Provavelmente pensou que não teríamos ouvido o que se passara. Mas se o pensou, logo essa esperança se lhe deve ter desvanecido do espírito, pois nenhum de nós conseguiu disfarçar eficazmente a perturbação que nos ia na alma. Norton, então, era o que pior sabia representar e apressou-se a declarar que, na realidade, não lhe apetecia beber nada, antes do jantar. Acrescentou uma série de observações contra o hábito dos aperitivos, tão confusamente, que ainda tornaram a situação mais incómoda.

Eu fiquei praticamente petrificado e Boyd Carrington não conseguiu travar a disparatada dissertação de Norton, que, corado, metia os pés pelas mãos.

Pelo canto do olho, vi Mrs. Luttrell atravessar o jardim, equipada com as suas luvas de jardinagem e um sacho de monda. Não havia dúvida de que era uma mulher eficiente, mas senti por ela uma vaga aversão. Nenhum ser humano tem o direito de humilhar outro ser humano.

Norton falava ainda febrilmente. Pegara num dos pombos-bravos e desfiou uma história acerca de quando os seus colegas

de liceu se tinham rido dele quando o viram adoecer perante a sua primeira preparação de biologia com um coelho morto. Depois, referiu-se a um acidente que ocorrera na Escócia, quando um batedor fora morto, durante uma caçada.

Falámos então de vários acidentes até que Boyd Carrigton clareou a garganta e disse:

- Foi divertido o que me aconteceu com um antigo impedido que tive, um irlandês, que fora à terra, de férias. Quando regressou, perguntei-lhe que tal tinham decorrido. Entusiasmadamente respondeu-me: “Foram as melhores férias que tive na minha vida.” “Apraz-me ouvir isso”, disse-lhe eu, admirado por vê-lo tão excitado. Ele justificou: “Tive um grande dia. Matei o meu irmão.” Como não contivesse o meu espanto, o homem prosseguiu: “Há anos que desejava fazê-lo. Desta vez consegui-o. Coloquei-me num telhado e esperei-o. Quando o vi descer a rua, cautelosamente, com uma carabina na mão, procurando surpreender-me e mandar-me desta para melhor, apontei e foi um tiro em cheio. Caiu redondo, como um passarinho. Foi um momento extraordinário que nunca mais esquecerei.”

Como Boyd Carríngton tivesse narrado esta história com um ar comicamente teatral, todos rimos e a tensão desanuviou-se parcialmente. Quando se levantou, anunciando que tencionava tomar um banho antes de jantar, Norton comentou, com entusiasmo:

- É um tipo estupendo, não acham? Concordei e Luttrell acrescentou:

- Sim, sim, na verdade... um bom camarada.

- Teve sempre sucesso, segundo tenho ouvido dizer - continuou Norton. - Tudo quanto lhe cai em mãos é brilhantemente resolvido. Cabeça privilegiada, ideias claras... essencialmente um homem de acção. Tudo quanto faz sai perfeito.

Lentamente, Luttrell comentou:

- Alguns homens são assim. Acertam sempre. Alguns outros não têm essa sorte.

Com um ligeiro movimento de cabeça, Norton confirmou:

- Não, não... nem todos. Falta de sorte, é o que é.

- *"Não nas nossas estrelas, caro Brutus, mas em nós próprios!"*

- Talvez tenha razão - admitiu Luttrell. Apressei-me a desviar a conversa:

- De certeza foi uma sorte ter herdado Knatton. Que local maravilhoso! Mas acho que precisa de casar. Sentir-se-á tremendamente só, num lugar como aquele.

Norton riu e chacoteou:

- Casar e assentar! Mas suponha que a mulher acaba por dominá-lo e pôr-lhe uma coleira?

Foi uma observação do pior gosto. O género de comentário que ninguém deveria ter feito naquela altura. Infelizmente as circunstâncias tinham levado Norton a descair-se e não tinha

agora modo de emendar a *gaffe*. Ficou notoriamente atrapalhado o que ainda piorou a situação.

Ambos começámos a falar ao mesmo tempo. Eu referi-me, parvamente, à luz crepuscular e ele sugeriu uma partida de brídege, depois do jantar, o que já era norma da casa.

Todavia, o coronel Luttrell pareceu não nos ter ouvido e considerou, com voz inexpressiva:

- Não, Boyd Carrington não se deixaria dominar pela mulher. Não é o género de homem que consinta uma trela. E um tipo direito. E um *homem!*

Foi um momento deveras difícil de suportar. Norton prosseguiu gaguejando acerca do brídege, e, nesse momento, um grande pombo-bravo veio pousar numa árvore, não muito longe de nós.

O coronel Luttrell pegou na arma e declarou:

- São uma praga. E um bicho nefasto que se farta, nesta época. Dá cabo de tudo.

Mas, antes que pudesse apontar a arma, o pombo voou para a copa de uma árvore mais distante. De onde estava, tornava-se-lhe impossível atirar com êxito.

Contudo, no mesmo momento, a sua atenção foi desviada por um restolhar súbito na erva, à nossa direita.

- Raios! - exclamou, excitado. - Está ali um coelho, na orla do pomar novo, apesar de eu ter aramado aquilo tudo.

Meteu a arma à cara e disparou.

Ouviu-se um grito de mulher que logo se extinguiu em estertor.

A carabina caiu das mãos do coronel, que ficou siderado. Depois mordeu os dedos e exclamou:

- Meu Deus!... E Daisy!

Eu já corria ao longo do jardim, com Norton colado aos meus passos. Cheguei ao local e ajoelhei. Era Mrs. Luttrell.

Estivera de joelhos, a colocar umas estacas na base de umas hastes de madeira, recentemente plantadas. Realmente, de onde estávamos, não seria possível perceber que era ela, pois a erva estava alta e só conseguíamos ver que se agitava. Certamente que o coronel tomara o restolhar e a agitação das plantas pela presença de um coelho. A luz, àquela hora, era bastante má.

Mrs. Luttrell fora atingida num ombro e sangrava abundantemente.

Examinei o ferimento e olhei para Norton. Encostara-se a uma árvore e o seu rosto tomara uma coloração esverdeada.

- Não posso ver sangue - declarou, à laia de desculpa.

Secamente, ordenei-lhe:

- Corra ao laboratório do doutor Franklin e diga-lhe para vir aqui imediatamente... Ou a enfermeira.

Aquiesceu com um gesto aflito e começou a correr.

Foi a enfermeira Craven a primeira a aparecer em cena. Viera extremamente depressa e começou imediatamente a tentar estancar a hemorragia.

Franklin chegou, ofegante, momentos depois. Conduziram a ferida para casa e deitaram-na na cama. O médico fez um cuidadoso penso e deixou a enfermeira Craven com a sinistrada. Depois dirigiu-se ao telefone e ligou para o médico-assistente de Mrs. Luttrell. Mal pousou o auscultador, perguntei-lhe:

- Como está ela?

- Vai ficar como nova. O tiro não lhe atingiu qualquer ponto vital, felizmente. Como foi que aquilo aconteceu?

Contei-lhe. Ele interessou-se:

- Como ficou o velhote? Deve sentir-se muito em baixo. Provavelmente carece de mais cuidados que a mulher. Não devia mencionar o facto, mas a verdade é que o seu coração está muito em baixo, também.

Fomos dar com ele na sala de fumo. Notava-se-lhe uma cor azulada em torno dos lábios e parecia esgazeado. Bruscamente inquiriu:

- Daisy?... Como está ela? Apressadamente, Franklin sossegou-o:

- Perfeitamente. Não se preocupe.

- Pensei que se tratasse de um coelho a dar-me cabo das macieiras novas. Não percebo como pude cometer semelhante erro. Tinha a luz contra os olhos.

- Essas coisas acontecem - cortou Franklin. - Já assisti a uma ou duas, na minha vida. Olhe, coronel, deixe-me dar-lhe um estimulante. Não me parece que esteja a sentir-se muito bem.

- Não, não, obrigado. Estou fino. Posso ir... posso vê-la?

- Neste momento, não. É melhor não. A enfermeira Craven está com ela. Mas não tem de preocupar-se. Está perfeitamente. Daqui a instantes o doutor Oliver estará aqui e verá como lhe confirma o que agora lhe digo.

Deixei-os juntos e saí para o pôr do Sol. Judith e Allerton vinham na minha direcção ao longo de uma das áleas do jardim. A cabeça dele inclinava-se sobre a dela, rindo ambos.

Aquilo, em sequência da tragédia que acabava de suceder, fez-me sentir irritadíssimo. Chamei Judith, num tom bastante rude e ela fitou-me espantada. Em poucas palavras narrei-lhe o que acontecera.

- Que coisa tão extraordinária havia de suceder! - foi o comentário de minha filha.

Pareceu-me que não ficara tão perturbada como seria natural.

A atitude de Allerton chocou-me, pois tinha algo de ultrajante. Dir-se-ia que tomava a ocorrência como uma piada.

- Espero que o velhote não o tenha feito de propósito, hem?

- Decerto que não - retorqui secamente. - Foi um acidente.

- Pois, pois, conheço esse género de acidentes. Às vezes são

tremendamente oportunos e convenientes. Palavra de honra que, se o velho coronel atirou sobre ela, deliberadamente, tiro-lhe o meu chapéu. Seria caso para parabéns.

- Não foi nada disso - neguei, zangado.

- Não se mostre tão seguro disso - continuou ele. - Conheci dois homens que mataram as respectivas consortes. Um deles, ao limpar o revólver. O outro, apontando para ela uma pistola, a brincar... disse ele. Não sabia como a coisa tinha podido acontecer. Safaram-se ambos. Foi um raio de um alívio, tive de concordar.

Friamente afirmei:

- O coronel Luttrell não é um homem desse tipo.

- Talvez... mas concordará que também seria um grande alívio para ele. Não acha que as coisas têm corrido o pior possível entre os dois?

Virei-lhe as costas ostensivamente. Allerton tinha-se aproximado demasiadamente da verdade, quanto ao motivo. Pela primeira vez, a dúvida assaltou-me o espírito.

Foi com satisfação que encontrei Boyd Carrington. Depois do banho, fora dar uma volta até ao lago e não fazia a menor ideia do que se passara.

Mal lhe dei a novidade, inquiriu:

- Não pensa que tenha atirado sobre ela propositadamente, pois não, Hastings?

- Oh, meu amigo! - protestei.

- Desculpe, desculpe. Não devia ter dito isso. Por um momento receei... Ela tem-no provocado infamemente, sabe?

Por segundos mantivemo-nos silenciosos, recordando a cena que tínhamos escutado através da janela.

Decidi subir ao andar superior e, sentindo-me infeliz e apoquentado, bati à porta do quarto de Poirot.

Já soubera, por Curtiss, o que sucedera, mas estava desejoso de ouvir pormenores.

Desde a minha chegada a Styles habituara-me a narrar-lhe, quotidianamente, os meus encontros e todas as conversas travadas entre nós. Dessa maneira podia dar-lhe a ilusão de que comparticipava na vida geral, do "hotel". Tenho, na verdade, uma memória privilegiada e posso transmitir uma conversa ouvida, quase verbalmente.

Poirot escutou-me com toda a atenção. Estava ansioso por ouvir-lhe uma opinião acerca da ocorrência que acabava de contar-lhe, mas antes que os seus lábios se movessem, bateram à porta.

Era a enfermeira Craven, que se desculpou por interromper-nos.

- Lamento imenso, capitão Hastings, mas pensei que o doutor Franklin estivesse aqui. A velha senhora está já consciente e mostra-se muito preocupada com a saúde do marido. Quer vê-lo a todo o transe. Sabe onde ele pára, capitão Hastings? Não queria

abandonar a minha paciente.

Ofereci-me para ir procurá-lo e Poirot aquiesceu com um aceno de cabeça. A enfermeira Craven agradeceu-me calorosamente e saímos ambos do quarto do meu amigo.

Encontrei o coronel Luttrell no quartinho que costumava ocupar durante a manhã. Estava de pé, junto da janela, olhando para fora.

Virou-se repentinamente quando me pressentiu e os seus olhos formularam uma pergunta. Mostrava-se, aparentemente, assustado.

- Sua esposa já recuperou a consciência - anunciei -, e gostaria de vê-lo, coronel.

- Oh! - exclamou, regressando-lhe a cor às faces. O contraste da mudança fora tão evidente que me apercebi de quão pálido deveria estar quando entrei. Hesitante, titubeante, como um velho, assegurou-se:

- Ela quer, realmente, ver-me?... Vou... vou imediatamente.

Estava tão emocionado que cambaleou quando se dirigiu para a porta. Dei-lhe o braço para ajudá-lo e senti-o apoiar-se nele, fortemente, quando subimos as escadas.

Tal como Franklin previra, o choque abalara-o severamente.

Penetrámos no quarto da doente, logo que a voz da enfermeira Craven convidara:

- Entrem.

Tinham postado um biombo em volta da cama e tivemos que contorná-lo. Parámos a um canto, estando eu ainda a apoiar o braço de Luttrell.

- George... George... - disse Mrs. Luttrell, numa voz muito apagada.

- Daisy, minha querida! - balbuciou ele.

Um dos braços dela estava envolvido por um lenço, mas estendeu o que tinha livre, na direcção do marido. Este deu um passo para ela e pegou-lhe na pequenina mão crispada.

- Daisy! - repetiu ele. Finalmente, desabafou:

- Graças a Deus que estás bem!

Olhando para ele e notando os seus olhos brilhando angustiados, senti-me verdadeiramente envergonhado de ter suspeitado, por um simples momento, de uma hipotética intenção criminosa por parte do velho coronel.

Dissimuladamente, saí do quarto.

Não havia a mais pequena dúvida, agora, quanto aos sentimentos do marido acerca da esposa. Fora efectivamente um estúpido acidente a que os nossos malévolos pensamentos tinham dado intencional relevo. Senti-me francamente aliviado.

O som do gongo sobressaltou-me. Tinha-me esquecido completamente das horas, já que o acidente atarantara toda a gente. Só o cozinheiro se mantivera realista, apresentando o jantar à hora habitual.

Muitos de nós não tínhamos mudado de roupa, para jantar, e o coronel não apareceu.

Desta vez Mrs. Franklin honrou-nos com a sua presença, apresentando-se muito atraente, envolta num vestido de noite rosa-claro. Mostrava-se bem disposta em contraste com o marido que parecia absorto, de sobrancelhas franzidas.

Para minha preocupação, depois do jantar, Judith e Allerton desapareceram no jardim. Mantive-me sentado, durante algum tempo, ouvindo Norton e Franklin dissertarem sobre doenças tropicais *e,* embora o primeiro pouco soubesse sobre a matéria, mostrava-se um excelente auditor e muito interessado.

Mrs. Franklin *e Boyd* Carrington estavam a conversar no extremo oposto da sala. Ele estava a mostrar-lhe algumas amostras de musselinas e cretones.

Elizabeth Cole tinha um livro nas mãos e parecia absorvida na sua leitura. Deu-me a impressão de que se achava, de certo modo, embaraçada, em relação à minha pessoa, provavelmente pela conversa que tínhamos travado nessa tarde. Sentia-me desconsolado por isso e esperava que não estivesse arrependida por ter desabafado e confiado em mim. Teria gostado de afiançar-lhe que podia contar com a minha discrição. Mas não tivera ainda essa oportunidade.

Pouco tempo depois, fui ter com Poirot.

Encontrei lá o coronel Luttrell, sob o círculo de luz da pequena lâmpada. Falava com Poirot, mas parecia que o fazia mais para si próprio do que para o meu amigo.

- Lembro-me tão bem como se fosse hoje - dizia o coronel. - Sim, era um baile de caça. Ela trazia um vestido daquele tecido leve... a... chamado tule, ou lá o que é... creio que era isso. Parecia que lhe flutuava em volta. Uma linda rapariga, digo-lhe eu. Olhava-me de quando em quando e eu não podia tirar os olhos dela. Disse para comigo: "Eis a moça com quem vou casar." E, graças a Deus, consegui-o. Muito bonita, de cauda comprida. Quando andava, era como se não tocasse no chão. Deus a abençoe.

Vi a cena em imaginação. Daisy Luttrell com um traje de baile até aos pés, um rosto de expressão suave e a língua viva, como já devia tê-la, embora talvez menos dilacerante do que viria a tornar-se com o decorrer dos anos.

Mas era nessa jovem que o coronel Luttrell estava a pensar, naquela noite: o seu primeiro amor; a sua Daisy.

Uma vez mais senti-me envergonhado pelas suspeitas que me tinham assaltado previamente.

Como era de esperar, mal o coronel se despediu, declarando ir deitar-se, comecei a desfiar tudo quanto sabia aos ouvidos de Poirot.

Ouviu-me muito calado. Nada pude deduzir do seu rosto inexpressivo.

- Foi isso, então, o que você pensou - disse ele, finalmente. - Julgou que o coronel disparara, sobre a mulher, propositadamente?

- Sim, nessa altura, a coisa passou-me pela cabeça -

confessei.

- Não lhe ocorreu, porventura, que alguém poderia ter-lhe incutido, a ele, esse desejo de desembaraçar-se dela? Ou, pelo menos, que alguém lhe incutiu, a *si,* essa desconfiança?

- A mim?... Bem, Allerton disse-me qualquer coisa nesse sentido.

- Mais alguém?

- Boyd Carrington também o sugeriu.

- Ah, Boyd Carrington!

- Afinal de contas, é um homem do mundo e tem experiência dessas coisas.

- Pois, pois, é verdade. Mas não assistiu ao acidente, pois não?

- Não. Primeiro fora tomar banho e depois, dera um pequeno passeio até ao lago... Um pouco de exercício, antes do jantar, como é seu hábito.

- Estou a ver.

Pouco à vontade, comentei:

- Realmente não posso acreditar nessa teoria. Simplesmente...

Poirot interrompeu-me:

- Não precisa de mostrar tanto remorso pelas suas naturais suspeitas, Hastings. Era uma hipótese que ocorreria a qualquer

outra pessoa, em face das circunstâncias. Oh, sim! Absolutamente natural.

Pressenti qualquer coisa nas maneiras de Poirot que não percebi. Uma espécie de reserva. Os seus olhos perscrutavam com uma expressão curiosa. Vagarosamente, articulei:

- Talvez!... Mas, vendo agora como ele lhe *é* devotado... exteriormente tanta preocupação com o estado dela...

Poirot sacudiu a cabeça numa confirmação:

- Exactamente. Para além das quezílias, das incompreensões, dos desentendimentos e aparente hostilidade da vida quotidiana, pode existir uma verdadeira afeição.

Concordei. Lembrei-me do olhar de Mrs. Luttrell, quando viu o marido aproximar-se do leito e lhe estendeu a mão. Não podia vislumbrar-lhe o menor sinal de impaciência ou de azedume.

Quando fui deitar-me, cogitei que a vida de casados tem aspectos deveras curiosos. Depois, pensei em Poirot. Havia algo nas suas maneiras que me preocupava.

Aquele seu olhar prescrutador, como que tentando desvendar quaisquer ideias que eu reservasse, sem desejar expor-lhas... Ou talvez, esperando que eu chegasse a uma conclusão que ainda não entrevia... Mas o quê?

Se Mrs. Luttrell tivesse sido morta, ter-se-ia dado simplesmente um caso *como muitos outros casos.*

Aparentemente, o coronel Luttrell teria morto a esposa, num acto involuntário. O facto teria de ser considerado um acidente,

sem que ninguém pudesse atribuir-lhe intenção criminosa, conquanto pudesse muita gente pensar que fora propositada. As provas seriam insuficientes para estabelecer-se uma acusação de homicídio, mas bastantes para que se mantivesse uma suspeita de crime pairando sobre a existência do infeliz marido.

"Ora isso significava... isso significava..."

Que raio é que isso poderia significar?

"Talvez que... se Mrs. Luttrell tivesse sido assassinada... o seu assassínio não poderia ser imputado ao coronel, mas a X."

Desta vez, porém, essa possibilidade parecia-me inaceitável. Era indubitável que fora o coronel Luttrell quem disparara a arma. Mais ninguém poderia tê-lo feito.

A não ser que... Talvez não fosse *impossível*, mas meramente improvável. Todavia poderia supor-se que alguém esperava o momento crítico e, no instante exacto em que o coronel apontava a arma ao coelho, disparara sobre Mrs. Luttrell. Contudo, só tinha soado um tiro. Nem sequer se ouvira uma ligeira discrepância cronológica que pudesse causar-nos a impressão de um efeito de eco.

Só então comecei a forçar a minha memória, tentando recordar se houvera eco. No campo, esse fenómeno é tão comum, que nos passa desapercebido, pois só o acto emotivo nos desperta interesse. Isto é, ninguém notaria um segundo tiro quase simultâneo.

Não. Esta hipótese era absurda. Nenhum criminoso, com a habilidade demonstrada até então por X, cometeria o erro de

matar Mrs. Luttrell com uma bala disparada por outra arma, já que há meios inegáveis de provar cientificamente a proveniência do projéctil de uma arma. Hoje, *é* do conhecimento público que a alma de um cano causa riscos na superfície da bala que tornam a arma facilmente identificável.

Por outro lado, X não correria grande risco, porque a Polícia só se dá ao trabalho de examinar uma bala e a alma de um cano em laboratório, quando se torna necessário averiguar a identidade de uma arma. Ora, no presente caso, sabia-se qual fora a arma que disparara. O coronel apresentar-se-ia, naturalmente, como o causador do acidente e não haveria inquérito policial. Ninguém se preocuparia em fazer testes para averiguar uma coisa tão evidente, sem quaisquer contradições. Só discutiriam se o tiro fora efectivamente acidental ou intencional.

Um segundo tiro nunca seria pesquisado, nem sequer equacionado.

Talvez o mesmo se tivesse passado com o tal agricultor, Riggs, que se apresentou à Polícia confessando-se autor do crime que não se lembrava de ter cometido. E quem saberia se não se teria passado uma coisa semelhante, com Margareth Cole, que se convencera de que a pancada que vibrara na cabeça do pai fora realmente a causa da sua morte? Podia não ter sido... e o verdadeiro assassino, que só actuara posteriormente, teria ficado na sombra, absolutamente insuspeito.

Sim. Este caso merecia maior atenção e, agora, já compreendia a atitude de Poirot: esperava que eu apreciasse devidamente o facto.

Capítulo X

I

Abordei o assunto com o meu amigo, na manhã seguinte, e ele sorriu, abanando a cabeça para cima e para baixo, apreciativamente.

- Excelente, Hastings. Já esperava que você notasse essa semelhança de processos. Mas não quis empurrá-lo, percebe?

- Nesse caso, tenho razão. Houve uma intervenção astuta de X, neste caso?

- Indubitavelmente.

- Mas *porquê,* Poirot? Qual o motivo?

Poirot abanou a cabeça.

- Não o antevê? Não faz já uma ideia? - inquiri expectante.

Calmamente, respondeu:

- Tenho uma ideia, sim.

- Consegue relacionar todos estes diferentes casos?

- Creio que sim.

- Diga-me então qual é essa relação.

Não podia conter a minha impaciência, mas o meu amigo limitou-se a silabar:

- Não, Hastings.

- Mas tenho de sabê-la.

- É muito melhor que não o saiba.

- Porquê?

- Tem de contentar-se com aquilo que posso dizer-lhe.

- Você é incorrigível! - protestei. - Amarrado a essa cadeira com artritismo, imobilizado e praticamente sem defesa, e ainda tentando fazer todo o jogo sozinho!

- Não pense que estou a jogar sozinho. De maneira nenhuma. Pelo contrário, você desempenha um papel primordial neste imbróglio. E os meus olhos e os meus ouvidos. Sem si, não poderia progredir e sinto-me avançar, embora lentamente. Apenas o privo da informação que considero constituir um perigo real, porque, no ponto em que estamos, a coisa começa a ser verdadeiramente perigosa.

- Para mim?

- Para o criminoso.

- Pois, já sei. Você pretende que ele nunca suspeite de que lhe andamos no trilho - admiti. - Pelo menos, é o que suponho. Ou pensa, porventura, que não posso tomar conta de mim próprio?

- Há uma coisa que você precisa de saber, Hastings. Um homem que matou uma vez, tornará a matar... outra vez e outra vez.

- Que eu saiba, ainda não houve mais nenhum crime - objectei com ligeiro sarcasmo. - A bala acertou num alvo, mas não atingiu o seu objectivo.

- Sim, felizmente. Foi uma sorte... uma enorme sorte! Tal como lhe disse, nem sempre se podem obter resultados pela mão do Destino.

Fechou momentaneamente os olhos e quando voltou a abri-los notei-lhe no rosto uma expressão preocupada.

Deixei-o a sossegar, pensando com tristeza na dificuldade que o meu amigo tinha, agora, em fazer qualquer esforço. O seu cérebro conservava ainda a sua antiga acuidade de raciocínio, mas não havia dúvida de que era um homem cansado e doente.

Poirot avisara-me... proibira-me de tentar descobrir a personalidade de X. Contudo, pessoalmente, convencia-me de que já a tinha descoberto. Só havia uma pessoa, em Styles, que reunia todas as qualidades maléficas do Diabo. Contudo, por uma simples pergunta, poderia ficar certo de uma coisa. O teste seria negativo, mas, apesar de tudo, sempre teria algum valor.

Depois do pequeno-almoço, abordei Judith.

- Onde é que estiveste, ontem à tarde, quando te encontrei com o major Allerton?

A dificuldade reside no facto de procurarmos focar um aspecto de uma questão e as pessoas interpretarem a nossa intenção noutro sentido.

- Francamente, pai, não me parece que isso seja da sua conta.

Estaquei e fitei-a embaraçado.

- Mas eu apenas perguntei... ,

- E *porquê?* Porque tem de andar continuamente a fazer perguntas? Que estava a fazer? Onde fui? Com quem estava? Realmente, pai, é intolerável.

O ridículo da situação era não estar eu interessado, naquele momento, em saber onde estivera Judith, mas onde estava Allerton.

Tentei apaziguá-la.

- Não vejo porque não posso fazer-te uma simples pergunta.

- Não vejo, pelo meu lado, porque deseja fazê-la.

- Não tenho qualquer interesse particular no que andaram a fazer, mas preocupa-me... isto é, gostaria de saber porque não deram pelo acidente... ou onde estavam, no momento do tiro...

- Já que está tão interessado, dir-lhe-ei que tinha descido à aldeia, para comprar selos. Está satisfeito?

- E Allerton estava contigo?

A resposta de Judith soou num tom que denunciava exasperação.

- Não, não estava comigo. Acidentalmente encontrámo-nos, já junto de casa, cerca de um minuto ou dois antes de depararmos consigo. Espero que agora fique satisfeito. Mas desde já lhe digo, pai, que se me der na bolha de passear todo o dia com o major

Allerton, não me parece que o assunto lhe diga respeito. Tenho vinte e um anos, ganho a minha vida, e a maneira como emprego o meu tempo livre só a mim me diz respeito.

- Inteiramente - apressei-me a concordar para deitar água na fervura.

- Apraz-me ouvi-lo concordar com isso - respondeu Judith, já mais mansamente. Esboçou um sorriso. Depois acrescentou:

- Meu querido pai, tente não ser tão insistentemente protector. Contende-me com os nervos. Já não sou nenhuma pintainha para o pai se armar em galinha receosa.

- Não o farei mais, podes estar tranquila - prometi.

Neste momento surgiu Franklin.

- Olá Judith! Venha daí. Estamos hoje mais atrasados do que de costume.

As suas maneiras pareceram-me rudes, desprovidas da menor delicadeza. Apesar do meu próprio descontentamento, não objectei, pois sabia que Judith era sua empregada e estava ali para trabalhar com ele. Era paga para conceder-lhe o seu tempo e o seu esforço, competindo-lhe receber ordens.

De qualquer maneira, nada o impedia de ter utilizado uma fórmula mais delicada de expressão. A cortesia não prejudica ninguém e ajuda a encarar-se a vida por um prisma menos cruel. A verdade era que Judith também possuía um temperamento brusco e, embora se revoltasse contra qualquer ordem que eu pudesse dar-lhe, parecia acatar de bom grado as que ele lhe

transmitia.

Depois, não sei porquê, comparei Franklin a Allerton e achei que, conquanto o primeiro fosse dez vezes melhor, como carácter, do que o segundo, não lhe chegava aos calcanhares em matéria de encanto pessoal... para quem gosta do género, já se sabe.

Observei Franklin, enquanto se dirigia com minha filha para o laboratório, e não pude conter um sorriso ao notar-lhe o andar desajeitado, os gestos sacudidos, a constituição angulosa, os ossos do rosto salientes e as sardas que o pigmentavam. Um tipo feio, de maneiras bem pouco polidas.

Carecia das mais evidentes qualidades para atrair uma mulher. Se por um lado, pelo facto de ser casado, essa falta de atractivos podia constituir uma segurança para Judith, por outro, achava lamentável que ela perdesse a maior parte das horas da sua vida mergulhada num trabalho desprovido de poesia e beleza, ao lado de alguém incapaz de apreciar essa própria beleza e poesia que a vida ainda contém.

Praticamente, minha filha nunca contactava com rapazes da sua idade, com outros jovens com mais interesse do que aquele que uma cobaia ou o Dr. Franklin poderiam despertar.

A verdade é que, ali, em Styles, só Allerton se achava em condições de distraí-la um pouco, minha pobre Judith!

Suponho que ela acabava por entregar o coração a esse patife, que desgraça! E o que mais me irritava era notar no seu comportamento, não direi uma certa inclinação, mas uma notória receptividade em relação às suas graças. Ora, pelo que eu sabia, Allerton era o que se podia classificar de “má rês”. E ainda era

possível uma coisa muito pior: se Allerton fosse X?...

Podia muito bem sê-lo. No momento em que o tiro fora disparado, não se encontrava na companhia dela. Podia ter uma arma escondida em qualquer lado do terreno...

Mas o motivo? Que relação poderia existir entre Allerton e todos aqueles crimes que Poirot sabia poderem ser atribuídos a X? O major não me parecia um louco paranóico. Se matava, fá-lo-ia por um interesse qualquer. E, se era efectivamente são de espírito, admitindo que um assassino nem sempre é um demente, que razão poderia levá-lo a cometer esses crimes?

E Judith, a minha Judith, andava agora tempo demasiado na sua companhia.

II

Por essa altura, embora estivesse realmente preocupado com minha filha, o problema da identidade de X e a possibilidade de novo crime (da terrível série negra) vir a ser cometido sobrepunha-se, pela sua anunciada iminência, às minhas preocupações pessoais.

Agora que uma tentativa de homicídio falhara, misericordiosamente, tinha de reflectir com urgência em novas possibilidades. E quanto mais pensava nisso, mais alarmado me sentia. Por uma palavra solta ao acaso, tomara já conhecimento de que Allerton era casado.

Boyd Carrington, que estava a par da vida de todos eles, elucidou-me acerca da situação de Allerton. Sua mulher era católica romana e deixou-o, pouco tempo depois do matrimónio.

Devido à sua religião, não podiam divorciar-se.

- Se quer que lho diga - comentou Boyd Carrington, francamente -, esse impedimento convém-lhe às maravilhas. As intenções de Allerton são sempre desonestas em relação às mulheres que corteja, de forma que a sua situação de casado convém-lhe perfeitamente, tanto mais que não pode divorciar-se.

Como pai, detestei ouvir aquilo.

Os dias que se seguiram ao "acidente de caça" passaram numa aparente normalidade, mas sentia crescer dentro de mim uma perturbante intranquilidade.

O coronel Luttrell gastava a maior parte do seu tempo no quarto da mulher. Viera uma outra enfermeira tomar conta da ferida, enquanto a enfermeira Craven passara a dedicar-se exclusivamente a Mrs. Franklin.

Embora correndo o risco de que me julguem mal-intencionado, direi que se notava uma certa irritação nas atitudes de Mrs. Franklin, como que ciumenta das atenções que tinham passado a convergir, nitidamente, para Mrs. Luttrell, após o sinistro. Dir-se-ia que se sentia passar para "inválida de segunda classe".

Permanecia todo o dia deitada no canapé, queixando-se constantemente de palpitações. Nenhuma refeição estava de acordo com o seu gosto e parecia uma mártir cheia de paciência e resignação para suportar a vida em Styles.

Dirigindo-se a Poirot, desabafou:

- Odeio ter de fazer as outras pessoas andarem de volta de mim, em virtude deste meu estado de saúde. Sinto-me tão envergonhada deste estado que me priva de levar uma vida normal! É tão humilhante pedir favores a toda a gente que me rodeia que chego, às vezes, a pensar que estar doente é realmente um crime, um atentado para a felicidade de quem convive connosco. Uma pessoa que não tem saúde deveria ser afastada deste mundo.

- Ah, não, *madame* - contrariou Poirot, galante como sempre. - As flores delicadas e exóticas devem ser conservadas em estufas, visto não poderem suportar os rigores do frio ou a excessiva temperatura do Verão calmoso. Considere, por exemplo, o meu caso: coxo, meio paralítico, muito enfraquecido e, todavia, não me resigno a passar uma vida tranquila. Alegro-me com a actividade intelectual, posso ainda raciocinar e, além disso, desfruto dos prazeres da comida, da bebida, da paisagem e do encanto das pessoas que me rodeiam.

Mrs. Franklin fez um gesto de abandono e murmurou queixosamente:

- Mas o seu caso é diferente, Mister Poirot. Só tem de considerar o seu caso pessoal. Mas eu tenho que pensar na situação do meu pobre John. Sinto-me, presentemente, como se fosse um fardo na vida de meu marido. Não passo de uma pessoa doente e inútil... Uma verdadeira mó atada ao seu pescoço.

- Estou certo de que o doutor Franklin nunca pensou uma coisa dessas a seu respeito. Não é pessoa para dizer-lhe semelhante crueldade.

- Oh, não! Nunca o *dissel* Mas os homens, coitados, são tão *transparentesl E* John não tem o menor jeito para esconder os seus sentimentos e emoções. Certamente que nunca me disse semelhante coisa, pois não deseja magoar-me. De resto, felizmente para ele, é uma pessoa deveras *insensitiva.* Não tem sentimentos especiais e pensa que os outros também não os têm. É tão feliz uma pessoa nascer apenas preocupada consigo própria, com o seu trabalho, com os seus próprios objectivos!

- Eu não descreveria o doutor Franklin, dessa maneira, *madame* - discordou Poirot. - Não acho, de maneira nenhuma, que seja um egoísta.

- Não? Oh, isso é porque o senhor não o conhece tão bem como eu. Certamente que tenho a consciência de que, se eu não existisse, John poderia ser muito mais livre e feliz. Às vezes sinto-me tão deprimida que chego a pensar que, se morresse, seria um verdadeiro alívio para ele.

- Oh, *madame.,* não diga uma coisa dessas! alarmou-se Poirot.

- Afinal de contas de que sirvo eu, nesta vida? Se pudesse partir para o Grande Desconhecido, então John recuperaria a sua liberdade.

Quando repeti esta conversa, falando com a enfermeira Craven, ela sacudiu a cabeça, sarcasticamente, e sossegou-me:

- Um chorrilho de disparates é o que isso é, capitão Hastings. Ela nunca faria uma coisa dessas. De resto, aqueles que falam em "acabar com tudo", com uma voz quase moribunda, nunca pensam realmente senão em preocupar os outros a seu respeito,

atrair a comiseração alheia e continuar a passar, o melhor que podem, nesta vida. Não se apoquente, pois só quem não a conhece poderia acreditar que Mistress Franklin alguma vez pensou em libertar o marido.

Na realidade pude verificar que, mal Mrs. Luttrell melhorou deixando de atrair tantos cuidados, logo Mrs. Franklin perdeu os sintomas de depressão e derrotismo.

Certa manhã, particularmente agradável, Curtiss trouxe Poirot para um canto do bosquezinho de faias, perto do laboratório. Era o seu lugar favorito, pois ficava abrigado do vento leste e, praticamente, nenhuma brisa conseguia chegar àquele recanto. Poirot detestava ter de tomar drogas, quando engripado, mas constipava-se frequentemente e, por isso, receava o ar fresco.

Estou certo de que teria preferido ficar dentro de casa, se as demais pessoas não andassem cá por fora. Ora, a sua curiosidade era superior ao medo da aragem fria.

Estava quase a juntar-me a ele, quando Mrs. Franklin saiu do laboratório. Vinha vestida a primor, oferecendo-nos uma imagem encantadora. Explicou ir dar um passeio de automóvel com Boyd Carrington, até à casa dele, em Knatton, para ajudá-lo a escolher cretones.

- Tinha deixado a minha bolsa no laboratório, quando ontem lá estive a falar com John - esclareceu. - Pobre John! Fazia-lhe falta um reagente qualquer e foi, com Judith, buscá-lo a Tadcaster.

Afundou-se numa cadeira ao lado de Poirot e abanou a

cabeça com uma expressão cómica.

- São uns queridos! Pobrezinhos! Estou felicíssima por não possuir a mínima inclinação científica. Num dia tão bonito como este, irem fazer uma compra daquelas, tão longe, em vez de o aproveitarem a passear na quinta, parece-me verdadeiramente pueril.

- Deve evitar que os cientistas a oiçam dizer coisas dessas, *madame* - aconselhou Poirot. - Sentir-se-iam ofendidos, pois consideram o seu trabalho mais importante do que andar a passear pelo campo.

- Não, não o diria de maneira nenhuma - respondeu Bárbara Franklin, mudando subitamente de expressão e tornando-se séria. - Na verdade, admiro imenso o meu marido. Não deve pensar, Mister Poirot, que não é esse o caso. Mas acho que a maneira como se dedica exclusivamente ao seu trabalho deve ser terrível para a sua saúde... deve ser tremenda, para o seu espírito.

Notava-se-lhe um ligeiro tremor na voz.

Parecia-me agora que Mrs. Franklin gostava de representar diferentes papéis. Neste momento fazia de esposa leal, heroína sacrificada e devotada a seu marido. Não sei porquê, isso despertou-me uma certa suspeita.

Inclinou-se para diante e pousou a mão sobre o joelho de Poirot.

- John é, realmente... uma espécie de *santo.* Acredite que isso, às vezes, assusta-me bastante.

Chamar santo a Franklin parecia-me um exagero doentio, mas Bárbara prosseguiu, piscando os olhos emotivamente:

- É capaz de fazer seja o que for, enfrentar qualquer risco, mesmo o pior... só para avançar um passo na senda do conhecimento humano. Ter um homem corajoso, para sacrificar-se pela ciência, é bonito, não acha?

- Seguramente, seguramente! - apressou-se a confirmar Poirot.

- Mas sabe?, às vezes - continuou Mrs. Franklin -, sinto-me horrivelmente nervosa, preocupada com os riscos que toma... como por exemplo essa história da *medonha* semente em que trabalha agora. Aquilo pode ser desastroso, pois é altamente *venenosa,* não sei se sabe?, e receio que se atreva a experimentá-la em si próprio.

- Não deixará de tomar as suas precauções - observei, para tranquilizá-la.

Ela abanou a cabeça com um sorriso desolado e respondeu:

- Bem se vê que não conhece John! É uma criança teimosa. Não sabe o que sucedeu... o que fez com aquele novo gás?

Dissemos-lhe que não.

- Era um novo gás cuja acção desejavam experimentar. John ofereceu-se voluntariamente. Sujeitou-se a um teste durante o qual o fecharam, cerca de trinta e seis horas, dentro de um tanque hermético, tomando-lhe o pulso e a temperatura e verificando-lhe a respiração, só para averiguarem se os efeitos

sobre a espécie humana eram similares aos que se produziam na constituição de outros animais. Segundo alguns professores, John correu um risco terrível, pois a experiência poderia ter-lhe afectado o cérebro. Mas John é assim mesmo, completamente alheio à sua própria segurança. Creio que é admirável uma pessoa possuir esse tipo de coragem! *Eu* nunca seria capaz de uma coisa daquelas... mas, por outro lado, tenho um receio secreto de que possa... numa dessas experiências, atentar involuntariamente contra a sua própria vida. Compreendem-me, não é verdade?

- Na verdade, é preciso ser-se muito corajoso para fazer essas experiências em si mesmo, a sangue-frio - apoiou Poirot.

- Exactamente. Sinto-me imensamente orgulhosa dele mas, ao mesmo tempo, muito receosa com o que lhe possa acontecer. Porque, não sei se sabe que, a dada altura, os testes praticados com cobaias já não são suficientes e exigem-se outros praticados com elementos humanos, para verificar a reacção dos produtos nas pessoas. Geralmente, são os próprios sábios que realizam essas experiências em si próprios. Quando penso que John faz isso, fico absolutamente aterrada. Nunca sei o que lhe possa acontecer. Mas que querem? Ri-se dos meus receios! O pobrezinho é, como vos digo, uma espécie de santo!

Neste momento, Boyd Carrington encaminhava-se na nossa direcção.

- Olá, Babs! Pronta?

- Sim, Bill, à sua espera.

- Espero que não se sinta, depois, muito cansada.

- Decerto que não. Há muito que não me sentia tão bem como hoje.

Levantou-se, dirigiu-nos um sorriso encantador e começou a caminhar ao longo da álea, apoiada no braço do seu alto companheiro.

- Humm! - exclamou Poirot. - Com que então o doutor Franklin *é* agora um santo moderno!

- Uma rápida mudança de atitude - observei. Mas penso que esta senhora *é* desse género.

- De que género?

- Gosta de dramatizar e desempenhar diversos papéis. Uma vez queixa-se de ser uma incompreendida, uma mulher sofredora que odeia ser um peso morto, junto do homem que ama. Hoje, é atenta vigilante dos riscos que o santo do marido corre para bem da Humanidade, tremendo pelo que possa vir a acontecer-Ihe. O sarilho com ela é ninguém dar muito crédito aos papéis que desempenha.

Pensativamente, Poirot perguntou:

- Acha que Mistress Franklin é uma mulher idiota?

- Bem, tanto não diria, mas parece-me que não possui um intelecto que se possa considerar brilhante.

- Ah! Vejo que não é o seu tipo! - comentou.

- Quem diabo é o meu tipo? - inquiri aborrecido. Inesperadamente, Poirot sugeriu:

- Feche os olhos, entreabra os lábios e escute o que as Fadas lhe dizem.

Não pude responder-lhe à letra, porque a enfermeira Craven se aproximava correndo, na nossa direcção. Mas não parou. Dirigiu-se ao laboratório, entrou e tornou logo a sair, fechando novamente a porta. Trazia agora um par de luvas nas mãos.

- Primeiro a bolsa e agora as luvas - explicou ao passar por nós, com um lindo sorriso de saudação -, mas ainda não perdeu a cabeça.

Continuou a correr, agora em direcção de Bárbara Franklin, que a aguardava, mais adiante, agarrada ao braço da sua distinta escolta. Boyd Carrington falava-lhe atenciosamente ao ouvido.

Disse para os meus botões que Mrs. Franklin era do tipo de mulheres que se esquecem de tudo por onde passam. Depois, pedem a toda a gente que se incomode a procurá-las e ainda por cima parecem orgulhosas de que lhas tragam e depositem aos pés. Então, para consolo dos escravos improvisados, lamentam-se: “Ai, esta minha cabeça de vento!”

Fiquei-me a ver a enfermeira Craven correr direita a eles. Fazia-o elegantemente, lançando o corpo para diante, vigorosamente, de forma saudável e atraente.

Instintivamente comentei:

- Aposto que esta garota detesta a vida que leva, sempre amarrada a uma enferma. Vê-se que adora a vida ao ar livre e que a praticou, na meninice. Tem todo o aspecto de ser uma enfermeira à força. E não suponho que Mistress Franklin seja

aquilo a que se possa chamar uma doente dócil e agradável.

A resposta de Poirot foi, distintamente, provocadora. Fechou os olhos, balanceou-se ligeiramente na cadeira de rodas e murmurou:

- Cabelos castanhos.

Indubitavelmente a enfermeira Craven tinha cabelos castanhos. Não havia contudo a menor razão para que o meu amigo proferisse tal comentário naquela altura.

Não repliquei.

Capítulo XI

Creio que foi na manhã seguinte, antes do almoço, que ocorreu a conversa que me deixou vagamente inquieto.

Estávamos lá quatro do nosso grupo: Judith, Boyd Carrington, Norton *e* eu.

Não estou agora bem certo da maneira como começámos a falar de eutanásia: teses a favor e contra.

Como era de esperar, Boyd Carrington fez quase toda a despesa da conversa, intervindo Norton com uma ou duas palavras a esse respeito, aqui e além, e Judith mantendo-se silenciosa mas invulgarmente atenta.

Pessoalmente pouco falei, exprimindo uma natural desaprovação basicamente sentimental, mas também por observação do princípio de que os parentes de um indivíduo não podem ter poder de vida e de morte em relação a ele.

Norton concordou comigo, acrescentando que só poderia admitir um acto de eutanásia, desde que autorizado pelo paciente e depois de provado que só a morte poderia aliviá-lo de um sofrimento atroz e prolongado, com a certeza de um falecimento próximo sobre veniente.

Boyd Carrington objectou:

- Ah, mas esse é o ponto que interessa discutir. Terá realmente uma pessoa direito de consentir que o livrem de sofrimento, por meio da morte?

Contou uma história, que afirmou ser autêntica, de um homem que sofria horrivelmente de cancro e que pedira ao médico que lhe ministrasse algo que pusesse termo às suas dores. O médico respondera-lhe: *"Eu* não posso fazer-lhe isso, meu caro."

Ao deixá-lo, abandonou sobre a mesa-de-cabeceira do doente várias cápsulas de morfina, explicando-lhe quantas podia ingerir e qual a dose que seria mortal.

Dessa maneira colocou o paciente perante o livre-arbítrio de suicidar-se ou não. Ora, o homem não teve coragem de matar-se.

- Isso prova - concluiu Boyd Carrington -, que, apesar das suas próprias palavras, o doente preferiu sofrer, a uma doce e misericordiosa morte.

Foi então que Judith interveio, abruptamente e com entusiástico vigor:

- Certamente que devia ter sido auxiliado a morrer. Não lhe deviam ter confiado a decisão.

Boyd perguntou-lhe o que queria significar com isso.

- Quero dizer que uma pessoa doente e fraca, não tem suficiente poder de decisão para tomar uma atitude tão drástica. Não está racionalmente apta a resolver, sozinha, o seu trágico caso. Alguém teria de ajudá-la. Quem a amasse deveria... teria mesmo o direito de decidir por ela.

- Direito? - inquiri, duvidosamente. Judith virou-se para mim e insistiu:

- *Direito,* sim. Alguém cujo espírito estivesse lúcido e fosse

capaz de tomar a responsabilidade.

Boyd Carrington abanou a cabeça, observando:

- E acabaria na forca, sob uma acusação de homicídio premeditado.

- Não necessariamente - contrariou minha filha -, iríamos correr esse risco. De resto, se amamos verdadeiramente uma pessoa, deveríamos correr esse risco.

- Mas repare, Judith - interveio Norton -, que está a sugerir uma terrível responsabilidade a arrostar.

- Porquê terrível? As pessoas não deviam temer tomar a responsabilidade dos actos que se tornam necessários. Se arrostam essa responsabilidade ao matar um cão, por exemplo, ou um cavalo, porque não, quando se trata de pôr termo ao sofrimento de uma pessoa?

- Bem... os exemplos são imensamente diferentes, não é verdade? O sofrimento de uma pessoa deve ser considerado mais importante do que o de um animal - sentenciou Judith.

Norton murmurou:

- Até me corta a respiração!

Demonstrando franca curiosidade, Boyd Carrington inclinou-se para diante e inquiriu:

- Portanto, no *seu* caso, correria esse risco?

- Creio que sim. Não tenho medo de correr riscos.

Uma vez mais Boyd abanou a cabeça e criticou:

- Não devia fazê-lo. As pessoas não podem andar por aqui e por ali, a tomarem a Lei nas suas mãos, para decidirem em matéria de vida e de morte.

Norton comentou:

- Sabe que, actualmente, a maioria das pessoas não teriam nervo suficiente para tomar qualquer responsabilidade, não será assim, Boyd Carrington?

Sorriu para Judith e declarou confiante:

- Não acredito que você, apesar do que disse, fosse capaz de chegar tão longe. Os jovens gabam-se facilmente do que seriam capazes de executar mas, chegada a altura própria, acabam sempre por hesitar. Nunca estão seguros de coisa nenhuma.

- Certamente que ninguém pode estar seguro de ser capaz de matar, mas penso que, se necessário, correria o risco.

Com um breve gesto de descrédito, Norton motejou:

- Não acredito que o fizesse, mesmo que tivesse um machado à mão de semear... e também uma razão de interesse pessoal.

Corando de excitação, Judith retorquiu:

- Isso só prova que não percebe nada de emoções humanas. Se eu tivesse... um motivo pessoal, não poderia fazer fosse o que fosse.

Olhando-nos a todos, numa mirada geral, Judith proferiu:

- Não estão a ver que teria de ser um acto absolutamente impossível? Só poderia tomar a responsabilidade de antecipar a morte de uma pessoa, se estivesse inteiramente certa de que nenhuma vantagem me poderia advir dessa morte. Esse acto teria de revestir-se de um carácter totalmente desprovido de egoísmo.

- Vem a dar o mesmo - contrariou Norton. Você nem por pura abnegação seria capaz de matar.

Judith insistiu:

- Seria, sim! Para começar, não considero a vida uma essência sagrada, como a maior parte das pessoas acredita. Vidas nefastas, vidas inúteis deviam ser afastadas do caminho. Já há gente de mais, neste mundo, que só serve para prejudicar os outros. Só aqueles que podem contribuir decentemente para o bem da comunidade deveriam ser autorizados a viver. Os outros deveriam ser eliminados misericordiosamente, sem sofrimento.

Voltando-se subitamente para Boyd Carrington desafiou:

- Concorda comigo, não é verdade? Calmamente, Boyd respondeu:

- Em princípio, sim. Só os *bons* deveriam sobreviver.

- E seria capaz de tomar a Lei nas suas mãos, se fosse necessário?

Cautelosamente, Boyd arriscou:

- Talvez... não sei.

Foi a vez de Norton se manifestar:

- Em teoria, muita gente concordaria consigo, mas, na prática, muito poucos teriam coragem para fazê-lo.

- Isso não é lógico - contrariou Judith. Norton retorquiu com impaciência:

- Evidentemente que não é lógico. É realmente uma questão de *coragem,* mas nem todos têm "ganas" de pô-la em execução, como vulgarmente se diz.

Judith manteve-se silenciosa, mordendo os lábios, enquanto Norton prosseguia:

- Você bem sabe, Judith, que no momento preciso, faltar-lhe-ia a coragem para matar.

Virou-se para mim *e* solicitou a minha aprovação:

- Não pensa o mesmo?

- Estou certo disso - afirmei. Boyd interveio.

- Creio que está enganado, Norton. Penso que Judith tem imensa coragem. Felizmente que esse caso não se nos apresenta neste momento.

O gongo soou no fundo da casa.

Judith ergueu-se. Muito distintamente, declarou para Norton:

- Está muito enganado, sabe? Muito enganado! Tenho muito mais ganas do que pensa.

Encaminhou-se lentamente para a sala de jantar, pensativa.

Boyd Carrington seguiu-a de perto, aconselhando:

- Não pense mais nisso, valeu?

Fui atrás deles, angustiado. Norton, sempre pronto a dizer uma palavra contemporizadora. murmurou:

- Ela não quis dizer, na realidade, o que esteve para ali a afirmar. E o género de atitude que os jovens gostam de tomar para se fazerem interessantes. No fundo, tudo aquilo não passa de fogo-de-artifício, palrador, sem qualquer significado especial. Pode crer que é assim mesmo, Hastings.

Embora tivesse falado baixo, Judith lançou-lhe um olhar de relance, por cima do ombro, carregado de fúria.

Elevando a voz, Norton sentenciou: - Não vale a pena preocuparmo-nos com *teorias.*

Subitamente, pegou-me num braço e disse:

- Olhe uma coisa, Hastings...

- Sim?

Norton mostrava-se agora embaraçado e hesitou antes de perguntar:

- Que sabe você de Allerton? Não gosto de falar nos outros, mas...

- De Allerton?

- Sim. Desculpe. Não gosto de armar-me em conselheiro mas,

se fosse a si, não deixaria a sua garota andar, por aí, *tanto* com ele. O homem tem... bem, a sua reputação não é das melhores.

- Já percebi o género desse cavalheiro - admiti -, mas sabe que, nos nossos dias, não nos é fácil intervir.

Após uma breve hesitação, confidenciou:

- Oiça, Hastings, creio que devo avisá-lo. Não o deixe ir muito longe. Acontece que sei alguma coisa acerca dele...

Contou-me várias coisas e tive oportunidade de verificar, mais tarde, serem verdadeiras em todo o seu pormenor. Era uma história revoltante. O caso de uma rapariga, muito segura de si, moderna e independente que Allerton tivera artes mágicas de desencaminhar. O romance terminara em tragédia, com a moça a pôr termo à vida com uma dose excessiva de veronal.

E o mais horrível da história era a sua heroína parecer-se extraordinariamente com a minha Judith. A mocinha independente de ideias avançadas. O género de jovem que, quando entrega o coração, fá-lo intensamente, com o abandono e desespero de que só esse tipo de miúdas é capaz.

Fui almoçar com uma horrível sensação de impotência e revolta concentrada.

Capítulo XII

I

- Tem alguma coisa que o apoquente, *mon ami* - perguntou Poirot, nessa tarde.

Limitei-me a sacudir a cabeça, em vez de responder.

Senti que não tinha o direito de incomodar Poirot com esse problema, puramente pessoal, que só a mim dizia respeito. Para todos os efeitos, não era assunto em que pudesse ser-me útil.

Mesmo que o meu amigo estivesse na disposição de falar com Judith, ela ouvi-lo-ia com o sorriso superior, ou benevolente, que os jovens afivelam no rosto para acolher os aborrecidos conselhos dos velhos.

Judith, minha Judith...

É difícil descrever agora o que nesse dia me passou pela mente. Pensando nisso, *a posteriori,* estou inclinado a atribuir parte da perturbação à própria atmosfera de Styles. Ali, as ideias do Diabo penetravam facilmente na nossa imaginação. Não havia unicamente um trágico passado, mas também um presente sinistro.

O espectro de um assassínio e um assassino assombravam a casa.

Acreditava que Allerton era o criminoso encapotado e que Judith ia entregar-lhe o coração. Era inacreditável... monstruoso... e eu não sabia que fazer.

Foi depois do almoço que Boyd Carrington veio ter comigo. Andou um pouco à volta do assunto, até decidir dizer-me:

- Não pense que quero interferir nos seus atributos, mas penso dever falar-lhe na sua pequena. Diga-lhe uma palavra de aviso, hem? Você sabe, esse tipo, Allerton, tem uma péssima reputação e ela... bem, parece que está, de certo modo, tocada.

Como era fácil, para esses homens sem filhos aconselharem: "Diga-lhe uma palavra!"

Serviria isso de alguma coisa? Não seria ainda pior?

Se ao menos Cinders fosse viva e estivesse ao pé de mim! Decerto saberia que dizer e fazer.

Sentia-me tentado a aguardar mais um dia ou dois, na expectativa, sem desafiar a tempestade, mas reflecti e concluí que isso não seria mais do que um acto de comodismo ou cobardia. Receava, ao mesmo tempo, enfrentar mais uma situação desagradável de desrespeitosa rebeldia. Como podem ver, estava com medo da minha própria filha.

Tentei espairecer um pouco o espírito, oferecendo-me um passeio pelo jardim, quando vi Judith sentada sozinha num banco. Era como se o Destino me conduzisse até ela, naquele momento.

Nunca na minha vida tinha visto uma expressão de tanto desalento e infelicidade num rosto de mulher.

Enchi-me de coragem e dirigi-me para ela. Não me ouviu aproximar, até ao momento em que me sentei a seu lado.

- Judith - disse-lhe suavemente -, pelo amor de Deus, não estejas tão apreensiva. Pensas de mais, sabes?

Virou-se para mim, quase assustada com a minha aparição.

- Pai, não o ouvi chegar!

Prossegui, conquanto tivesse a noção de que a minha diligência seria baldada se ela se rebelasse, como de costume, repudiando o menor conselho.

- Oh, minha muito querida Judith, não penses que não sei aquilo que está diante dos meus olhos. Ele não merece isto, acredita-me, meu amor. Ele não merece isso.

O seu rosto alarmado virou-se para mim. Calmamente perguntou:

- Sabe realmente do que está a falar?

- Certamente que sei. Estou profundamente preocupado com esse homem. Mas minha querida, podes crer que não te serve.

Sorriu sombriamente e murmurou:

- Talvez eu saiba isso tão bem como o pai.

- Não, não sabes. Não podes sabê-lo. Onde é que isso pode levar-te? É um homem casado. Não pode proporcionar-te o menor futuro; apenas tristeza e vergonha; finalmente, amargura e recriminações mútuas.

O seu sorriso tornou-se glacial, talvez mais triste ainda.

- Como está eloquente, esta manhã!

- Põe essa ideia de parte, Judith! Não penses mais nisso.

- Não.

- Ele não te serve, meu amor. Muita calma, respondeu surdamente:

- É tudo quanto desejo neste mundo.

- Não, não Judith. Suplico-te.

O sorriso desvaneceu-se-lhe nos lábios. Virou-se para mim furiosamente e desfechou:

- Como se atreve? Como se atreve a interferir na minha vida! Não o tolero. Nunca torne a falar-me nesses termos. Detesto-o! Odeio-o! Não tem nada com isso. E a *minha* vida... o meu segredo.... a minha alma.

Levantou-se e, com uma mão firme, empurrou-me o ombro para trás. Passou pela minha frente, como que desvairada, e deixou-me estarrecido a olhar para ela, profundamente desalentado.

II

Durante mais de um quarto de hora permaneci no mesmo local, mergulhado nos mais contraditórios pensamentos. Que resolução tomar?

Foi aí que Elizabeth Cole e Norton vieram encontrar-me.

Mostraram-se, como concluí mais tarde, imensamente

amáveis comigo, o que prova terem-se apercebido de que me achava num estado de grande perturbação mental.

Contudo, com muito tacto, não fizeram a mais ligeira alusão ao que pressentiam no meu espírito conturbado. Arrastaram-me num passeio pelo bosque e mostraram-se ambos grandes adoradores da natureza. Elizabeth Cole apontava-me as flores: Norton, as aves.

Falavam gentilmente e, pouco a pouco, readquiri a calma.

Subitamente, porém, Norton, com o binóculo assestado, exclamou:

- Olá! Aquilo não é um pica-pau? É a primeira vez...

Calou-se bruscamente mostrando-se claramente comprometido.

A suspeita invadiu-me e estendi as mãos para o instrumento.

- Deixe-me ver...

A minha voz foi peremptória, mas Norton encolheu-se e articulou titubeante:

- Eu... eu... enganei-me. Já voou de onde estava. De resto, era um pássaro vulgar.

O seu rosto estava tão perturbado que, noutra situação, ter-me-ia parecido ridículo. Mostrava-se simultaneamente envergonhado e assustado.

Não havia dúvida que acabara de presenciar algo que desejava

impedir-me de ver.

Só então me apercebi de que assestara o binóculo numa direcção desviada do bosque, após ter feito a sua inicial descoberta.

- Deixe-me ver - insisti, mais ordenando do que pedindo.

Praticamente tirei-lhe o binóculo. Recordo-me de que tentou ainda recusar-mo. Protestou em voz sumida:

- Não é nada. O pássaro já voou.

Era um instrumento de lentes poderosas. Levei-o aos olhos e apontei-o na direcção da última mirada de Norton.

Mas nada consegui ver, além de uma mancha branca desaparecendo entre as árvores. O vestido branco de uma rapariga?

Baixei o binóculo e, sem uma palavra, estendi-o a Norton.

Confuso e perplexo, evitou olhar para mim, como se tivesse praticado uma acção condenável.

Voltámos para casa e recordo-me de que Norton manteve-se todo o caminho num absoluto mutismo.

III

Mrs. Franklin e Boyd Carrington chegaram pouco tempo depois de termos entrado em casa. Ele levara-a no carro, até Tadcaster, porque ela desejara fazer algumas compras.

Podia apostar que o passeio lhe fizera imensamente bem.

Tiraram numerosos volumes de dentro do carro e Mrs. Franklin mostrava-se deveras animada, gesticulando e rindo, com magníficas cores nas faces.

Mandou Boyd, à frente, com uma compra qualquer que devia ser frágil, e galantemente encarreguei-me de transportar outro grande embrulho.

Bárbara falava mais apressada e nervosamente do que de costume!

- Calor terrível, não é verdade? Receio que venha aí tempestade.

Virou-se para Elizabeth Cole:

- Que fizeram vocês, durante todo o dia? Onde está John? Ele disse-me que estava com dores de cabeça e que ia dar um passeio para ver se lhe passava. Uma dor de cabeça é sempre desagradável, especialmente para ele... Não sei se sabem que anda muito preocupado com as suas experiências. Parece que estão a correr-lhe mal. Gostaria que falasse mais de outros assuntos.

Fez uma pausa e, em seguida, dirigiu-se a Norton:

- Está muito calado, Mister Norton. Aconteceu alguma coisa? Parece... parece abismado! Viu o fantasma dessa velha Mistress Qualquer-Coisa?

Norton gaguejou:

- Na-ão, Mistress Frank-klin. Não vi fantasma algum. Eu... estava apenas a pensar num problema sem importância.

Foi nesse momento que Curtiss entrou, empurrando a cadeira de rodas de Poirot.

Parou no átrio e ia preparar-se para tirar Poirot da cadeira e carregar com ele, escada acima, quando o velho detective inquiriu de repente:

- Que se passou? Aconteceu alguma coisa?

Os seus olhos brilhavam, perscrutando as fisionomias das pessoas presentes.

Durante um minuto, ninguém respondeu. Depois Bárbara Franklin soltou um risinho artificial *e* disse:

- Não, nada de especial. Creio que é da tempestade que se avizinha. Oh, Céus! Estou tremendamente cansada! Traga-me essas coisas cá para cima, sim, capitão Hastings. Muito obrigada.

Segui-a carregado, pelas escadas da ala oriental. O seu quarto era o último desse lado.

Mrs. Franklin abriu a porta, comigo atrás dela, com os braços carregados de embrulhos.

Bruscamente, estacou à entrada. Boyd Carrington estava de pé, junto à janela, e a enfermeira Craven pegava-lhe na mão.

Estava a ler-lhe a sina.

- Olá! - saudou ele com um sorriso ligeiramente contrafeito. - Estava a descobrir o meu destino. A enfermeira Craven é quiromante, sabia? Mas ainda não me disse o que mais me interessa.

- Realmente, lê a sina? Não fazia a menor ideia - disse Bárbara Franklin, num tom de voz cortante.

Virou-se para ela com certa brusquidão e ordenou:

- Pegue nestas coisas, se não se importa, enfermeira. E bata-me um ovo com porto, sim? Sinto-me muito cansada. Quero também uma botija de água quente. Irei para a cama o mais cedo possível.

- Certamente, Mistress Franklin.

A jovem apressou-se a desempenhar a sua missão não denunciando outro sentimento que não fosse o da complacência profissional.

Então, Bárbara Franklin pediu:

- Por favor, vá-se embora, Bill, sim? Estou terrivelmente exausta.

Boyd Carrington pareceu contristado e aquiesceu:

- Oh, Babs! Certamente. O passeio deve ter sido demasiado esgotante para si! Lamento imenso! Que pateta fui em tê-la cansado dessa maneira!

Mrs. Franklin lançou-lhe um olhar de mártir, angelical.

- Não devia dizer-lhe nada, Bill. Detesto ser *desmancha-prazeres.*

Boyd e eu saímos do quarto, deixando as duas mulheres juntas. No corredor, censurou-se:

- Que parvo que fui. Vi-a tão alegre e viva, durante o passeio, que me esqueci do seu estado de saúde. Espero que não sofra uma recaída.

Mecanicamente animei:

- Verá como ficará óptima, após uma noite de descanso.

Enquanto o vi descer as escadas, hesitei no rumo a tomar, até que me decidi a dirigir-me ao fundo do corredor, onde se situavam os quartos de Poirot e o meu.

O homenzinho devia estar à minha espera, mas, pela primeira vez, senti certa relutância em ir ter com ele. Estava preocupado com os meus pensamentos e sentia uma dor aguda no estômago.

Caminhei vagarosamente ao longo do corredor.

Ao passar pelo quarto de Allerton ouvi vozes, e, instintivamente, abrandei o passo. Então, subitamente, a porta abriu-se e minha filha saiu.

- Que estavas a fazer nesse quarto? - inquiri zangado.

Fitou-me silenciosa. Não se enfureceu mas evidenciou a maior frialdade. Durante alguns segundos não respondeu.

Abanei-a por um braço, levei-a para o meu quarto e disse-lhe:

- Tenho direito a uma resposta. Não sabes o que estás a fazer.

Finalmente, comentou:

- Vejo que tem uma mentalidade absolutamente ultrapassada.

- E honro-me disso - retorqui-lhe. - Pelo menos, respeitamos certos padrões de vida. Quero que compreendas isto, Judith: proíbo-te que tenhas mais relações com esse homem.

- Ah! E então isso? - perguntou calmamente.

- Negas estar apaixonada por ele?

- Não.

- Mas não sabes que espécie de homem é. Não podes saber.

Deliberadamente, sem rodeios, contei-lhe a história que ouvira, nessa tarde, a respeito de Allerton.

- Estás a ver a espécie de homem que é? - inquiri, no final.

- Nunca tive dúvidas a esse respeito - replicou ela. - Posso assegurar-lhe que nunca pensei que fosse um santo.

- Não te faz diferença, Judith, tornares-te numa depravada?

- Chame-lhe isso, se assim o entender.

- Judith, tu não és... Tu não tens...

Não encontrei as palavras que exprimissem justamente a minha indignação. Ela libertou o braço da minha mão e declarou:

- Oiça, pai. Eu estou no meu direito de fazer o que escolho. Não pode impedir-mo. Farei exactamente da minha vida o que me apetecer e não poderá deter-me.

No instante imediato saiu para o corredor.

Senti os joelhos tremerem.

Afundei-me numa cadeira. A situação era pior... muito pior do que imaginara. A criança rebelde parecia obcecada em perder-se. Não havia ninguém que pudesse acorrer em meu auxílio, em *seu* auxílio. Sua mãe, a única pessoa a quem ela poderia dar ouvidos estava morta. Tudo dependia agora de mim.

Não creio que tenha sofrido tanto, como sofri naquele momento.

IV

Reuni todas as minhas forças psíquicas para recuperar a presença de espírito e acalmar. Precisava de manter-me aparentemente tranquilo. Lavei-me e barbeei-me para jantar. Devo ter conseguido readquirir as minhas maneiras naturais, pois ninguém deu mostras de notar qualquer diferença na minha atitude.

Por uma ou duas vezes vi Judith dirigir-me um olhar de relance. Devia estar siderada pela forma como me mostrava normal e sossegado.

E, cada segundo que passava, mais se avolumava a minha determinação.

Tudo quanto agora precisava era de coragem e raciocínio.

Depois do jantar saí para o jardim e contemplei o céu. A atmosfera compacta prenunciava chuva, trovoada, tempestade.

Pelo canto do olho, vi Judith desaparecer na esquina da casa.

Momentos depois, Allerton seguia na mesma direcção.

Acabei o que estava a dizer a Boyd Carrington e tomei o mesmo caminho.

Julgo que Norton tentou deter-me, segurando-me o braço. Propôs-me ainda dar uma volta para os lados do roseiral. Agi como se não o tivesse ouvido.

Ainda me acompanhava, quando dobrei a esquina da mansão.

Lá estavam eles. Não pude ver o rosto de Judith porque estava virada de costas para o nosso lado e naquele local não havia luz, e o céu estava completamente encoberto. Mas distingui o vulto de Allerton inclinar-se sobre ela e beijá-la.

Separaram-se rapidamente, como se nos pressentissem. Ainda dei um passo para diante, mas desta vez, com uma força de que eu não o julgava capaz, Norton segurou-me e fez-me contornar de novo o canto da casa.

Falando baixo, mas com decisão, disse-me:

- Escute lá. Não pode fazer isso... Interrompi-o, ameaçador:

- Posso e hei-de fazê-lo.

- Não *serve* de nada, meu amigo. Alivia momentaneamente a raiva, mas já não há *nada* que possa fazer.

Fiquei calado. Ele podia realmente pensar que era um caso perdido, mas eu sabia qual a melhor solução para uma situação daquelas.

Norton persistia na sua tentativa de dissuasão:

- Sei como se deve sentir, revoltado e impotente, mas a única coisa que lhe resta é aceitar a derrota. *Aceite-a,* homem!

Não o contradisse. Esperei, deixando-o falar à vontade. Depois, dobrei novamente a esquina da casa.

Tinham ambos desaparecido, mas fiquei com uma ideia do local para onde teriam ido. Havia uma outra casa de Verão, entre uns canteiros de lilases, não muito longe dali.

Avancei nessa direcção, com Norton sempre colado aos meus ombros. Quando me acerquei ouvi a voz de Allerton e estaquei.

- Bem, minha querida. Está então combinado dizia ele. - Não faça mais objecções. Você vai à cidade, amanhã. Pelo meu lado, irei até Ipswich e ficarei em casa de um amigo, por uma noite ou duas. Então, você telefonará de Londres a informar que não pode regressar. Quem poderá saber desse encantador jantarinho no meu apartamento? Prometo-lhe que não se arrependerá.

Senti Norton pressionar-me o braço procurando fazer-me retroceder. Então, repentinamente, virei-me para ele. Quase lhe ri na cara, ao notar a profunda ansiedade estampada na sua expressão. Mansamente, deixei-o reconduzir-me a casa. Simulei desistir de qualquer tomada de atitude, visto, naquele momento, estar certo do que conviria fazer... do que iria fazer.

Disse-lhe claramente:

- Não se preocupe, meu caro. Já compreendi que não há nada que eu possa resolver. Ninguém pode controlar a vida dos

jovens... É escusado... Só reconhecem os erros, depois de sofrerem-nos, na própria alma.

Mostrou-se-me ridiculamente aliviado. Pouco tempo depois, anunciei-lhe que ia deitar-me mais cedo.

- Estou com uma estúpida dor de cabeça - justifiquei.

Norton não teve a menor suspeita do que **eu ia** fazer.

V

Parei um instante no corredor. Não havia ninguém nas proximidades. As camas estavam já abertas para os hóspedes se deitarem. Norton, que tinha o quarto desse lado, ficara no andar de baixo. Miss Cole estava a jogar brídege. Sabia que Curtiss estava na cozinha a cear. Tinha o terreno livre, à minha disposição.

Congratulei-me pelo facto de não ter trabalhado, em vão, tantos anos com Poirot. Sabia quais as precauções a tomar e de uma coisa estava agora certo: Allerton *não* iria encontrar-se com Judith no dia seguinte. Tudo o mais era ridiculamente simples. Fui ao meu quarto buscar um frasco de aspirinas. Seguidamente dirigi-me ao quarto de Allerton e entrei na sala de banho.

As cápsulas de *Slumberyl* estavam na prateleira. Considerei que oito seriam suficientes, já que duas era a dose máxima que qualquer organismo poderia suportar. O próprio Allerton dissera-me que o seu efeito era altamente tóxico e o rótulo anunciava: “E perigoso exceder a dose prescrita.”

Utilizando um lenço para pegar no frasco, desrolhei-o. Era

necessário que as minhas impressões digitais não ficassem impressas em parte alguma.

Esvaziei oito cápsulas de hipnótico e troquei-as com outras oito de aspirina. Como ambos os tipos de comprimidos se assemelhavam, ninguém notaria a troca. Coloquei o frasco, exactamente, onde o tinha encontrado. Allerton não poderia dar pela diferença.

Regressei ao meu quarto, peguei em dois copos, na minha garrafa de uísque e no sifão. Nunca Allerton recusara beber um copo. Quando subisse, desafiá-lo-ia a acompanhar-me numa bebida, antes de nos deitarmos. Dissolvi facilmente as cápsulas de *Slumberyl e* achei-a um pouco mais amarga do que o da bebida pura, mas pouco diferençável. Tinha o meu plano: quando Allerton subisse, ver-me-ia servir inocentemente uma bebida para mim próprio. Oferecer-lha-ia com a maior naturalidade, acrescentando a dose de uísque e juntando-lhe a água gasificada. Passar-lhe-ia esse copo que me estava, aparentemente, destinado e encheria uma dose similar para mim. Fácil e natural.

Não poderia suspeitar dos meus sentimentos a seu respeito, a menos que Judith lhe tivesse transmitido a nossa conversa. Considerei essa hipótese, mas parti do princípio que Judith nunca falaria do assunto a mais ninguém.

Apenas me restava esperar. Talvez faltasse ainda uma hora ou duas, antes que Allerton subisse para deitar-se. Era bastante ave nocturna.

Sentei-me calmamente e aguardei.

Bateram à porta. Era Curtiss que vinha da parte de Poirot.

Pedia-me que desse lá um salto.

Senti remorsos. Na verdade, não pensara nele durante toda a noite, pelo menos, em visitá-lo. Agora não poderia deixar de acorrer ao seu chamamento, tanto mais que não desejava levantar a mínima suspeita acerca dos meus desígnios.

Segui Curtiss e ao entrar no quarto do meu amigo, este saudou:

- *Eh bien!* Com que então, desertou, hem, Hastings?

Desculpei-me com o melhor dos meus sorrisos e aleguei uma forte dor de cabeça. Imediatamente solícito, Poirot ofereceu-me os seus remédios. Recusei a aspirina que me quis fazer ingerir, explicando-lhe que já tomara um comprimido, mas não pude furtar-me a engolir uma chávena do seu enjoativo chocolate.

- Restabelece os nervos, compreende? - explicou Poirot.

Bebi para mostrar-lhe que aceitava o argumento. Momentos depois, ainda com as exclamações de afeição do meu amigo a soarem-me aos ouvidos, fui ansiosamente para o meu quarto.

Mal entrei, fechei a porta ostensivamente. Em seguida, tornei a abri-la, sem ruído. Poirot ficaria convencido de que tencionava efectivamente deitar-me, mas, na realidade, eu não queria, de modo algum deixar passar Allerton, sem dar por ele. Teria contudo de esperar ainda um bom pedaço.

Sentei-me e pus-me a pensar na minha falecida mulher. Surpreendi-me a murmurar com os meus botões:

- Compreendes, querida. Vou salvá-la.

Cinders deixara Judith ao meu cuidado. Não queria falhar na única missão que me confiara.

No silêncio expectante que me envolvia, sentia-a muito perto de mim.

Ali fiquei à espera, meditando, no sofá, junto à porta.

Capítulo XIII

I

Sempre que escrevemos um anticlimax a sangue-frio, há algo que nos contende com o amor-próprio.

Para falar verdade, confesso que me sentara à espera de Allerton e deixei-me dormir.

Suponho que o facto não seria de surpreender, já que dormira pessimamente na noite anterior. Depois, estivera ao ar livre todo o dia, o que igualmente quebra bastante as energias, sobretudo quando o tempo está carregado, na iminência de uma tempestade.

Aconteceu. Adormecera, junto da entrada, com a porta entreaberta e, quando os pássaros começaram a trinar lá fora, acordei com o Sol já alto, enterrado no sofá, ainda vestido com o traje de jantar, com um desagradável gosto na boca e uma terrível dor de cabeça.

Senti-me primeiro incrédulo, depois desiludido e finalmente desesperado.

Os meus olhos pousaram-se sobre a garrafa de uísque, na minha frente, depois nos copos, um deles já preparado e o outro vazio, e levantei-me, de salto. Peguei naquele que continha parte da bebida destinada a Allerton, dirigi-me à janela, corri as cortinas e despejei-a no jardim.

Devia ter estado doido, na noite anterior.

Barbeei-me, banhei-me e vesti-me. Sentindo-me então muito melhor, fui ter com Poirot. Sabia que ele acordava sempre muito cedo. Sentei-me e narrei-lhe tudo quanto se passara na véspera e na minha mente.

Abanou a cabeça e comentou gentilmente:

- Ah! Que loucuras, que tentações arrebataram o meu querido amigo! Apraz-me muito que tenha vindo confessar-me os seus pecados. Mas, meu bom Hastings, por que razão não veio ontem ter comigo e expor-me o seu problema?

Algo envergonhado, justifiquei:

- Suponho ter receado que você quisesse travar as minhas intenções.

- Certamente que teria impedido uma loucura dessa natureza. Julga que gostaria de vê-lo suspenso pelo pescoço, por causa de um tipo detestável como o major Allerton?

- Não deveria ser apanhado. Tomara todas as precauções.

- Os assassinos pensam sempre isso mas, deixe-me que lhe diga, *man ami*, que você não é tão esperto como pensa.

- Ora, Poirot! Limpei as minhas impressões digitais dos frascos...

- ... mas não reparou que, dessa maneira, também eliminava as de Allerton. Se o encontrassem morto, que aconteceria? Fariam a autópsia e descobririam que morrera em virtude de uma dose excessiva de *Slumberyl.* Tê-la-ia ingerido por acidente, ou intencionalmente? *Tiens!* As suas impressões digitais não estão

no frasco de cápsulas! Como se explica isso? No caso de acidente ou de suicídio, não se justificaria essa precaução. Notariam então que algumas dessas cápsulas tinham sido substituídas por aspirina.

- Praticamente toda a gente tem aspirina consigo - murmurei.

- Sim, mas nem toda a gente, aqui em Styles, tem uma filha que anda a ser desencaminhada pelo patife do Allerton. Duas pessoas, pelo menos, Boyd Carrington e Norton poderiam testemunhar que você estava furioso com o tipo. Depois, franco e honesto como você é, não conseguiria sustentar uma negativa convicente, sob a pressão de um interrogatório da Polícia. Qualquer bom inspector arrancar-lhe-ia a verdade. De resto, quem lhe diz a si que não o viram manipular os comprimidos?

- Seria impossível. Só eu estava no quarto.

- Ora, ora, meu caro Hastings. Há uma varanda corrida em frente das janelas e a luz interior estava acesa. Podiam ter estado a espiá-lo. Além disso, não se esqueça, há quem espreite às fechaduras.

- Você passa a vida a sonhar com fechaduras, Poirot. Na vida real, as pessoas não passam o tempo a espreitar o que os outros fazem, pelos buracos das fechaduras.

Poirot fechou os olhos, com um sorriso folgazão.

- Sempre lhe digo que se passam coisas muito estranhas, nesta casa, com chaves, meu amigo. Pessoalmente, tenho sempre o cuidado de fechar a porta à chave, pelo lado de dentro, quando Curtiss vai para o quarto contíguo. Pois, pouco tempo depois de

cá ter chegado, a minha chave desapareceu. Tive de mandar fazer uma outra.

- Bem, de qualquer maneira - observei com um suspiro de alívio -, a coisa não aconteceu. É horrível pensar que um homem pode desesperar-se a esse ponto.

Depois fitei Poirot intensamente e sondei:

- Não acha possível que aquele assassínio que ocorreu aqui, há anos, tenha contaminado o ar?

- Um vírus de homicídio, quer você dizer? É uma sugestão interessante.

- As casas têm uma atmosfera própria, particular - declarei, pensativo. - Esta mansão tem uma história sinistra!

Poirot concordou, com um gesto solene.

- Sim, na verdade, tem estado aqui muita gente a desejar intensamente que alguém morra. Lá isso é verdade.

- Creio que, mais tarde ou mais cedo, um crime será inevitável. Mas agora, diga-me, que vou fazer acerca deste caso... refiro-me a Judith e a Allerton? Tenho de travá-los de qualquer modo. Que me aconselha que faça? Que método melhor poderei utilizar?

- Nenhum.

- Oh! Mas...

- Acredite-me. Atingirá melhor os seus fins se não interferir.

- Mas, se atacar Allerton...

- Não lhe serve de nada. Judith tem vinte e um anos e é senhora dos seus direitos.

- Mas acho que devo...

Poirot interrompeu-me energicamente:

- Não, Hastings. Não imagine que é suficientemente esperto e convincente para persuadir essas duas pessoas e impor-lhes a sua personalidade. Allerton está habituado a lidar com papás impotentes e, provavelmente, até goza um bom pedaço com isso. E Jutith não é o género de rapariga que você possa conduzir aos empurrões. Aconselho-o... e faço-o plenamente convicto de que tenho razão... a ter confiança nela.

Olhei-o pasmado. Poirot prosseguiu:

- Judith tem muito bom estofo. Admiro-a muito, sabe?

Com voz insegura, declarei:

- Também a admiro, mas receio pelo que lhe possa suceder.

Com súbita energia, Poirot sacudiu a cabeça.

- Pode crer que estou igualmente muito preocupado a seu respeito, mas não da maneira que o apoquenta, nem pelo mesmo motivo. Tenho um medo terrível do que lhe possa acontecer e sinto-me impotente para evitá-lo. Meu caro Hastings, o perigo que ela corre é de outra natureza. E terrível e assusta-me pensar que pode estar muito próximo.

II

Sabia tão bem como Poirot que o perigo estava próximo.

Tinha mais razões para sabê-lo do que ele, porquanto eu estivera quase a matar na noite anterior.

Apesar de tudo, ponderei naquela sua frase, quando me aconselhou "a ter confiança" em Judith, e desci para almoçar.

Momentos depois, a verdade acerca daquele conselho estava plenamente justificada. Obviamente Judith mudara de intenções, quanto a ir a Londres nesse dia.

Preferira ir com Franklin para o laboratório onde se mantiveram a trabalhar todo o dia.

Dei graças a Deus por esta mudança de decisão, por parte de Judith.

Allerton almoçara mais cedo e partira para Ipswich. Provavelmente pensou que Judith cumpriria o plano como fora combinado. Congratulei-me com a ideia de que ficaria extremamente desapontado.

Boyd Carrington veio ao meu encontro com expressão pouco jovial e anunciou:

- Tive hoje notícias desmoralizantes.

Explicou que o arquitecto que trabalhava em Knatton deparara com dificuldades na construção em curso; recebera cartas preocupantes e parecia-lhe que o passeio da véspera fora demasiado exaustivo para Mrs. Franklin.

A verdade é que, desde manhã, Bárbara Franklin fazia a vida negra à enfermeira Craven. Esta não parava, de um lado para o outro. Era o seu dia de folga e tinha-lhe sido prometido poder visitar alguns amigos fora de Styles, mas não fez outra coisa senão transportar sais, botijas de água quente e atender todas as queixas da paciente: nevralgia, dor em volta do coração, cãibras nos pés e nas pernas, arrepios de frio, etc.

Todos demos o devido desconto, pois sabíamos das tendências hipocondríacas de Mrs. Franklin, de resto confirmadas pelo marido e pela enfermeira.

Aquele ouvira as queixas da mulher e decidira mandar chamar o médico local, mas ela opusera-se terminantemente, pelo que se limitou a ministrar-lhe um sedativo e a providenciar para que ficasse bem precavida contra o frio, após o que regressou ao seu laboratório.

A enfermeira Craven, falando comigo, comentou:

- Ele sabe perfeitamente que tudo aquilo não passa de comédia. O pulso e a temperatura estão absolutamente normais. É a fita do costume. Gosta de interferir com a vida de toda a gente. Está danada porque o marido resolveu ir trabalhar em vez de ficar, de roda dela, feito parvo. Vinga-se em mim, impedindo-me de gozar a minha folga e multiplicando os pequenos serviços que nunca a satisfazem, pois muda constantemente de opinião. Finalmente queixa-se agora de que Sir William é um bruto, porque a obrigou a um passeio estafante. Está a ver o género de senhora que ela é!

Compreendi que Mrs. Franklin era uma doente difícil de

aturar, não só pela quantidade de tarefas que inventava, para que a enfermeira estivesse continuamente a ocupar-se dela, mas também pela maneira rude e desconsiderante como às vezes se lhe dirigia.

Portanto, ninguém considerou a indisposição de Mrs. Franklin coisa de remonta e só Boyd Carrington parecia arrependido de tê-la fatigado, na véspera, demasiadamente. Subiu a perguntar por ela duas vezes e não conseguindo vê-la, dirigiu-se à aldeia onde comprou uma vistosa caixa de bombons. Quando regressou ficou desolado, por a enfermeira lhe explicar que Mrs. Franklin não podia comer chocolate.

Desceu com o presente, abriu-o solenemente para que nos servíssemos e Norton e eu não nos fizemos rogados.

Norton devia estar preocupado com qualquer coisa, nessa manhã, pois mostrava-se mais abstracto do que de costume e foi com um ar distraído e vago que começou a comer bombons, uns atrás dos outros. Devia ser louco por chocolates.

O tempo piorara e desde as dez horas que começara a chover.

Poirot fora trazido para baixo, por Curtiss, e instalara-se na sala de estar. Elizabeth Cole juntou-se-lhe e sentou-se ao piano, tocando algumas árias para ele ouvir, como apreciador que era, especialmente de Bach e de Chopin. Miss Cole era, na verdade, uma boa intérprete e eu próprio me deliciei a escutá-la.

Faltava um quarto para a uma, quando Franklin e Judith regressaram do laboratório. Minha filha vinha muito séria e calada. Ele sentou-se junto de nós, cansado e absorto, parecendo muito mais velho do que efectivamente era, pois podia ser meu

filho.

A certa altura referiu-se ao tempo e disse qualquer coisa sobre a *tempestade* que já prenunciara para esse dia. O mais estranho é que nos pareceu aludir a qualquer coisa mais do que às condições atmosféricas, tal era o estado de espírito em que nos achávamos.

O Dr. Franklin levantou-se de súbito, embateu contra a mesa e entornou no chão a caixa de chocolates.

- Oh! Perdão! - desculpou-se, procurando desajeitadamente apanhá-los da carpeta, onde esmagou um, com o pé.

Com um ar pueril, Norton perguntou-lhe se tivera uma manhã muito atarefada, no laboratório.

- Não, não... nem por isso - respondeu Franklin distraidamente. - O costume. Estamos agora a utilizar um processo para acelerar... Para cortar caminho, na investigação.

Dirigiu-se para a janela, olhou por momentos a chuva a cair sobre os canteiros e repetiu, num murmúrio:

- Sim. Temos de atalhar caminho.

III

Tínhamos estado nervosos e incomodados toda a manhã, mas a tarde surgiu inesperadamente agradável. O Sol despontou por entre as nuvens, até então compactas, e parou de chover.

Trouxeram Mrs. Luttrell para o andar de baixo e sentaram-na na varanda. Parecia achar-se em excelente forma. Fez uma ou duas censuras ao marido, mas em termos abolutamente

suportáveis.

Poirot permitiu-se emitir alguns gracejos e mostrava-se feliz por ver os modos afectuosos do casal. Até o coronel parecia mais novo. Estava incontestavelmente menos vacilante, puxava menos pelas guias do bigode e foi dele que partiu a sugestão para uma jogatana de brídege, nessa noite.

Norton insinuou que isso seria cansativo para a convalescente.

- Um joguinho de cartas faz-me falta - afirmou Mrs. Luttrell, acrescentando, de seguida. - Prometo não “castigar” muito o meu pobre George.

- Sei que sou mau jogador, querida - disse o coronel.

- E isso o que tem? - retorquiu ela. - E da maneira que me dás pretexto para criticar-te. Não me queiram privar desse prazer.

Rimo-nos bem humorados.

Pensei em quantos homens e mulheres que se divorciam movidos por um período temporário de irritação, quando poderiam reconciliar-se e acabar por dar-se bem, se deixassem correr algum tempo.

Sabia, contudo, que nem todos os casos são idênticos, já que não há duas pessoas iguais neste mundo. Por exemplo, eu, cujo casamento foi o mais feliz possível, sempre defendi a prática do divórcio; Boyd Carrington, que tivera tanto azar com o seu, considerava-o uma instituição do Estado e pugnava pela sua indissolubilidade.

Norton, que se mantivera solteiro, apoiava a minha maneira de pensar e, estranhamente, o Dr. Franklin, opunha-se tenazmente ao divórcio como solução para incompatibilidade matrimonial. Isto formava paradoxo com a frase matinal: "Temos de atalhar caminho." Parecia pois que, para ele, o casamento não se processava segundo um método científico.

Recostando-se na cadeira, estendeu as pernas e declarou:

- Um homem escolhe a sua mulher. Toma portanto a responsabilidade do seu acto, até que ela morra... ou ele morra primeiro.

Comicamente, Norton observou:

- E, quantas vezes, qualquer deles dirá: "Que morte abençoada!..."

Todos rimos e Boyd Carrington comentou:

- Bem prega quem nunca casou! Norton abanou a cabeça e disse:

- E agora, já *é* tarde de mais.

- Está certo disso? - motejou Boyd Carrington. Foi neste momento que Elizabeth Cole se nos juntou. Estivera no andar de cima, com Mrs. Franklin.

Não sei se Boyd a vira aproximar-se, quando dissera aquela graça a Norton, e se o fizera intencionalmente, mas o certo é que Norton corou até às orelhas. Examinei Miss Cole atentamente e pareceu-me uma mulher bastante nova ainda e muito formosa. Além disso, tinha imensos outros encantos que poderiam

permitir-lhe fazer qualquer homem feliz. Não havia dúvida que se dava bem com Norton, na sua caça à poesia das flores e dos pássaros. Lembrei-me que ela se referira a ele, classificando-o como uma pessoa de bom carácter.

Se assim era, talvez pudesse apagar do seu espírito a tragédia que a assombrara na adolescência. Na realidade, Miss Cole parecia-me agora muito mais feliz do que quando eu chegara a Styles e tivera ocasião de vê-la pela primeira vez.

Elizabeth Cole e Norton! Sim, talvez pudessem ligar um com o outro.

Subitamente, tornei a pensar que havia algo de sinistro na atmosfera de Styles e senti-me cansado e... receoso.

Creio que só Boyd Carrington deu por essa mudança na minha expressão, pois inquiriu:

- Que se passa, Hastings?

- Nada. Apenas uma estúpida e incompreensível apreensão.

- Um pressentimento de que o Diabo anda por aí?

- Sim. Sinto que está para acontecer qualquer coisa... desagradável.

- Tem piada! Também já hoje pressenti isso, mais do que uma vez, mas não consigo descobrir *porquêl Faz* alguma ideia do que seja?

Abanei a cabeça numa negativa.

Neste momento, Judith entrou em casa. Encaminhou-se para nós lentamente, com a cabeça erguida, os lábios cerrados e uma expressão grave no olhar que a tornava ainda mais linda.

Pensei como era diferente, tanto de mim como de Cinders. Lembrava-me uma sacerdotisa das imagens antigas, ou uma freira, austera e bela.

Norton deve ter sentido impressão semelhante e gracejou:

- A nossa Judith lembra a jovem Salomé, antes de ter decapitado Holofernes.

Minha filha ergueu as sobrancelhas e respondeu:

- Espero não vos desiludir, mas, francamente, não me lembro do que ela pretendia, ao cortar-lhe a cabeça.

- Oh! Qualquer objectivo altamente moral, para bem da comunidade - retorquiu Norton, com velado sarcasmo.

Mas Judith não replicou, indo sentar-se ao lado de Franklin. Momentos depois anunciava:

- Mrs. Franklin sente-se muito melhor e pediu-me que vos comunicasse que teria muito gosto se quisessem, esta noite, ir tomar café, na sua companhia.

IV

Não havia dúvida de que Mrs. Franklin era uma senhora de marés. Mostrara-se insuportável com toda a gente, durante o dia inteiro e, à noite, quando nos deslocámos, em bando, escada acima, para lhe prestar as nossas homenagens, surgiu-nos

extremamente afável, recostada no seu canapé e envergando um *negligé* transparente, de um verde-água-do-nilo.

A enfermeira Craven começou a servir-nos o café. Estávamos todos reunidos, excepto Poirot que se retirara para o seu quarto, como de costume, após o jantar.

A bebida expandia um aroma delicioso. Devo esclarecer que o café, em Styles, era uma infusão insípida e inodora, de cor escura que, de café, só tinha o nome, pelo que Mrs. Franklin comprava o seu, directamente, noutro local.

Franklin sentara-se junto da mulher e ia passando as chávenas à enfermeira Craven, que, por sua vez, no-las estendia.

Boyd Carrington sentara-se junto ao extremo do canapé; Elizabeth Cole e Norton tinham-se colocado do lado da janela e a enfermeira Craven acabou por sentar-se ao fundo do quarto, junto à cabeceira da cama. Eu pegara no *Times* e entretinha-me com um problema de palavras cruzadas. A certa altura, li alto:

- "Personagem shakespeariana, que, pela palavra, transformou o ciúme em morte..." Quatro letras.

- Otelo - sugeriu Mrs. Franklin.

- Não, Babs - discordou Boyd Carrington. Deve ser lago... Há uma parte em que se refere ao "monstro-de-olhos-verdes", na qual...

Judith, que se achava à varanda olhando para o exterior, gritou subitamente:

- Olhem, uma estrela-cadente!... Olhem, outra!

Boyd Carrington propôs:

- Vamos formular um desejo.

Todos se dirigiram para a varanda. Boyd Carrington colocou-se por detrás de Elizabeth, Judith e Norton. A enfermeira Craven também quis observar as estrelas-cadentes e o último foi Franklin, notoriamente pouco interessado. Colocou a sua chávena de café sobre a mesa estante, mesmo ao lado da da mulher.

Ouviram-se exclamações desencontradas, enquanto contemplavam o céu, agora desanuviado.

Deixei-me ficar onde estava, mergulhando nas minhas palavras cruzadas. Pensei que não tinha nenhum desejo especial a formular... às estrelas.

Alguns momentos depois, Boyd Carrington virou-se para dentro do quarto e convidou:

- Oh, Babs, acho que deve ir à varanda. Levantei os olhos do *Times* e notei que Mrs. Franklin ficara muito perturbada. Secamente, retorquiu:

- Não posso. Estou cansada.

- Não seja tolinha, Babs. Venha fazer um voto insistiu Boyd, com uma ligeira gargalhada.

Subitamente, pegou-a nos braços como se fosse uma pena.

Ela riu e murmurou, ainda nervosa:

- Ponha-me no chão, Bill! Não seja pateta. Mas ele levou-a até à varanda.

Recordei-me de ter feito o mesmo, certa vez, a Cinders, para que contemplasse um lindo pôr do Sol.

Judith voltou para dentro do quarto e, para que não me visse com os olhos húmidos, rodei a mesa-estante procurando um livro. Ao virá-la notei uma colecção brochada e barata das obras de Shakespeare. Lá estava *Otelo.* Folheei-o e achei:

- Que está a ver, meu pai? - interessou-se. Murmurei-lhe qualquer coisa acerca das palavras cruzadas e confirmei: - É realmente lago:

"Oh! Guarde-se, meu senhor, do ciúme do qual se nutre o monstro-de-olhos-verdes"...

Encostando a cabeça ao meu ombro, Judith leu mais .algumas linhas:

"Nem papoila, ou mandrágora, ou outro entorpecente deste mundo : terá, na medicina, que possa conceder-lhe um sono mais profundo e suave."

A sua voz soava grave e bela. Neste momento, os outros regressavam da varanda, falando e rindo.

Mrs. Franklin retomou o seu lugar no canapé. Franklin voltou para a cadeira, junto da mesa-estante. Bebeu o seu café e serviu-se de outro.

Norton e Elizabeth desculparam-se por terem de retirar-se, a fim de jogarem brídege, com os Luttrell, que os aguardavam no

andar inferior.

Então, Bárbara acabou de beber a sua chávena e pediu os comprimidos.

Como a enfermeira Craven se tivesse ausentado, Judith foi buscar-lhos ao quarto de banho.

Franklin deambulava pelo aposento, de um lado para o outro, e embateu na mesa-estante.

- Não sejas desastrado, John - censurou Bárbara.

- Desculpa, querida. Estava a pensar numa coisa... Com afectação quase trocista, Mrs. Franklin disse-lhe:

- És um verdadeiro urso, não és, querido? Ele olhou-a abstractamente e despediu-se:

- Boa noite a todos. Vou dar uma volta lá por fora. Saiu.

- É um *génio,* sabem? - comentou Bárbara Franklin. - Têm de desculpar-lhe as maneiras desajeitadas, pois está sempre a pensar *noutra* coisa. Admiro-o terrivelmente. Vive apaixonado *exclusivamente* pelo seu trabalho.

- Sim, sim - apoiou Boyd Carrington, para não ficar calado -, é um rapaz esperto.

Judith, abruptamente, abandonou o quarto e quase chocou com a enfermeira, que vinha, nesse momento, a entrar.

- Que tal um joguinho de cartas, Babs? - propôs Boyd Carrington.

- Oh, sim, magnífica ideia - aplaudiu Mrs. Franklin.

Virando-se para a enfermeira Craven, ordenou:

- Veja se descobre onde param as cartas, sim?

Enquanto a enfermeira Craven lhas entregava, desejei-lhes boa-noite e retirei-me. Fui encontrar Judith e Franklin, de pé, junto de uma janela aberta, contemplando a noite.

O médico quebrou o silêncio para perguntar-lhe:

- Quer vir dar uma volta?

- Não - recusou Judith. - Não esta noite. Quero ir deitar-me. Até amanhã.

Desci com Franklin as escadas. Ouviou-o assobiar baixinho, sorridente.

Notei o facto por sentir-me pessoalmente deprimido.

- Parece muito satisfeito consigo, esta noite observei.

Ele admitiu-o sacudindo a cabeça.

- Sim, efectivamente. Consegui levar a cabo uma coisa que tencionava realizar há muito tempo. Creio tê-lo feito satisfatoriamente.

Separei-me dele ao fundo das escadas e, durante alguns minutos, entretive-me a acompanhar as jogadas dos parceiros de brídege. Numa altura em que os Luttrell não estavam a olhar, Norton piscou-me o olho. A jogatana, como ele dissera, parecia decorrer com uma harmonia extraordinária.

Allerton não tinha regressado ainda e tive a noção de que a sua ausência transmitia à casa uma atmosfera menos opressiva.

Finalmente dirigi-me ao quarto de Poirot, onde fui encontrar Judith sentada ao seu lado. Quando entrei sorriu-me, mas não me falou.

- Ela perdoou-lhe, *man ami* - disse Poirot. Soou-me aos ouvidos como se fosse uma observação ultrajante.

- Realmente? Pois pensei que fosse eu... Judith levantou-se, passou os braços em torno do meu pescoço e beijou-me.

- Pobre pai! - exclamou ela. - O tio Poirot, *não* devia atacar a sua dignidade. *Eu* é que peço para ser perdoada. Portanto, venha daí o seu perdão e... boa noite.

Ainda não sei porquê, mas disse-lhe:

- Desculpa-me, Judith. Lamento imenso. Não quis, de maneira nenhuma...

Ela interrompeu-me:

- Está tudo bem. Esqueçamos o que se passou, sim?... A sério, está tudo bem, agora.

E, tranquilamente, saiu do quarto.

Logo a seguir, Poirot, perguntou-me:

- Que tem acontecido, por aí, esta noite?

Afastei as mãos abertas e encolhi os ombros. - Nada

aconteceu e parece que nada sucederá.

Mal sabia nesse momento como estava longe da verdade. Porque algo acontecera, de muito grave. Mrs. Franklin adoecera, *realmente,* achando-se num estado muito crítico. Em vão chamaram mais dois médicos da cidade.

Morreu na manhã seguinte.

Só vinte e quatro horas mais tarde tomámos conhecimento de que a sua morte fora causada por envenenamento com fisostigmina.

Capítulo XIV

I

O inquérito verificou-se dois dias mais tarde. Era a segunda vez que assistia a um inquérito daquela natureza, no mesmo ponto do mundo.

O *coroner (1)* era um homem de meia-idade, evidenciando capacidade profissional, com um olhar penetrante e uma maneira de expressar-se deveras seca.

Primeiro, foram consideradas as provas médico-legais. A autópsia provara, de facto, que a morte fora causada por envenenamento com fisostigmina, embora também se tivessem detectado outros alcalóides extraídos da semente calabar.

O veneno devia ter sido ingerido naquela noite, entre as sete horas da tarde e a meia-noite. O cirurgião da Polícia que procedera à autópsia e o seu colega médico-legista recusaram-se a ser mais precisos, quanto ao factor tempo.

A testemunha ouvida em segundo lugar foi o Dr. John Franklin. Deixou a todos uma boa impressão. O seu depoimento foi claro e simples. Depois da morte da mulher, fora ao laboratório verificar as suas soluções e descobrira que certo frasco, que deveria conter um forte soluto de alcalóides de semente de calabar, fora cheio com água da torneira, na qual ainda se notavam vestígios do anterior conteúdo. Não podia informar quando é que tal podia ter sido operado, visto não proceder a experiências com aquele produto, já havia alguns dias.

A questão de acesso ao laboratório foi trazida à baila. O Dr. Franklin confirmou que, usualmente, fechava a porta do laboratório à chave e que costumava trazê-la consigo na algibeira. A sua assistente, Miss Judith Hastings, tinha um duplicado dessa chave. Quem quer que desejasse entrar no laboratório, na ausência de ambos, teria de pedir a chave a qualquer um deles, e, geralmente, a ele, Dr. Franklin.

Acontecera, uma ou duas vezes, ter-lhe sua mulher pedido a chave para ir ao laboratório buscar coisas de que ocasionalmente se esquecera. Pessoalmente, nunca trouxera qualquer solução de fisostigmina para o quarto e considerava improvável que ela o tivesse feito.

(1) Magistrado distrital encarregado de investigar casos de morte súbita ou violenta. *(N. do T.)*

Posteriormente interrogado pelo *coroner* sobre a saúde de Mrs. Franklin, declarou que ela sofria de uma certa fraqueza geral e particularmente dos nervos. Não havia qualquer enfermidade de outra natureza; mais depressão psíquica do que outra coisa.

Negou ter travado com ela a mais pequena discussão e afirmou que viviam em boas relações de amizade. Mencionou contudo que, no dia da morte, a tinha achado demasiado melancólica.

Confirmou ter Mrs. Franklin, ocasionalmente, falado em pôr termo à vida, mais do que uma vez, mas que nunca a tomara a sério, pois esse tipo de manifestações é típico entre as pessoas neurasténicas. Finalmente, depois de instado, repudiou a hipótese do suicídio, pois, na sua opinião, a esposa não seria

capaz de fazê-lo, nem teria razão para tal.

Seguiu-se-lhe a enfermeira Craven, que, sendo interrogada, respondeu com concisão e clareza. Envergando a sua farda profissional, declarou que estivera ao serviço de Mrs. Franklin durante mais de dois meses; que a enferma sofria de depressão nervosa; testemunhara ouvi-la dizer, frequentemente, desejar "acabar com tudo isto" e queixar-se de que se considerava uma "mó amarrada ao pescoço" do marido.

- Porque teria dito isso? Ocorrera alguma discussão entre ela e o Dr. Franklin?

- Oh, não! De maneira nenhuma, mas dizia que tinham oferecido ao marido uma nova colocação que ele sempre ambicionara e fora forçado a recusar por não querer separar-se dela.

- Acha que a sua paciente nutria sentimentos mórbidos por esse facto?

- Sim. Passava dias inteiros a lamentar-se da sua doença e inutilidade...

- Sabe se o doutor Franklin tinha conhecimento desse estado de espírito?

- Não creio que ela o tenha repetido, muitas vezes, ao marido. Queixava-se habitualmente às outras pessoas, dizendo-se inapta para ajudá-lo e incapaz de interessar-se pelo seu trabalho, que lhe repugnava.

- Mas sofria, portanto, de ataques de abatimento e depressão?

- Oh, sim. Absolutamente.

- Alguma vez mencionou, especificamente, desejar cometer suicídio?

- Nunca empregou esse termo. Apenas dizia: “Quero acabar com tudo isto.”

- Referiu-se porventura ao método que empregaria para pôr termo à vida?

- Não. Era sempre muito vaga e eu... ninguém, segundo julgo, lhe dava crédito.

- Concorda com o doutor Franklin... ou melhor, confirma a declaração do marido, de que no dia da morte se achava muito melancólica?

A enfermeira Craven hesitou neste ponto.

- Bem... não lhe chamaria melancolia. Achei-a mais nervosa do que habitualmente. Estava muito excitada, pois passara mal todo o dia, queixando-se de dores e de cansaço. Melhorou para a noite, mas parecia febril e artificial.

- Viu qualquer frasco que pudesse conter o veneno?

- Não.

- Que foi que ela comeu e bebeu?

- Sopa, costeletas, ervilhas e puré de batata... e torta de cerejas. Acompanhou a refeição com um copo de borgonha.

- De onde veio esse borgonha?

- Tínhamos a garrafa no quarto. Ficou um resto, no fundo, mas creio que já foi analisado e nada continha de especial.

- Teria tido oportunidade de deitar o veneno no copo, sem que a enfermeira tivesse visto?

- Oh, sim. Facilmente. Eu andava de um lado para o outro a arranjar-lhe coisas, enquanto ela comia. Não estava a vigiá-la, pois não podia desconfiar de coisa alguma. Tinha junto de si uma pequena caixa, onde guardava a correspondência, e a sua bolsa de mão de que nunca se separava. Podia, portanto, ter deitado qualquer droga no copo, tanto do borgonha, como no do leite que tomou mais tarde, antes de adormecer... ou antes disso... com o café.

- Faz alguma ideia de como poderia ela ter-se desfeito do frasco do veneno?

A enfermeira Craven considerou a pergunta e sugeriu:

- Talvez pudesse lançá-lo pela janela, ou colocado no cesto dos papéis... ou talvez o tivesse lavado no quarto de banho e arrumado entre os outros frascos que lá se encontram em profusão. Estão lá outros vazios. Tenho-os conservado porque, às vezes, são úteis.

- Quando viu Mistress Franklin pela última vez?

- Às dez e meia da noite. Recostei-a na cama, para dormir. Bebeu um copo de leite quente e disse-me ter também tomado uma aspirina.

- Como a achou, nessa altura?

- Bem, como habitualmente... Isto é... talvez um pouco sobreexcitada.

- Não muito deprimida?

- Não mais do que de costume. Mas, se estão a pensar em suicídio, terei de discordar dessa hipótese. Se pensasse em matar-se, ter-se-ia mostrado nobre, ou exaltada, não sei se me exprimo bem?

- Considerava-a uma pessoa capaz de atentar contra a própria vida?

Fez-se uma pausa. A enfermeira Craven meditou na pergunta, cuidadosamente.

- Considero-a capaz disso e ao mesmo tempo... custa-me a crer. Talvez, sim. De uma maneira geral, era uma senhora um tanto ou quanto desequilibrada.

Sir William Boyd Carrington veio a seguir. Parecia genuinamente alarmado, mas prestou as suas declarações com a máxima clareza.

Estivera a jogar às cartas com a doente, na noite da morte. Não notara quaisquer sinais de depressão nessa altura. Contudo, alguns dias antes, Mrs. Franklin confidenciara-lhe a sua intenção de acabar com a vida. Era uma mulher generosa e de maneira alguma egoísta. Convencera-se ter-se tornado um empecilho para a carreira do marido. Era-lhe muito devotada e ambiciosa a respeito do seu futuro, como médico e cientista. Por vezes,

mostrava-se, efectivamente, bastante deprimida com a sua própria saúde.

Judith também foi chamada, mas pouco tinha a dizer. Nada sabia acerca da utilização da fisostigmina nem da sua remoção para fora do laboratório. Na noite da tragédia, Mrs. Franklin parecera-lhe um pouco mais excitada do que habitualmente. Nunca a ouvira falar em suicídio.

A última testemunha foi Hercule Poirot.

As suas declarações foram prestadas com muita ênfase e causaram viva impressão. Relatou a conversa que entabulara com Mrs. Franklin na véspera do seu falecimento. Mostrara-se então muito deprimida e falara, efectivamente, em pôr termo à vida. Declarara-Ihe que seria maravilhoso e bem desejaria "adormecer e nunca mais acordar".

As respostas às perguntas imediatas causaram a maior sensação.

O *coroner* inquiriu:

- No dia dez de Julho, pela manhã, esteve sentado à porta do laboratório?

- Sim.

- Viu Mistress Franklin sair desse laboratório?

- Vi.

- Notou que trouxesse qualquer coisa na mão?

- Sim. Vi, *distintamente,* que segurava um frasco na mão direita, embora parecesse tentar escondê-lo.

- Está certo disso?

- Absolutamente.

- Mostrou-se confusa, quando se viu observada por si?

- Fitou-me *assustada...* para ser conciso.

O *coroner* sumariou o conjunto das declarações das testemunhas, referiu-se a Poirot considerando-o um elemento muito válido no inquérito e afirmando que o facto de ter visto Mrs. Franklin sair com um frasco do laboratório, dera um sentido positivo à investigação. Finalmente, observou que não era muito usual, em casos semelhantes, verificar-se o desaparecimento do frasco continente do veneno, mas admitia-se a possibilidade, sugerida pela enfermeira Craven, de a doente tê-lo recolocado na prateleira de onde o retirara, depois de lavá-lo. Cumpria agora ao júri tirar as suas conclusões e tomar uma decisão definitiva.

A sentença chegou ao cabo de um curto prazo: Mrs. Bárbara Franklin cometera suicídio, em virtude de um estado de demência temporário.

II

Meia hora depois, entrei no quarto de Poirot. Mostrava-se deveras exausto. Curtiss metera-o na cama e ministrara-lhe um estimulante.

Estava ansioso por que o criado nos deixasse a sós.

Quando finalmente este saiu, inquiri:

- Foi realmente verdade, Poirot... o que disse? Você viu, de facto, Mistress Franklin sair do laboratório com um frasco na mão?

Mal entreabrindo os lábios, murmurou:

- Você *não viu* isso, meu amigo?

- Não, não vi.

- Talvez não tivesse reparado, hem?

- Não, talvez não. Certamente que não posso jurar que ela não o trazia.

Fitei-o bem nos olhos e insisti:

- Você falou, realmente, verdade?

- Está a sugerir que menti?

- Bem... não acredito que você fosse capaz de cometer perjúrio...

Surdamente, Poirot retorquiu:

- Não seria perjúrio, porque não se tratou de um depoimento ajuramentado. Não prestei qualquer juramento.

- Nesse caso, foi uma mentira? Automaticamente o meu amigo replicou:

- O que disse, *mon ami,* está dito. Agora é desnecessário

discuti-lo.

- Não consigo percebê-lo - quase gritei.

- O quê que não percebe?

- O seu testemunho... toda essa história do terrível estado de depressão de Mistress Franklin, quando lhe relatou pretender suicidar-se.

- *Enfin,* você ouviu-a dizer coisas semelhantes, não é verdade?

- Sim, mas nunca tão peremptoriamente. Você *pretendeu* mesmo que a sentença fosse suicídio?

Antes de responder, Poirot fez uma pausa. Depois, disse:

- Penso que você, Hastings, ainda não se apercebeu da gravidade da situação. Sim, se você prefere, confesso que quis provocar uma decisão de suicídio.

- Mas não pensa que ela o tenha cometido, não é verdade?

Lentamente, Poirot abanou a cabeça.

- Pensa, portanto, que foi assassinada?

- Sim, Hastings. Foi assassinada.

- Nesse caso porque os forçou a pararem a investigação?

Ergueu as sobrancelhas, desalentado, e declarou:

- E admissível que você não possa discernir o motivo. Não interessa. Ponhamos isso de lado. Terá que aceitar a minha

conclusão de que foi homicídio premeditado, por um criminoso, não só astuto, mas também determinado a matar.

- E que vai fazer a seguir, para o caçar?

- Este caso está arrumado e rotulado: suicídio. Mas você e eu, Hastings, vamos prosseguir no nosso trabalho de sapa, como toupeiras. Mais tarde ou mais cedo, *apanharemos* X.

- Mas suponha que, entretanto, ele assassina mais alguém?

Poirot abanou a cabeça.

- Não penso nisso. A menos que alguém tenha visto qualquer coisa ou saiba qualquer coisa. Mas se assim fosse, já o teria declarado... não?

Capítulo XV

I

A minha memória é bastante vaga acerca dos acontecimentos que se sucederam imediatamente ao inquérito sobre a morte de Mrs. Franklin.

Houve um funeral a que compareceram inúmeras pessoas de St. Mary de Styles. A opinião geral entre os circunstantes era de que essa história de suicídio soava ligeiramente falso.

Como disse, recordo com pouca precisão esses dias que se seguiram ao arquivo do processo. A saúde de Poirot começava a preocupar-me muito e, certo dia, Curtiss, com a sua cara de pau, anunciou-me que o meu amigo sofrera novo ataque de coração.

Aconselhei-o a consultar um médico, mas Poirot insurgiu-se violentamente contra a minha sugestão. Depois de discutirmos o assunto, decidiu:

- Quando me sentir *verdadeiramente* mal, então chamarei um médico. De resto já consultei dois, no Egipto e... fiquei muito pior. Depois fui ver um especialista...

- Que disse ele? - interrompi ansioso. Poirot riu da minha preocupação e respondeu:

- Fez o que tinha a fazer e receitou-me o que tinha a receitar.

- Não quer, realmente, consultar esse especialista, uma outra vez?

Gentilmente, mas com real determinação, declarou:

- Este, meu caro Hastings, é o meu último caso... E o mais interessante, sob o aspecto criminal, X utiliza uma técnica soberba que o torna merecedor da minha admiração. Quase diria que operou tão habilmente que me derrotou, *mon cher.* Conseguiu desfechar um ataque para o qual não achei defesa.

- Se você estivesse com saúde... - condicionei, voltando à carga.

- Quantas vezes terei de repetir-lhe que, nesta luta, não necessito de fazer o menor esforço físico? protestou, quase irado. - Afirmo-lhe, Hastings, que o meu cérebro funciona perfeitamente. Continua, como dantes, de primeira classe.

- Isso *é* esplêndido - respondi, mas receio ter-me mostrado pouco crédulo.

Desci as escadas lentamente, duvidando das famosas faculdades do meu amigo. Pareciam debilitadas, em relação aos tempos antigos. Afinal de contas, verificara-se o homicídio frustrado... bem... se fora acidental, nem se poderia considerar homicídio; porém, do tiro do coronel Luttrell teria resultado uma morte, se não fosse a sorte circunstancial; verificara-se a morte de Mrs. Franklin que, graças à intervenção de Poirot, fora julgada suicídio, em vez de assassínio, como ele, de resto, afirmava. Quem mais se seguiria? Poderia estar assim tão certo da inacção do criminoso? E que faria... que poderes teria o meu amigo, para deter aquele, se se decidisse prosseguir na sua senda destruidora?

Praticamente, nada!

II

Foi no dia seguinte que Poirot me disse:

- Você, Hastings, ficaria muito mais feliz se eu consultasse um médico?

- Certamente que sim - assegurei-lhe.

- *Eh bien,* far-lhe-ei a vontade. Quero que Franklin me veja.

- Franklin? - estranhei.

- E médico, não é verdade?

- Indubitavelmente, mas não tem praticado, ultimamente. Tem-se dedicado quase exclusivamente às pesquisas científicas...

Fui chamá-lo e ficaram ambos muito tempo no quarto, a sós. Eu fora, discretamente, para o meu e aguardei o fim da consulta. Quando Franklin saiu, trouxe-o para o meu quarto e fechei a porta.

- Então? - sondei ansiosamente.

- É um homem notável - respondeu ele.

-Mas... e a saúde? Como é que o achou?

- A saúde? - Franklin pareceu surpreendido, como se eu mencionasse qualquer coisa de menor importância. - Ah! Um pouco gasto, evidentemente.

- E o coração?

- Sabe como é, naquela idade? Pode falhar de um momento para o outro.

- Portanto... *ele* sabe?

- Certamente que sim. Mas nunca se pode dizer *quando.* Naquela idade...

Mas que idade? Poirot não era tão velho como isso. Comecei a duvidar da competência de Franklin. Parecia que nem o tinha visto a sério.

- Que foi que lhe receitou? - interessei-me.

- Nada. Já tem consigo ampolas de nitrito de amilo, para o caso de sofrer novo ataque cardíaco. Segundo me disse, já teve alguns.

- E não se sente deprimido, nesse estado de morte iminente, isto é... podendo morrer de um momento para o outro, sem saber quando?

- Não vejo razão para tal. Todos temos de morrer, mais cedo ou mais tarde. Viver só interessa enquanto estamos sãos. Por isso lutamos por descobrir os meios de perservar a saúde. Quando começamos a estar cansados da vida e já a vivemos intensamente... um dia a mais ou a menos, pouco interessa.

Achei estranhíssima aquela maneira de pensar, da parte de um médico. Notei também que não apresentava o menor sinal de luto.

Enquanto pensava nisso, Franklin perguntou de chofre:

- Judith não se parece muito consigo, pois não?... Refiro-me à maneira de agir e sentir?

- Não. Suponho que não.

- Parece-se com a mãe?

- Também não - respondi, depois de pensar um pouco. - Cinders era uma mulher alegre, risonha. Não gostava de tomar nada muito a sério e tentava transformar-me... levar-me a ser como ela.

- Judith não ri muito. É uma jovem muito séria. Creio que trabalha de mais... e a culpa é minha...

Convencionalmente, comentei:

- O seu trabalho é muito interessante.

- Hem?

- Disse que o seu trabalho deve ser interessantíssimo - repeti.

- Só para uma meia dúzia de pessoas. Mas vou agora ter a minha grande oportunidade: o Ministério comunicou-me, hoje, que poderia partir quando quiser.

- Para África?

- Sim. É magnífico!

- Tão cedo?

- Como tão cedo? - admirou-se. - Ah, refere-se à morte de Bárbara? Porque não? Não seria sincero, se não confessasse que a

sua morte constituiu um grande alívio para mim.

- Mas recusou-se a ir para África, por causa dela, não foi verdade?

- Sim... na *verdade,* mais por razões financeiras. Não podia suportar a despesa de dois lares, compreende? Mas agora, a sorte bafejou-me.

Sorria-me como um rapazinho satisfeito com um programa de excursão.

Senti-me revoltado. Pensava que um homem a quem morresse a mulher dever-se-ia achar de coração despedaçado.

- E não o perturba o facto de sua mulher se ter suicidado? - sondei.

Olhou-me vagamente surpreendido e respondeu:

- Para falar francamente, não creio que se tenha suicidado. Não me parecia mulher para isso. Acho o facto muito estranho.

- Nesse caso, que pensa que se tenha passado?

- Não sei. Nem creio que queira saber, realmente, o que se passou.

Fiquei a olhar para ele, pasmado. Fitou-me com uma expressão dura e repetiu:

- Não quero saber. Não estou interessado nesse problema. Compreende?

Não compreendi... e não gostei.

III

Não sei quando notei que Norton tinha qualquer problema em mente.

Andava perplexo e mostrava uma estranha ausência, quando se falava com ele. Perguntei-lhe que diabo o preocupava e respondeu-me friamente.

- Nada.

Como insistisse, abriu-se comigo.

- Sabe, Hastings, devia ser simples uma pessoa considerar as coisas certas ou erradas. Mas, às vezes, somos envolvidos em problemas que não nos permitem actuar, por ignorarmos se fazemos bem ou mal. Está a compreender?

- Não muito bem - confessei.

- É difícil explicar. Suponha que abriu uma carta, por engano, e leu qualquer coisa privada, confidencial... Suponha que começou a ler, porque inicialmente pensou que a carta lhe era dirigida e só depois, pelo seu teor, compreendeu o erro... Pode acontecer, sabe?

- Sim, certamente.

- Suponha agora que vamos ter com essa pessoa e lhe dizemos: “Desculpe, mas abri a sua carta por engano...” Mas suponha que o conteúdo da mensagem é terrivelmente embaraçoso...

- Embaraçoso para essa outra pessoa?

- Sim. Gostaria de saber o que poderia fazer, nesse caso.

- Tente explicar-me isso em termos mais concretos - propus.

Lentamente, Norton disse:

- Suponha, por exemplo, que viu qualquer coisa por um buraco de fechadura...

Aquilo fez-me logo pensar em Poirot.

- ... e nunca poderia esperar ver o que viu prosseguiu ele.

Por momentos, analisei a sua expressão embaraçada e pressenti que se referia a qualquer coisa que me dizia respeito. Depois pensei que estivesse relacionada com Judith e Allerton.

Abruptamente, inquiri:

- Foi qualquer coisa que viu através do seu binóculo?

Olhou-me estupefacto e perguntou:

- Oh, Hastings. Como é que adivinhou?

- Isso passou-se naquele dia em que estávamos os dois na companhia de Miss Cole?

- Exactamente.

- Que foi que viu?

- Bem, foi qualquer coisa que não tencionava ver. Estava realmente a admirar um belo pica-pau e, subitamente, descobri outra coisa.

Calou-se, como que abafado por renascidos escrúpulos.

- Foi algo de muito importante?

- Receio que sim...

- Alguma coisa relacionada com a morte de Mistress Franklin? - inquiri, repentinamente inspirado.

- Como adivinhou? - indagou admirado. Depois, confusamente, titubeou:

- Não sei o que fazer.

Também me achava agora num dilema, entre a minha natural curiosidade e o desejo de não parecer curioso, nem pressionar a sua relutante reserva.

Tive então uma ideia brilhante.

- Porque não consulta a opinião de Poirot? - sugeri.

- Poirot?

Norton mostrava-se duvidoso.

- Sim. Peca-lhe um conselho.

- Bem - anuiu com dificuldade. - É uma ideia.

- Verá como ele respeitará a sua confidência. É muitíssimo discreto e você fica livre para seguir, ou não, o seu conselho.

- Isso é verdade - declarou Norton, aparentemente aliviado. - Sabe, Hastings? Creio que é exactamente isso que vou fazer.

IV

Poirot ficou pasmado quando lhe contei.

- Que está a dizer-me, Hastings?

Repeti-lhe a história.

- Norton disse-lhe que tinha visto qualquer coisa, no outro dia, através do binóculo e não quis contar-lhe, a si, o que era? - precisou Poirot.

- Exactamente.

O meu amigo agarrou-me o braço, com força e inquiriu:

- E não contou o que viu a mais ninguém?

- Creio que não. Direi mesmo que... estou certo de que não contou.

- Tenha cuidado, Hastings. É urgente... impedir que ele o diga a quem quer que seja. Se o fizer... é muito perigoso.

- Perigoso? - admirei-me.

- Terrivelmente perigoso.

O rosto de Poirot evidenciava grave preocupação.

- Veja se o convence a vir falar-me, esta noite. Como se tratasse de uma simples e amigável visita, compreende? Não permita que ninguém suspeite de que se trata de um encontro com fins especiais. E tenha cuidado, Hastings, muito cuidado. Quem foi que você disse que estava consigo, nesse momento?

- Elizabeth Cole.

- Teria ela notado qualquer coisa na sua atitude?

- É muito provável. Decerto que notou.

- Não diga nada desse assunto a ninguém, Hastings, ouviu? Absolutamente nada.

Capítulo XVI

I

Transmiti a Norton a mensagem de Poirot.

- Está bem - anuiu. - Irei vê-lo, mas sabe, Hastings? Lamento imenso ter falado nisto, mesmo a si, compreende?

- A propósito, falou nisso a mais alguém? sondei.

- Não, meu Deus! De maneira nenhuma.

- Está absolutamente certo?

- Nem uma palavra.

- Bem, não o faça, antes de falar com Poirot...

Notei-lhe uma ligeira hesitação na primeira negativa, mas na segunda, fora absolutamente firme. Apesar de tudo, não esqueceria aquela primeira hesitação.

II

Dirigi-me ao local onde ocorrera o incidente com o binóculo de Norton. Já lá estava outra pessoa: Elizabeth Cole. Ao pressentir-me virou a cabeça e, momentos depois dizia-me:

- Parece muito excitado, capitão Hastings. Sucedeu alguma coisa?

Tentei acalmar-me.

- Não. Nada aconteceu de especial. Falta-me um pouco o

fôlego por ter vindo a andar depressa.

Depois, para mostrar-me natural, servi-me de um lugar-comum:

- Creio que vai chover.

Ela olhou para o céu e confirmou:

- Sim, parece que não tarda.

Durante um minuto permanecemos silenciosos. Achava essa mulher extremamente simpática, para além de ser formosa. Desde que me relatara a tragédia da sua vida, senti despertar, em mim, um grande interesse por ela. Duas pessoas que já sofreram a infelicidade têm sempre qualquer coisa em comum, só que para ela, ainda podia haver Primavera. Impulsivamente, declarei:

- Bem longe de estar excitado, pelo contrário, sinto-me até bastante deprimido. Tive hoje más notícias acerca do meu querido amigo Poirot.

O interesse que manifestou convidou-me a contar-lhe a situação.

Quando terminei, admitiu:

- Se ele pode finar-se, de um momento para o outro, é natural a sua preocupação!

- Quando Poirot morrer, sentir-me-ei, realmente só, neste mundo.

- Oh, não - contrariou ela. - Tem ainda a sua filha Judith... e

os seus outros filhos.

- Os mais velhos - respondi -, estão espalhados pelo mundo... e Judith tem o seu trabalho e não precisa de mim.

- Sinto-me muito mais só, capitão Hastings. Tenho, na verdade, duas irmãs, mas uma está na América e a outra na Itália.

- Minha querida amiga - exortei. - A sua vida está ainda no princípio!

- Aos trinta e cinco anos?

- Que são trinta e cinco anos, Miss Cole? Quem me dera tê-los - acrescentei maliciosamente. - Não sou cego, sabe?

Ela olhou-me de relance e corou:

- Não sei a que se... Oh! Stephen Norton e eu somos apenas amigos. Nada mais.

- E nunca pensou em casar?

Elizabeth Cole tornou-se subitamente pálida e disse, gravemente:

- Como quer que tenha pensado nisso, com a minha história?... Com uma irmã assassina, se não louca?

- Não esteja obcecada com essa ideia. Pode não ser verdade.

- Como não?

- Lembre-se de que uma vez me disse: “Maggie não faria uma

coisa daquelas."

- Isso é o que senti...

- O que uma pessoa sente é muitas vezes verdade.

- Que quer dizer com isso? - interrogou, expectante.

- A sua irmã não matou seu pai - afirmei.

- Deve estar louco. Quem lhe contou isso?

- Não interessa. E a verdade. Um dia poderei provar-lhe.

III

Perto de casa, corri para Boyd Carrington.

- É o meu último dia em Styles - anunciou. Parto amanhã.

- Para Knatton?

- Sim. Espero vir a gostar de viver ali. Sinto, nesta casa... pairar sobre nós uma influência maligna. Primeiro deu-se o acidente com Mistress Luttrell. Depois... o que sucedeu à pobre Bárbara. Nunca me convencerei de que cometeu suicídio. Ela era sã de espírito e apenas se preocupava com o excessivo trabalho do marido. Não tinha a menor razão para fazer uma coisa daquelas... sem uma carta... sem mais nem menos... Sabe o que penso, Hastings?

- Não.

- Franklin foi o responsável pela sua morte. Se não a matou directamente, foi ele quem a levou a um acto desesperado... Mas

nem nisso acredito... Digo-lhe uma coisa que nunca referi a ninguém... Sinto que foi ele quem a assassinou.

- Não diga uma coisa dessas! - censurei.

- Não o afirmo. Disse-lhe unicamente que o "sentia". Mas não sou o único que pensa isso.

- Quem mais? - interessei-me.

- A enfermeira Craven. Nunca gostou dele. Pensei que, na realidade, ela devia saber, mais do que nós, o que se passava na vida íntima dos Franklin.

- Ela dorme cá esta noite - informou Boyd. Partiu depois do funeral, mas regressou, novamente.

Estranhei a razão desse regresso. Se não gostava de John Franklin...

- A enfermeira não tem o direito de caluniar o doutor Franklin - protestei. - Poirot foi absolutamente positivo quando testemunhou acerca do frasco que viu na mão de Mistress Bárbara...

Boyd Carrington interrompeu:

- Que significa um frasco, Hastings? As mulheres andam sempre com coisas dessas nas mãos. Perfumes, cremes, cosméticos, vernizes. O facto de ter sido vista com um frasco na mão não significa suicídio. Que disparate!

Calou-se à aproximação de Allerton.

Pensei como teria gostado que ele fosse o vilão da peça, mas achava-se afastado, na noite da morte de Bárbara. E que motivo poderia ter para agir dessa maneira?

Lembrei-me, depois, que X nunca tinha um *motivo.* Nisso residia a sua intangibilidade.

IV

Chegado a este ponto, devo sublinhar que nunca julgara possível que Poirot pudesse falhar. No conflito entre o meu amigo e X, nunca esperara que este levasse a melhor. A despeito da doença e fraqueza de Poirot, estava certo de que o meu amigo acabaria por triunfar. Contudo, subitamente, alarmei-me. Fora Poirot quem me inculcara a dúvida na mente, ao admitir: "Se algo me acontecer..." Recordei textualmente as suas palavras:

- Posso morrer de um momento para o outro. Sim, Hastings, não me interrompa, por favor. Quando o comandante morre, *man ami,* o seu subalterno deve substitui-lo.

- Como? - desesperei. - Se me acho completamente nas trevas?

- Tratei disso - assegurou ele, batendo na caixa onde estavam os recortes dos jornais. - Deixar-lhe-ei uma mensagem.

- Vai escrever-me todos os elementos? - perguntei ansioso.

- Não, meu amigo. O facto de você não saber o que sei, é o meio mais válido para a sua própria segurança. Indicar-lhe-ei o caminho, mas de maneira que, se X encontrar a mensagem, não poderá entendê-la. Só você será capaz de decifrá-la.

- Porque terá sempre uma mente tão tortuosa, Poirot? - critiquei.

- É a minha paixão, não é o que você pensa? Talvez! Mas esteja descansado que fornecerei todas as indicações que o conduzam à verdade.

Para Poirot, a vida desenrolava-se como uma peça de teatro: após a trágica apoteose, *cairia o pano.*

Tentei afastar aquela ideia do meu cérebro e fui jantar.

Capítulo XVII

I

A refeição foi bastante satisfatória, Mrs. Luttrell exteriorizava, novamente, a sua alegria artificial irlandesa; Franklin mostrava-se mais animado do que nunca e, pela primeira vez, vi a enfermeira Craven sem o seu austero uniforme. Era, decerto, uma mulher muito atraente, especialmente agora que se despojara da sua reserva profissional.

Depois do jantar, Mrs. Luttrell sugeriu, como habitualmente, uma partida de brídege, mas acabámos por jogar uma partida de cartas vulgar. Ao cabo de meia hora, Norton anunciou tencionar fazer uma pequena visita a Poirot.

- Boa ideia - aplaudiu Boyd Carrington. Tive de intervir rapidamente:

- Olhem que vão cansá-lo demasiadamente. Não deve receber mais do que uma pessoa de cada vez aconselhei.

Norton justificou-se.

- Vou apenas emprestar-lhe um livro sobre pássaros, que me pediu.

- Você volta? - interrogou Boyd Carrington, consultando-me com o olhar.

- Sim. Não me demoro.

Subi com Norton. Poirot estava à nossa espera. Depois de

trocar com ele umas breves palavras, tornei a descer e iniciámos nova partida de cartas.

Como Boyd estivesse, nessa noite, muito distraído, desculpou-se e abandonou a mesa, dirigindo-se para a janela. Voltou a ver-nos jogar, durante alguns minutos e, em seguida, retirou-se discretamente.

Fui deitar-me às onze menos um quarto e não quis incomodar Poirot que já devia estar a dormir. Sentia cada vez maior relutância em pensar no problema de Styles e, confesso, apenas desejava dormir... esquecer tudo aquilo. Lá fora, trovejava tempestuosamente.

Já dormitava, quando ouvi uma ligeira pancada na porta.

- Entre - convidei.

Como ninguém aparecesse, acendi a luz, levantei-me e fui espreitar.

Devia ter sido Norton, involuntariamente. Viu-o já ao fundo do corredor, em direcção ao quarto. Como de costume, envergava o seu horrível roupão de cores berrantes, o tufo do cabelo ainda mais espetado do que habitualmente e notei-lhe o característico arrastar da perna esquerda; parecia até que coxeava ligeiramente, o que, só agora, no longo plano do corredor, se tornava evidente. Entrou no quarto e ouvi-o nitidamente fechar a porta à chave.

Tornei a deitar-me mas, desta vez, custou-me a conciliar o sono, em virtude do contínuo ribombar dos trovões que já durava havia várias horas.

II

Antes de descer para o pequeno-almoço, fui ver Poirot.

Achei-o ainda deitado e notei-lhe profundos vincos de cansaço, no rosto.

- Como vai isso, meu amigo? - interessei-me. Sorriu-me pacientemente, e respondeu:

- Ainda existo, meu caro Hastings, ainda existo. Entrei logo no assunto:

- Norton contou-lhe, ontem à noite, que foi que vira naquela tarde?

- Sim.

- Que foi?

- Acho que é melhor não lho dizer, meu amigo. Para sua segurança.

- Não há direito, Poirot - protestei. - Que diabo se passou?

- Dir-lhe-ei apenas que Norton viu duas pessoas...

- Allerton e Judith - gritei. - Já o adivinhara, na altura.

- Não, Hastings, *não* eram Judith e Allerton.

- Diga-me, nesse caso, quem eram...?

- Hoje não. Só poderei dizer-lho amanhã.

Senti-me enfurecer, mas contive-me e inquiri:

- Isso ajuda a resolver o caso?

Poirot confirmou com um aceno de cabeça, e, fechando os olhos, anunciou:

- O caso está encerrado. Acabou. Falta unicamente ligar algumas pontas da meada, para tudo ficar plenamente esclarecido. Vá tomar o seu pequeno-almoço e, de caminho, mande-me cá Curtiss.

Fiz o que me pediu e desci as escadas. Estava ansioso por ver Norton.

Subconscientemente, não me sentia satisfeito. Porquê a constante reserva de Poirot em guardar segredo quanto à resolução do problema? Porquê a sua inexplicável tristeza? Qual a *verdade* de tudo aquilo?

Norton não descera para o pequeno-almoço.

Mais tarde, dei um passeio pelo jardim e notei que chovera copiosamente. Encontrei Boyd Carrington, que se mostrava, nessa manhã, deveras jovial e seguro de si. Parecia renovado.

- Ouviu a trovoada, ontem à noite? - perguntou-me.

- Quase me impediu de dormir decentemente respondi.

- Também a mim mas, mesmo assim, sinto-me hoje perfeitamente, como que aliviado. Já não tenho aquele peso em cima dos ombros...

- Onde está Norton? - interrompi, distraidamente, preocupado com a sua ausência.

- Naturalmente ainda não se levantou, o mandrião.

Erguemos simultaneamente os olhos para as janelas do seu quarto. Tinha ainda as portas interiores fechadas.

- E estranho. Ter-se-ão esquecido de acordá-lo? - comentei.

- Espero que não tenha adoecido. Vamos lá acima ver - propôs Boyd Carrington.

A criada de quartos explicou-nos que lhe batera à porta duas vezes, mas que ele não respondera. Fiz o mesmo, muito sonoramente, e gritei:

- Norton... Norton. Acorde.

Nada. O quarto estava imerso em completo silêncio.

III

Como não obtivéssemos a menor resposta, fomos procurar o coronel Luttrell.

Escutou-nos, vagamente alarmado e puxando as guias do bigode. Momentos depois, Mrs. Luttrell foi inteirada da situação e não hesitou em tomar uma decisão:

- Temos de abrir essa porta, de qualquer maneira. É a única coisa a fazer.

Pela segunda vez na minha vida, assisti ao arrombamento de

uma porta, naquela assombrada mansão de Styles. For detrás dessa porta, fechada à chave, deparei com o mesmo facto que me chocara, muitos anos antes, quando do primeiro caso de Poirot, em Inglaterra: *Morte por Violência.*

Norton estava deitado na cama, ainda envergando o seu roupão colorido. A chave da porta achava-se dentro de um dos seus bolsos. Na mão, empunhava ainda uma pequena pistola, quase um brinquedo, mas capaz de cumprir a sua missão. Mesmo no centro da testa, um orifício.

Aquele ferimento de bala, tão simetricamente produzido no centro da fronte, queria indicar-me qualquer coisa... Mas o quê?

Estava demasiado cansado para conseguir lembrar-me.

Corri ao quarto de Poirot e ele leu o sinistro, no meu rosto.

- Que aconteceu? - inquiriu rapidamente. Norton?

- Morto - respondi.

- Como? Quando?

Em breves palavras contei-lhe a nossa descoberta. Terminei, declarando:

- Todos dizem tratar-se de suicídio. Que outra teoria podem formular? A porta estava fechada à chave. Esta encontrava-se dentro de uma das suas algibeiras. Eu próprio o vi, ontem à noite entrar no quarto e ouvi-o, distintamente, fechar a porta à chave. Mas porquê, cos diabos?

- Viu-o?... Afirma que o viu, Hastings, ontem à noite, fechar-

se no quarto?

Expliquei o que sucedera, após ter ouvido a pancada acidental na porta.

- Está certo de que era Norton?

- Certamente. Reconheço à légua aquele horrível roupão furta-cores.

Num instante, Poirot, tornou-se igual ao que fora sempre.

- Oh, Hastings! Mas é um *homem* que você tem de identificar! Não um roupão. *Ma foi!* Qualquer um pode envergar um roupão de outra pessoa.

- Isso é verdade - concordei, embora ligeiramente irritado. - Mas também o vi arrastar a perna...

- Ora, Deus! - protestou Poirot. - Qualquer um pode coxear. Até eu coxeio! *Mon Dieu!* Não há nada mais fácil do que imitar um coxo.

Fitei-o abismado.

- Quer dizer que *não foi* Norton quem eu vi?

- Não estou a sugerir isso, positivamente. Meramente, aponto não haver a mínima razão científica para que possa concluir que se tenha tratado, efectivamente, indubitavelmente, de Norton. Mas não digo que não tenha sido ele. De resto, note: qualquer outra pessoa, nesta casa, é mais alta do que ele. *Enfin,* você pode, pelo menos distinguir-lhe a altura?

Confirmei, com a cabeça.

- *Tout de même* - prosseguiu ele. - Há-de concordar que é muito estranho o homem ter ido para o quarto, ter *fechado a porta* à chave, para, no dia seguinte, terem de arrombá-la e encontrá-lo com a pistolinha na mão e um furo mesmo ao meio da fronte.

- Portanto, não acredita que se tenha suicidado? Poirot abanou lentamente a cabeça.

- Não. Norton não se matou. Foi assassinado *deliberadamente.*

IV

Desci as escadas completamente confuso. O facto era tão inexplicável que não conseguia conciliar as ideias racionalmente.

Ao mesmo tempo, aquilo parecia-me lógico. Mas Norton fora morto, porquê? Para impedi-lo de contar o que vira?

Mas ele confiara esse segredo a outra pessoa...

E essa pessoa estava agora não só em perigo, mas totalmente indefesa.

Eu *devia* ter previsto...

Devia ter adivinhado o que iria forçosamente suceder. ..

"Cher ami" foram as últimas palavras com que Poirot se despedira de mim, quando o deixei no quarto.

Foram mesmo as últimas palavras que o ouvi pronunciar. Quando Curtiss entrou para cuidar dele, encontrou-o morto...

Capítulo XVIII

I

Não quero escrever acerca do assunto.

Desejo pensar o menos possível nesse facto. Com a morte de Poirot, morrera grande parte de Arthur Hastings.

Concluíram que morrera de *morte natural*. Diagnosticaram "ataque cardíaco". Fora também o que Franklin já dissera. Sem dúvida que o choque produzido pela morte de Norton contribuíra para aquele infeliz desenlace.

Caíra o pano sobre o "último acto" da vida do meu amigo.

Contudo, por uma razão inexplicável, não se encontraram as ampolas de nitrito de amilo, junto da sua cama.

Teria alguém, deliberadamente, retirado o medicamento?

Não. Devia haver mais qualquer coisa, além disso. X não poderia prever o momento do ataque cardíaco.

Pela minha parte, não podia acreditar que a morte de Poirot tivesse sido devida a causas naturais. Fora certamente assassinado, tal como Norton, tal como Bárbara, tal como todos os outros que eu não conhecera...

E eu não sabia porque tinham sido mortos... não sabia quem os tinha assassinado.

O inquérito sobre a morte de Norton resultara numa conclusão de suicídio, embora o médico-legista declarasse,

peremptoriamente, ter estranhado a localização do ferimento, aberto mesmo no meio da testa. Nunca tal se deparara nos anais criminológicos, em casos de suicídio. Geralmente os suicidas visam a têmpora ou o céu da boca. Mas só surgiu essa sombra de dúvida.Tudo o resto era claro: a porta fechada à chave; a chave na algibeira do morto. Que outra coisa poderia ter sido?

Norton queixara-se de dores de cabeça, de preocupações, e declara que os seus últimos investimentos tinham sido desastrosos. Não estava pobre, mas há quem desmoralize por ter perdido algum dinheiro. Seria o caso? Se o fosse, havia um motivo... mas bem fraco para levar um homem são ao suicídio!

Aparentemente, a pistola era sua. A criada de quarto já a vira, por duas vezes, sobre a mesinha-de-cabeceira, durante a sua estada em Styles.

Aí estava eu perante um novo caso de assassínio, perfeitamente planeado e praticado, sem a mínima alternativa de solução.

Naquele duelo entre Poirot e X... X tinha saído vencedor.

Soava agora a minha vez.

Fui ao quarto de Poirot e trouxe comigo a caixa dos recortes.

Sabia que me tinha nomeado executor das suas vontades, portanto, tinha todo o direito de fazê-lo. Retirei-lhe do pescoço a chave, fui para o meu quarto, fechei a porta e abri a caixa.

Sofri então o meu primeiro desapontamento: *a pasta que continha os casos de X desaparecera.* Ora, eu tinha-a visto na

véspera, quando Poirot abrira a caixa na minha presença. Isso era a prova de que X já entrara em acção.

Porém, a caixa não estava vazia. Lembrei-me de que Poirot me avisara: deixar-me-ia indicações que X não poderia entender. Que indicações eram essas?

Encontrei um exemplar, em brochura barata, da tragédia *Otelo,* de Shakespeare. O outro livro era a peça teatral *John Fergueson,* de St. John Ervine. Tinha um marcador inserido no terceiro acto.

Examinei os livros em vão. Eram as pistas que Poirot me legava e nada significavam para mim.

Que diabo *poderiam* significar?

Pensei num código, baseado nessas peças, mas desconhecia-lhe a chave da cifra. Li todo o terceiro acto e admirei a cena em que Clutie John fala, terminando com a perseguição que o mais jovem dos Fergueson move ao homem que enganara sua irmã. Contudo, nada descobri de especial e certamente que Poirot não me legara o livro unicamente para que eu ampliasse os meus conhecimentos de língua inglesa, nem incrementasse o gosto pela literatura. Ao fechar o livro, encontrei uma pequena tira de papel, onde se lia, escrito pelo punho de Poirot, a seguinte mensagem:

"Fale com o meu criado George."

Já era alguma coisa. Possivelmente, a chave do código achava-se em poder de George. Tinha de descobrir-lhe a direcção e procurá-lo.

Mas, primeiro, teria de tratar do enterro do meu amigo.

Ficou sepultado na terra onde vivera, quando, pela primeira vez, estivera em Inglaterra.

Durante esses dias, Judith mostrou-se muito atenciosa, carinhosa mesmo. Elizabeth Cole e Boyd Carrington também se mostraram extremamente gentis e simpáticos.

Com surpresa minha, Elizabeth não ficara de forma alguma afectada pela morte de Norton.

E, desta maneira, tudo acabou.

II

Sim, tenho de registar isto. Quando o funeral terminou, sentei-me junto de Judith, tentando fazer planos para o futuro. Foi então que ela me anunciou:

- Mas, pai, *já não estarei cá.*

- Também não tenciono permanecer aqui - esclareci.

- *E que não estarei na Inglaterra.* Fitei-a, admirado, e Judith explicou:

- Não quis tornar as coisas ainda piores para si e, por isso, nada lhe disse; espero que não se importe muito... Mas vou para África, com o doutor Franklin.

Tentei dissuadi-la e deixou-me falar até ao fim, esgotando todos os argumentos reprovativos, com a impropriedade de um emprego de assistente num clima hostil, tive de ouvi-la:

- Mas, meu querido pai, não vou como assistente; vou como sua mulher.

O meu espanto redobrou e observei:

- Não podes casar com Franklin, tão cedo.

- Posso, sim. Não há nada real que no-lo possa impedir.

Judith e Franklin. Não se tratara, pois, de Allerton.

Judith e Franklin. Subitamente, um terrível pensamento atravessou-me o espírito; Judith com um frasco na mão; Judith na sua voz apaixonada, declarando que a vida dos inúteis deveria ser sacrificada aos que são úteis à comunidade.

A Judith que eu e Poirot amávamos! Por isso Poirot inventara a história do suicídio, para protegê-la... e Franklin, provavelmente, seria o estranho homem que a influenciara a cometer o crime... e que poderia continuar a matar e a matar!

Poirot quisera consultar Franklin, sobre a sua doença. Porquê? Que lhe teria dito, nessa manhã?

Contudo, imediatamente, a ideia pareceu-me mostruosa, impossível de aceitar. A minha querida, a minha tão séria Judith não poderia ter feito uma coisa daquelas.

Seria toda a história de X uma invenção de Poirot? Um produto da sua fertilíssima imaginação? Seria por isso que se negara a prestar-me qualquer informação?

Ou estaria, efectivamente, Judith no coração da tragédia?

Otelo! Seria essa a chave do mistério?

Tal como alguém dissera na noite em que eu tivera esse livro nas mãos, na noite em que Mrs. Franklin fora assassinada, Judith cortaria a cabeça de Holofernes... como Salome, com a morte no coração.

Capítulo XIX

Estou a escrever isto em Eastbourne.

Vim até cá para falar com George, antigo criado de Poirot.

George esteve ao seu serviço durante muitos anos. Era um mordomo competentíssimo, totalmente desprovido de imaginação. Cumprira sempre todas as indicações, à letra, e dava a cada coisa o seu devido valor.

Dei-lhe a notícia da morte de Poirot e ele ficou deveras desgostoso. Finalmente indaguei:

- O meu amigo deixou-lhe alguma mensagem para mim?

George respondeu prontamente:

- Não! Não recebi nada.

Fiquei surpreendido, mas decidi sondar melhor a questão:

- Foi confusão minha, decerto. Porque quis separar-se do seu antigo patrão? Pessoalmente, teria gostado que você permanecesse junto dele, até ao seu último momento.

- Também eu, senhor.

- Suponho que foi a doença de seu pai que o forçou a separar-se do meu amigo, não?

- Desculpe, senhor, mas não sei de que está a falar.

- Não foi para vir fazer companhia a seu pai que abandonou o serviço de Poirot?

- Eu não queria separar-me dele, senhor. Foi Mister Poirot quem me mandou embora.

- Despediu-o? - espantei-me.

- Bem, não expressaria o facto nesses termos. Digamos antes que dispensou os meus serviços, muito gentilmente. Declarou-me tratar-se de uma situação temporária e que, em breve, regressaria ao seu serviço. Mas, durante todo este tempo, em que, por sua sugestão, fiz companhia a meu pai, pagou-me sempre uma muito generosa remuneração.

- Mas porquê, George, porquê?

- Não poderei esclarecê-lo, senhor. Nunca mo disse.

- Não lhe perguntou?

- Não, senhor. Na minha posição, não me competia fazer perguntas. Era um homem muito inteligente e sempre o considerei com o maior respeito.

- Pois, pois - murmurei abstractamente.

- Um *cavalheiro,* peculiarmente cuidadoso com as suas roupas; por vezes, aparentemente exótico, por ser estrangeiro; também muito escrupuloso com o aspecto do cabelo, do bigode...

"Os seus famosos bigodes!", comentei interiormente, lembrando-me do grande orgulho que tinha nesse ornamento piloso.

- Era particularmente exigente com o seu bigode. Não seria

muito elegante a maneira como o usava, mas condizia com *ele,* não sei se me faço entender, senhor?

Delicadamente, perguntei a George:

- Suponho que o tingia, tal como o cabelo, não?

- Sim... dava um ligeiro toque no bigode, mas não no cabelo... não nos últimos anos.

- Pode lá ser! - estranhei. - Era negro como asa de corvo. Até parecia um chino.

George entreolhou-me e redarguiu apologeticamente:

- Desculpe, senhor, mas era mesmo um postiço.

Considerei que um criado de quarto deve conhecer melhor o patrão, que o seu mais íntimo amigo. Voltei ao assunto que me desnorteara:

- Não faz realmente ideia, George, do motivo que levou Mister Poirot a dispensar os seus serviços? Pense, por favor... *pense* lá.

Após uns segundos de meditação, respondeu:

- Posso unicamente sugerir, senhor, que a razão do meu afastamento foi ter Mister Poirot desejado contratar Curtiss.

- Curtiss? Para que diabo quereria ele contratar os serviços de Curtiss?

George mostrou-se embaraçado.

- Bem, senhor, na verdade, não sei dizê-lo. Se me permite

uma observação, ousaria dizer que Curtiss não me pareceu um espécimen particularmente brilhante. Era realmente forte, fisicamente, mas custa-me a considerá-lo da classe que Mister Poirot gostaria de ter ao seu serviço. Fora enfermeiro num sanatório psiquiátrico, salvo erro.

Fitei-o assombrado.

Curtiss!

Teria sido por essa razão que Poirot se negara a dar-me informações precisas? Curtiss, o homem de quem eu nunca suspeitara! Sim. Aquilo era mesmo dele! Lançara-me na pista de hóspedes de Styles quando o misterioso X *não era nenhum hóspede.*

Curtiss, enfermeiro de alienados! Lembrei-me de que, muitas vezes, alguns pacientes de asilos psiquiátricos tornam-se assistentes, junto de outros doentes, quando registam notórias melhoras.

Que estupidez! Conservar junto de si um homem que podia matá-lo, em qualquer ocasião! Porquê? Para quê, meu Deus?

Foi como se uma grande nuvem desassombrasse o meu espírito.

Curtiss!

Epílogo

Nota: *O manuscrito seguinte entrou na minha posse, quatro meses depois da morte do meu amigo Hercule Poirot. Recebi uma comunicação de uma firma de advogados, solicitando-me que entrasse em contacto com o seu escritório. De acordo com as instruções do seu cliente, o falecido M. Hercule Poirot, iriam enviar-me um sobrescrito lacrado. Aqui passo a reproduzir o seu conteúdo.*

Capitão Arthur Hastings

Manuscrito redigido por Hercule Poirot:

Mon cher ami, ”

Já deverei estar morto, há quatro meses, quando ler estas palavras. Longamente debati, com a minha consciência, se deveria ou não escrever o que aqui relato. Decidi, finalmente, que é necessário que alguém saiba a verdade acerca do segundo affaire Styles. Também porque conjecturo que, quando este meu escrito lhe chegar às mãos, estará envolvido nas mais absurdas teorias e, possivelmente, preocupado com elas.

Mas deixe-me que lhe diga: devia ter sido capaz, mon ami, de desvendar facilmente a verdade. Creio ter-lhe já fornecido todas as indicações necessárias para a solução do mistério. Se não o conseguiu, foi porque, como sempre, você é de uma natureza pura e confiante. A la fin, comme au commencement.

Pelo menos deveria ter descoberto quem matou Norton... mesmo que permanecesse na escuridão quanto ao assassínio de Bárbara Franklin. Este último poderá chocá-lo.

Como sabe, comecei por mandar chamá-lo com o argumento de que precisava de si. Era verdade. Necessitava que se tornasse os meus ouvidos e os meus olhos. Também é verdade, mas não no sentido que pensa. Precisava que visse o que eu queria que visse e ouvisse o que eu queria que ouvisse.

Queixou-se-me, frequentemente, cher ami, que eu não era desportivo na minha apresentação do caso. Recusei-me a transmitir-lhe o que sabia, isto é, neguei-me a desvendar-lhe a identidade de X. Tive de fazê-lo, não pelas razões que lhe expus, mas por outras, verá agora o motivo real dessa minha aparente deslealdade.

E analisemos, primeiramente, a questão de X.

Mostrei-lhe um resumo dos vários casos e apontei-Ihe o facto de, em cada um deles, separadamente, a pessoa acusada ou suspeita de ter cometido os crimes hão ter tido outra alternativa, quanto à solução.

Indigitei-lhe ainda o segundo facto importante: em cada caso, X tinha estado presente na cena do crime, ou proximamente envolvido nela.

Então você lançou-se numa dedução que, paradokalmente, era verdadeira e falsa, ao mesmo tempo: Concluiu que X cometera todos os crimes.

Mas, meu caro amigo, as circunstâncias eram tais Ique, em cada caso (ou em quase todos), só o acusado poderia ter cometido o homicídio. Por outro lado, se assim era, como atribuí-los a X? Com exclusão de uma pessoa relacionada com a Polícia ou com

uma firma de advogados criminais, não peria razoável que alguém, homem ou mulher, pudesse estar envolvido em cinco casos de assassínio. Não, mon ami, isso não seria possível. Portanto atingimos o curioso resultado de depararmos com um caso de catálise: uma reacção entre duas substâncias que apenas se opera na presença de uma terceira substância, não participando esta terceira substância, aparentemente, nessa reacção e mantendo-se inalterável. sso significa que os crimes apenas se verificavam, quando X estava presente, porém nunca participando neles activamente. Uma situação extraordinariamente anormal! Eis que enfrentava, no fim da minha carreira, o criminoso perfeito, o criminoso que inventou uma tal técnica que jamais poderia ser acusado de crime.

Empolgante, mas não situação nova. Teve paralelas. E aqui se insere a primeira das pistas que lhe deixei: a peça Otelo. Nela vamos achar, magnificamente delineado, o modelo original de X: lago, o assassino perfeito. As mortes de Desdémona, de Cassio e do próprio Otelo, podem ser-lhe atribuídas, por tê-las planeado e a elas instigado o executor.

E ele permanece fora do círculo, intocável pela suspeita... ou, pelo menos, podê-lo-ia ter conseguido. Pois o seu grande Shakespeare, meu amigo, achou-se perante o dilema que a arte lhe impunha: ou mantinha a impunidade de lago, o que seria imoral, ou servir-se-ia - como fez - de um expediente grosseiro, materializado por um lenço; uma prova material forjada de improviso, pelo autor, inadequada à técnica do personagem que, só por esse meio, pôde ser inculpado.

Sim, foi aí atingida a perfeição na arte do assassínio, pois nem sequer surge uma sugestão directa, na instigação ao crime.

Sistematicamente ele aconselha os outros a evitarem a violência, refutando e condenando as suspeitas que ninguém teria tido, se não viesse, intencionalmente, levantar com o seu conselho a repulsa.

Esta mesma técnica se nos depara no brilhante terceiro acto de John Fergueson, em que St. John Ervine coloca a sua personagem, a meio jocosa figura de Clutie John, induzindo os outros a matarem o homem que ele próprio odeia. Em cada um deles desponta, de quando em quando, o desejo de matar, não, a vontade de matar. E há uma vala abissal entre desejar e querer. Para transpô-la, o homem precisa de um maior estímulo, de uma instigação.

Quantas vezes não temos ouvido alguém dizer: "Desesperou-me de tal maneira, fiquei tão furioso, que estive prestes a matá-lo!" "Podia tê-lo morto, só por ouvi-lo dizer aquilo!" "Estava tão exasperado que devia tê-lo morto!" Ora todas estas declarações são literalmente verdadeiras, porque a mente deseja claramente matar. Só que não o faz. Falta ao desejo a decisão.

A arte de X não residia em sugerir o desejo, mas sim em quebrar a resistência moral, natural. Aperfeiçoou-se nessa arte, ao cabo de longa prática, e conhecia a palavra exacta, a frase necessária, a intonação eficiente para avolumar a pressão sobre o espírito previamente revoltado. Isto era executado, sem que a pessoa o suspeitasse. Não se tratava de hipnotismo, mas de algo mais insidioso, mais mortal; era o apelo ao que o homem tem de melhor para que actuasse em aliança com o pior.

Você, Hastings, devia sabê-lo, porque lhe aconteceu a si mesmo.

Talvez agora consiga perceber algumas das observações que lhe fiz e que tanto o confundiram e aborreceram. Quando lhe dizia que "será cometido um crime" não me referia ao mesmo crime em que você pensava. Anunciei-lhe que estava em Styles, com um propósito determinado, e que um crime seria aí comeItido. Você admirou-se da minha certeza, quanto a esse facto futuro. Ora, eu tinha-a, porque era eu, exactamente, quem ia cometer o crime. E..... Sim, meu amigo, é uma situação simultaneamente irisível e terrível. Eu que sempre defendi a vida humana e combati o Crime ia terminar a minha carreira perpetrando um, talvez em consequência de demasiada rectidão, de excesso de sentido do dever. A verdade é que dediquei toda a minha vida a tentar evitar o Crime e acabara por enfrentar um caso em que matar seria a única forma viável de obstar à continuação de uma série letal.

Mesmo assim estava relutante. Sabia o que devia ser feito e como, mas não conseguia atingir o ponto de decisão. Foi então que ocorreu o atentado contra Mrs. Luttrell. Foi realmente uma tentativa de assassínio, um homicídio frustrado, seguido de imediato e sentido arrependimento. E você, dessa vez, esteve muito próximo da solução: desconfiou de Norton. Você fez então uma observação deveras significativa, quando me relatou a necessidade de Norton procurar impressionar os outros, em vão, e da repulsa que lhe causara ver um coelho morto, quando andava na escola, não podendo ver sangue. Penso que aquele incidente, na sua juventude, o deve ter impressionado e marcado para sempre. Abominava o sangue e a violência e isso contribuíra para o desprestígio. Subconscientemente, necessitava de redimir-se dessa inferioridade, provocando violência e sangue.

Sabia ouvir e era simpático. Descobriu ter o poder de

influenciar os outros, sem que disso se apercebessem. Descobriu como era ridiculamente fácil levar os outros a agir de acordo com as suas sugestões. Bastava-lhe compreendê-los, penetrar-lhes o pensamento, adivinhar-lhes os desejos e as reacções, os instintos secretos.

Norton, que toda a gente estimava e ao mesmo tempo desprezava, por insignificante, tinha o poder de fazer os outros praticarem o que não queriam, ou (note bem isto, Hastings) pensarem que tinham feito o que efectivamente não tinham.

Esse poder transformou-se numa paixão que se tornou necessidade e cresceu, avolumou-se no seu íntimo ao ponto de dominá-lo como uma droga, um ópio de que já não podia privar-se.

Norton, de natureza gentil, era um sádico secreto. L'appelit vient en mangeant.

Precisava de nutrir-se da luxúria do sadismo e da luxúria do poder: Tinha a chave da vida e da morte. Deliciava-se com o sabor da tragédia por ele próprio condimentada. A sua droga eram as suas vítimas. Achou uma após outra, provavelmente muito mais do que cinco. Em todos os seus crimes, desempenhou o mesmo papel sempre à parte, aparentemente secundário; na realidade, principal.

Conheceu Etherington. Permaneceu uma época estival na aldeia em que Riggs vivia e costumava beber com ele, numa taverna local. Relacionou-se com Freda Clay, durante um cruzeiro marítimo, e encorajou-a na ideia de que desembaraçar-se da sua velha tia trá-lhe-ia não só a liberdade, mas a riqueza. Era amigo dos Litchfield e induziu no espírito de Margaret a convicção Ide

que seria uma heroína, se salvasse o futuro das irmãs em troca de uma condenação à prisão perpétua.

Ora eu, meu caro Hastings, não acredito que nenhuma destas pessoas agisse como agiu, se não fosse a influência de Norton.

E, desta maneira, chegamos aos acontecimentos de Styles. Havia algum tempo que eu andava na pista de Norton. Quando travou relações com os Franklin, pressenti o perigo, imediatamente. Franklin oferecia a Norton magníficas possibilidades: estava apaixonado por Judith e esta por ele; contudo, era um homem de forte carácter e grande rectidão de princípios. Quando os descobriu no canteiro das rosas e percebeu que você pensava tratar-se de AlIlerton, cortejando sua filha, porque ela lhe tolerava uma corte inconsequente, achou-se em ambiente propício à realização dos seus desígnios. Como a absorção de Franklin pelo seu trabalho o tornava praticamente alheado do resto do mundo e, portanto, quase invulnerável, virou-se para Judith. Desafiou-lhe o orgulho e a coragem.

Lembra-se de quando lhe disse, sarcasticamente: "Isso são coisas que os jovens proclamam, mas são incapazes de praticar"? E realçou a inutilidade da vida de Bárbara, prejudicando a felicidade dos outros: do marido e de Judith.

Veja se se recorda, Hastings, no caso dos Luttrell, quando, na primeira noite em Styles, você jogava brídege com eles. Norton fez-lhe algumas observações em voz baixa, que você receou que o coronel tivesse podido ouvir. Ora Norton não as fizera inabilmente, mas intencionalmente, para que ele as ouvisse e o influenciassem.

Mais tarde, declarando sentir sede, após o passeio ao sol,

induz o coronel a oferecer umas bebidas. Vocês testemunham a cena, através da janela, quando Mrs. Luttrell se opõe à oferta. Toda a perturbação de Norton foi, depois, simulada, para avolumar a humilhação do velho militar.

Recorda-se daquela história que Boyd Carrington contou do impedido irlandês que matara o próprio irmão? Pois, na sua distracção proverbial, Sir William esquecera-se de que fora exactamente Norton quem lha contaral E como vê, mais uma vez, a sugestão não pareceu provir de Norton. Mom Dieul

Tudo foi por ele estabelecido: o efeito acumulativo e o ponto de fractura. O coronel Luttrell desespera-se e desabafa: "Hei-de mostrar-lhe!... Quem dera que ela morresse!... Ainda acabo por matá-la!"

Não a matou e, meu caro Hastings, estou convencido que falhou, porque quis falhar. Foi o Diabo quem ficou desfeiteado. Eis pois, um dos crimes que Norton não conseguiu ultimar.

Allerton era o género de homem que você detestava: o tipo de pessoa que você pensava dever ser abolido de uma sociedade. Norton conta-lhe uma história a seu respeito, de resto verdadeira, que o levou a si, Hastings, ao ponto de fractura. Para que você não recusasse, Norton induziu Boyd Carrington a dar-lhe uma achega: adverte-o do perigo, fraternalmente.

Judith dirige-se, certa noite, ao laboratório. Você começa a segui-la. Mostrando-se sempre virtuoso, Norton convence-o a si de que a moça que Allerton beija e depois conduz à casa de Verão é Judith, só porque ela usou, nesse dia, um vestido branco. Você não a ouviu falar. Só ouviu a voz de Allerton. Pensou que Judith

iria no dia seguinte para Londres com o miserável conquistador e dispôs-se a matar. Francamente, Hastings, tudo isso aconteceu porque você estava incapaz de raciocinar a frio, de admitir outra hipótese que não fosse a que o obcecava. Não conseguiu lembrar-se de que havia nessa casa, mais alguém vestida de branco...sempre vestida de branco: a enfermeira Craven. Se, acidentalmente, por desporto, Allerton cortejava Judith, que lhe aceitava o jogo, por mera distracção, como é usual entre moças da actual geração, a verdade era que as relações entre ele e a enfermeira Craven estavam muito mais avançadas... muitíssimo mais do que você poderia imaginar.

Na realidade, Norton surpreendera uma conversa entre Allerton e a enfermeira, tomando então conhecimento de que iriam encontrar-se, nessa noite, na casa de Verão. Isso bastou-lhe para induzi-lo, a si, na presunção de que Judith seria a cúmplice... a vítima.

A sua reacção, meu amigo, foi imediata. Mentalmente, decidiu-se a matar.

Felizmente para si, Hastings, você tinha ali um amigo cujos miolos ainda funcionavam. E não apenas os miolos!

Tive já ocasião de dizer-lhe que você seria incapaz de desvendar a verdade, por possuir uma natureza demasido crédula. Acredita no que lhe dizem. Acreditou no que eu lhe disse... Pois ser-lhe-ia bem fácil ter resolvido sozinho o problema.

Por que razão teria eu despedido George?

Substituí-o por um criado menos experiente e notoriamente menos inteligente do que ele... Porquê?

E por que razão não estava eu a ser assistido por um médico... eu que sempre me mostrara tão preocupado com a minha saúde?... Porquê? Por que diabo não desejava ser visto por nenhum médico experiente?... Porquê?

Compreende agora por que razão precisava de si em Styles? Tinha de utilizar alguém que aceitasse tudo quanto eu dissesse, sem qualquer dúvida. Você acreditou que eu regressara do Egipto muito pior do que quando para lá partira. Ora, acontece que vim muito melhor. Se se tivesse dado ao trabalho de perguntar a outras pessoas que me conhecem e que estiveram comigo antes de eu vir para Styles, teria obtido a confirmação desse facto.

Tive de afastar George, porque ele não acreditaria nesta minha súbita recaída que perceberia ser simulada. Ele é muito perspicaz quanto ao que observa e concluiria que a minha apregoada enfermidade não passava de um fingimento.

Está a compreender, Hastings'? Durante todo o tempo em que desempenhei o papel de artrítico, semiparalítico, coxo, cardíaco, precisei de um tipo como Curtiss, nada arguto, para carregar-me de um lado para o outro.

Ora eu estava absolutamente apto a andar e de muito mais coisas, incluindo fingir que coxeava, ou que simplesmente arrastava um pouco uma perna, percebe?

Naquela noite, ouvi-o subir a escada e hesitar à porta do meu quarto; em seguida, dirigir-se ao de Allerton. Fiquei imediatamente alerta.

Curtiss fora cear. Saí do quarto e, da maneira que você tanto deplora, espreitei pelo buraco da fechadura. O que advinhara do

seu estado de espírito confirmou-se. Como deve lembrar-se, a chave não ficara na fechadura. Vi-o mexer no frasco das cápsulas soporíferas e compreendi as suas intenções.

Por isso, meu amigo, agi. Regressei ao quarto e preparei o meu golpe. Mal Curtiss chegou, pedi-lhe que fosse chamá-lo. Você começou a desculpar-se com dores de cabeça e aterrorizei-o com remédios. Acabou por aceitar uma chávena do meu chocolate e, a fim de despachar-se e poder ir para o seu quarto, bebeu-o de um trago. Nem lhe notou um gosto invulgar.

Ora, meu amigo, eu também tinha cápsulas soporíferas.

Dessa maneira, dormiu até à manhã seguinte e, quando acordou, já mais consciente, ficou horrorizado com o que estivera prestes a fazer.

Salvei-o e isso decidiu-me a executar aquilo para que viera a Styles. Você, Hastings, não é um assassino, mas seria enforcado por um assassínio cometido por influência de outrem e todos considerá-lo-iam culpado.

Você, meu bom, meu consciencioso, meu inocente amigo!

Tinha de actuar e não me restava muito tempo para fazê-lo. Receei o que Norton poderia manobrar em relação a Judith...

E foi então que Bárbara Franklin morreu.

Quaisquer que tenham sido as suas ideias acerca desta morte, não creio que tenha descoberto a verdade.

Para que saiba, Hastings, digo-lhe agora que você matou

Bárbara Franklin. Mais oui, mon ami!

Havia um outro ângulo do problema que eu não tinha analisado. Só mais tarde desvendei.

O ângulo de interesse de Mrs. Franklin.

Passou-lhe alguma vez pela cabeça, Hastings, a razão que teria levado Bárbara a vir para Styles? Ela gostava de conforto, boa comida e contactos sociais. Era extremamente ambiciosa, não só socialmente, mas também financeiramente e casara com John Franklin porque esperava, como toda a gente, que ele tivesse na sua frente uma brilhante carreka. Ora o Dr. Franklin era realmente brilhante, mas não da maneira que ela o desejara. Não granjeara a fama de um médico da moda e as suas pesquisas científicas não lhe proporcionavam uma apreciável riqueza.

Porém, enquanto decorriam as obras de Knatton, Boyd Carrington, recém-chegado do Oriente, herdando uma baronia e uma considerável fortuna, instalara-se em Styles, cuja mansão o seu velho camarada coronel Luttrell adaptara em hotel. Bárbara sabia que ele se apaixonara por ela, quando era ainda menina de dezassete anos... Pois bem, sugeriu ao marido que a trouxesse também para Styles.

Contudo, Bárbara sabia que Franklin não era homem para conceder um divórcio. Portanto, só lhe restava pensar que, se o marido morresse, ela poderia tornar-se Lady Boyd Carrington. Como seria maravilhoso tornar-se mulher do muito rico Sir William!

Norton deve ter esfregado as mãos, de entusiasmo, ao vê-la tão propícia para uma das suas manipulações.

Bárbara começou por demonstrar, ostensivamente, quanto admirava o marido, chegando a exagerar um pouco, quando murmurou pensar em aliviá-lo do seu peso morto e em "acabar com tudo aquilo". Depois, utilizou uma linha de dissimulação inteiramente nova e ardilosa: mostrou-se receosa com o perigo que Franklin corria se experimentasse, em si próprio, o veneno de fisostigmina. Não para envenenar-se, obviamente, mas apenas para observar cientificamente os efeitos, como outros sábios já o têm feito. E nisto também exagerou, considerando-o, imbecilmente, um santo.

Simplesmente, os factos aceleraram-se demasiadamente.

Lembra-se, Hastings, de ter-me contado que Bárbara ficara irritada por ver a enfermeira Craven ler a sina de Boyd Carrington? Esta era uma jovem atraente, de olho atento nos homens. Tentara a sorte com Franklin, sem o menor sucesso. Andava com Allerton, mas sabia que não era o homem que lhe convinha. Inevitavelmente, acabou por deitar os olhos ao rico e ainda encantador Sir William... E acontece que este estava mais do que pronto para ser cativado. Nessa altura já notara que a enfermeira Craven era "muito formosa, saudável e eficiente". As melhores qualidades que um cavalheiro inglês pode encontrar num cavalo. Além disso, viu-a correr lestamente através do campo.

Bárbara Franklin pressentiu o perigo e decidiu agir rapidamente. Quanto mais cedo pudesse mostrar-se uma patética e inconsolável viúva, tanto melhor.

Dessa maneira, depois de uma manhã em que interpretara uma maravilhosa cena de nervos, preparou a cena final.

Afirmo-lhe, meu amigo, que fiquei com imenso respeito pela semente de calabar. Desta vez, a coisa bateu certo. Absolveu o inocente e condenou o culpado.

Mrs. Franklin pediu-lhes que subissem todos ao seu quarto. Ofereceu-vos café, entre lamentos e mimos, e toda a gente a rodeou atenciosamente.

Ora, tal como você me disse, o café dela estava sobre a mesa-estante, e o do marido, ao lado. Foi nessa altura que viram as estrelas-cadentes e correram à varanda. Porém, você, meu nostálgico amigo, ficou com as suas recordações e um problema de palavras cruzadas.

Veja agora se se recorda do que me contou.

Para ocultar aos olhos de Judith a sua emoção, virou a mesa-estante, de onde tirou um livro em que encontrou a citação de Shakespeare que, momentos antes, Boyd Carrington mencionara. Não foi isso?

Pois ao rodar o pequeno móvel, numa meia volta de cento e oitenta graus, você fez com que Mrs. Franklin bebesse o café drogado com alcalóide de semente de calabar, que ela destinara ao marido, e este ingeriu o conteúdo inócuo da chávena que a sua bela envenenadora antes tivera em frente.

Compreendi o que realmente acontecera, porque era a única coisa que podia ter acontecido, naquelas circunstâncias, mas nunca poderia prová-lo.

Não podendo prová-lo, as suspeitas de envenenamento intencional e homicídio premeditado recairiam sobre John Franklin

ou... sobre a sua Judith.

Ora, tanto um como outro estavam completamente inocentes. Que queria que eu fizesse?

Testemunhei ter visto Mrs. Franklin sair do laboratório com um frasco na mão e mostrar-se assustada ao reparar em mim.

O peso de toda a minha carreira de detective ajudou. Se um homem com a minha experiência criminal testemunhava (com plena convicção de que se tratava de suicídio), uma atitude tão suspeita de Mrs. Franklin, o investigador seria naturalmente induzido a optar por essa solução. Foi o que aconteceu.

Isso deixou-o, a si, deveras confuso, chegando a discutir o caso comigo mas, misericordiosamente, não chegou a suspeitar do perigo que então pairara sobre a cabeça inocente de sua própria filha.

Mais tarde, sim, seria possível que a dúvida lhe assaltasse o espírito: "Teria Judith...?"

É por essa razão que lhe escrevo. Precisa de saber a verdade.

Só houve uma pessoa a quem a solução de suicídio não agradou: a Norton.

Como lhe disse, ele era um sádico. Precisava de toda a gama de emoções de suspeita, medo e punição. Foi privado de tudo isso. O assassínio que tão cuidadosamente preparara diluíra-se num suicídio...

Portanto, mon ami, decidi que o que tinha de ser feito, deveria executar-se imediatamente. Arranjei as coisas de maneira que

você trouxesse Norton ao meu quarto. Vou contar-lhe, agora, exactamente, o que aconteceu.

Sem dúvida alguma, Norton desejaria narrar-me a sua versão da história, de maneira a implicar Franklin e Judith no crime, mas não lhe dei tempo. Disse-lhe clara e definitivamente tudo quanto sabia a seu respeito.

Nem se deu à farsa de negá-lo. Não, mon ami, recostou-se na cadeira e sorriu tolamente. Mais oui... tolamente, é o termo. Perguntou-me que tencionava eu fazer com aquela minha divertida ideia. Respondi-lhe que estava disposto a executá-lo.

- Ah, estou a ver - motejou. - O punhal ou a taça de veneno?

Iamos, nesse mesmo momento, tomar uma chávena de chocolate. Eu sabia que ele era guloso. Tínhamos duas chávenas limpas, em nossa frente e servimo-nos cordialmente, do mesmo bule.

- O mais simples - disse-lhe eu -, seria a taça de veneno.

- Nesse caso - propôs -, importa-se que beba pela sua chávena ou vê algum inconveniente em beber pela minha?

Era uma troca escusada, já que os recipientes sé apresentavam bem lavados e enxutos e o chocolate provinha da mesma fonte.

- Certamente - anuí. - A sua hora ainda não chegou, Norton, e não tenciono suicidar-me.

Como já lhe disse, meu caro amigo, eu também tinha cápsulas soporíferas. Simplesmente, como durante um longo

período começara a toma-las quotidianamente, o meu organismo adquirira uma forte tolerância àquela droga e a dose que iria, agora, pôr Mr. Norton a dormir, causar-me-ia a mim, bem pouco efeito.

O hipnótico fora diluído no chocolate contido no mesmo bule de que ambos nos servíramos. Bebemo-lo até à última gota. Ele confiante no que eu acabara de dizer-lhe e eu não só na minha habituação, mas também na dose aumentada do meu tónico de estricnina, que ingerira, instantes antes de lhe dizer para entrar, quando batera à porta do quarto.

E chegamos assim ao último capítulo, meu caro Hastings. O soporífero exerceu sobre ele a sua acção normal e quase nada me afectou. Quando o vi adormecido profundamente, transferi-o para a minha cadeira de rodas e conduzi-o para junto da janela, ocultando-o atrás dos espessos cortinados. Então chamei Curtiss.

- Ponha-me na cama - indiquei. Quando o meu criado saiu do quarto, esperei que tudo se aquietasse. Levantei-me, fui buscar Norton à janela e levei-o para o seu quarto. Só restava utilizar-me dos ouvidos e olhos do meu querido amigo Hastings.

Talvez você não se tivesse apercebido de que eu usava chino. Muito menos, de que tinha agora um bigode falso. Nem George o sabe. Quando o dispensei dos serviços e admiti Curtiss, disse a este que queimara, por acidente, as guias do bigode, pelo que mandara fazer uma réplica exacta.

Enverguei o roupão multicolor de Norton, levantei uma madeixa do meu cabelo grisalho, caminhei ao longo do corredor e rocei, sonoramente, com as costas da mão pela sua porta, meu

amigo. Você abriu-a, com olhos sonolentos, e viu Norton dirigir-se ao quarto. Ouviu-o fechar a porta à chave, pelo lado de dentro, não é verdade?

Era exactamente isso que eu pretendia de si, em Styles: os seus olhos e os seus ouvidos.

No quarto de Norton, vesti-lhe o roupão, deitei-o na cama e, com a pequena pistola que eu comprara, em tempos, no estrangeiro, dei-lhe um tiro na testa. Devo explicar-lhe, porém, que por duas vezes (quando Norton tinha saído de manhã cedo) mandara Curtiss fazer-me um recado e deixei essa pistolinha sobre a mesa-de-cabeceira de Norton, para que a criada de quarto notasse a sua existência.

Depois de disparar a arma, de fraca detonação, quase inaudível nessa noite de trovoada (e aguardei um longo ribombar de trovão para fazê-lo, por pura precaução, já que eram muito frequentes e se prolongaram durante quase toda a noite), meti-lhe a chave na algibeira do roupão.

Saí do quarto e fechei a porta, à chave, pelo lado de fora.

Lembra-se de eu lhe ter dito que me tinham roubado a chave, logo nos primeiros dias após a minha chegada a Styles?

Então, rodei a cadeira até ao meu quarto.

Há ainda uma ou duas coisas que gostaria de acentuar.

Os crimes de Norton tinham sido perfeitos. O meu, não foi. Nem pretendi que fosse.

A maneira mais fácil... a melhor, de matá-lo, era fazê-lo

abertamente, descaradamente. Bastava-me ter-lhe metido a arma na mão, depois desfechado o tiro, e toda a gente teria concluído:

- Oh, o pobre Norton! Não reparou que estava carregada. Que lamentável acidente!

Mas não escolhi essa saída..

Vou dizer-lhe porquê.

Unicamente, Hastings, porque quis ser desportivo.

Mais oui, desportivo! Tantas vezes você me censurou de o não ser que, desta vez, resolvi fazer jogo franco consigo. Dei-lhe uma possibilidade de desvendar a solução, seguindo as regras do jogo; uma oportunidade de descobrir a verdade.

No caso de não acreditar, deixe-me enumerar-lhe as pistas.

As chaves.

Você sabe, porque lho disse, que Norton chegara a Styles depois de mim. Você sabe, porque lho disse, que mudei de quarto pouco tempo depois de cá ter chegado. E sabe também, porque não deixei de dizer-lho, desportivamente, que a chave do meu quarto desaparecera, pelo que tivera de mandar fazer uma outra. Lembra-se?

Ora, eu mudei de quarto, quando Norton chegou, para que ele ocupasse aquele onde eu estivera e do qual possuía uma chave. Sim, a que desaparecera.

Portanto, quando você se inquiriu, intrigado, quem poderia ter morto Norton, tendo ele a chave do seu quarto na algibeira do

próprio roupão... a resposta correcta seria: Hercule Poirot, a única pessoa que mandara fazer um duplicado de uma chave, quando estivera noutro quarto.

Bastar-lhe-ia ter perguntado em que quarto eu estivera antes da mudança e logo compreenderia que a chave original não fora perdida.

Agora, vejamos: o homem que você viu na passagem do corredor.

Insisti consigo na pergunta, quanto a estar, ou não, certo de que fora Norton a pessoa que vira naquela noite. Você chegou a inquirir-me se eu estava a sugerir-lhe que não era Norton quem você vira.

Lembra-se de ter-lhe chamado a atenção para a altura dele? Até sublinhei o facto de mais nenhum dos outros hóspedes serem da altura de Norton e você concordou que todos os restantes eram mais altos. Mas havia um homem, em Styles, tão baixo como Norton: Hercule Poirot. Na realidade, até mais baixo, mas é sempre fácil aumentarmos a altura dos tacões dos sapatos e foi o que fiz.

Você raciocinou sempre sob a impressão de que eu estava inválido. E porquê? Apenas porque eu lho disse.

Eu despedira George. Porquê? Foi essa a última indicação que lhe dei: "Vá e fale com George."

Otelo e Clutie John demonstraram-lhe que X era Norton. Agora, quem poderia ter morto Norton?

Somente Hercule Poirot.

Desde que tivesse suspeitado disso, tudo o mais se encaixaria no seu devido lugar. Deveria ter-se informado junto dos médicos que me haviam tratado, no Egipto; interrogado o meu médico assistente de Londres. Qualquer deles lhe afirmaria ser falso estar eu impossibilitado de andar.

George testemunhar-lhe-ia usar eu um chino.

E devia ter notado que arrasto uma perna, ao andar, ainda mais do que Norton.

Para terminar, voltemos ao assunto do tiro de pistola.

Foi essa a minha única fraqueza. Devê-lo-ia ter atingido na têmpora do lado direito, já que Norton não era canhoto, mas não pude dominar-me. Era dificultar-lhe muito a pista. Além disso, era contra a minha tendência natural. Não, não o faria. Disparei a bala, num ponto central, absolutamente simétrico, a meio da fronte. Ora, você sabia que sou doente por simetria.

Oh, Hastings, Hastings! Só esse pormenor bastaria para indicar-lhe a verdade.

Durante tantos casos criminais em que actuámos juntos, a simetria foi sempre uma inclinação minha, lembra-se?

Talvez você tenha suspeitado da verdade. Talvez, ao ler-me neste momento, você sinta que já o soubera.

Por outro lado, creio que não. Você é demasiado confiante.

Tem uma natureza demasiado pura. Que mais posso dizer-lhe? Penso que tanto Franklin como Judith descobriram a verdade, mas não lha disseram. Esses dois conseguirão ser felizes. Serão sugados por inúmeros insectos tropicais, padecerão de febres incómodas (todos nós temos o direito de opinião sobre o que é uma vida perfeita, não será assim?), mas serão felizes.

E você, meu pobre e solitário Hastings! Ah, o meu coração sangra por si, meu querido amigo.

Quererá, por uma última vez, seguir um conselho do seu velho Poirot?

Logo que tenha lido esta longa carta, apanhe um comboio, ou um carro, ou uma série de autocarros e vá à procura de Elizabeth Cole que é também Elizabeth Litchfield. Diga-lhe que você também podia ter feito o que fez a irmã dela, Margaret... só que esta não teve a protegê-la um Poirot vigilante.

Livre-a do pesadelo que a persegue e prove-lhe que o pai não foi morto por Margaret, mas por esse simpático amigo da família, o "honesto lago", Stephen Norton.

Porque, meu amigo, não está certo que uma mulher com as suas qualidades, ainda nova e muito atraente, se recuse a viver, só por acreditar que ficou "marcada".

Diga-lhe isso, meu amigo, e não se esqueça de que, na verdade, você é um homem que ainda pode despertar interesse a uma mulher.

Eh bien, não tenho mais a dizer-lhe. Não sei, Hastings, se o que fiz está justificado, ou não. Realmente, não sei.

Não acredito que um ser humano deva executar a Lei por suas próprias mãos... mas, por outro lado, eu sou a Lei! Quando era novo e pertencia à Polícia belga, tive de matar um desesperado que se sentara em cima de um telhado e disparava sobre quem passava na rua. Num estado de emergência, proclama-se a lei marcial.

Tirando a vida a Norton, salvei outras vidas... vidas inocentes. Talvez o que fiz esteja certo, porém, eu, que sempre me mostrei tão seguro dos meus actos e raciocínios, desta vez, desta vez, não sei...

Adeus, cher ami. Afastei para longe do meu leito as ampolas de nitrito de amilo. Prefiro agora entregar-me às mãos do bon Dieu.

Que o seu castigo ou perdão sejam rápidos!

Não tornaremos a caçar juntos, meu amigo. Foi aqui a nossa primeira caçada... e a nossa última.

Foram bons tempos.

Sim, houve realmente bons tempos...

(Fim do manuscrito de Hercule Poirot)

Nota final: Acabei de ler... Ainda não posso acreditar. .. Mas ele tem razão. Eu devia ter sabido. Devia ter compreendido a verdade, quando vi o orifício da bala tão perfeitamente simétrico, a meio da testa.

Singular (acabo de aperceber-me) o pensamento que se me incrustou na mente, nessa manhã.

O sinal firmado na fronte de Norton... era como a marca de Caim...

Capitão Arthur Hastings

Sobre a Autora

Agatha Christie iniciou sua brilhante carreira literária com o livro "O misterioso caso de Styles" em 1921. Desde seu primeiro romance, revelou uma habilidade fantástica para arquitetar um mistério policial, engendrando uma série de pistas falsas. Ao mesmo tempo, demonstrava um notável senso de observação psicológica.

Nascida em Torquay, na Inglaterra, em setembro de 1891, Agatha Mary Clarissa Miller era filha de mãe inglesa e pai americano, que morreu quando ela ainda era bem criança. Na infância e juventude, dedicou-se com entusiasmo à leitura, e logo descobriu seus autores preferidos. Em vez de histórias de amor, seu interesse voltava-se para Charles Dickens e Conan Doyle, o criador de Sherlock Holmes.

Seus conhecimentos de química, poções e venenos, que têm papel relevante em quase todas as suas tramas, foram adquiridos quando trabalhou como voluntária em um hospital da Cruz Vermelha, durante a Primeira Guerra Mundial, ajudando especialmente os refugiados belgas.

Dame Agatha sempre foi excelente cozinheira, gostava da vida doméstica e odiava a publicidade e as ocasiões em que tinha de aparecer em público. Construía seus mistérios caminhando pelos parques ou devorando maças em grande quantidade, durante seus banhos de imersão. Lia muita poesia moderna e detestava o revólver e o punhal: "Prefiro as mortes por envenenamento", costumava declarar.

"A participação do leitor ê essencial. Ele deve desvendar o mistério lentamente, como se estivesse sendo envenenado." Tão traduzida quanto Shakespeare, com quase quatrocentos milhões

de exemplares vendidos, a "dama do crime" é a responsável pela quarta tiragem mundial de todos os tempos: à sua frente estão apenas Lênin, Júlio Verne e Liev Tolstói.

Ao falecer, em 1976, deixou uma obra que continua a merecer a admiração de leitores do mundo inteiro.